

C. L. R. James

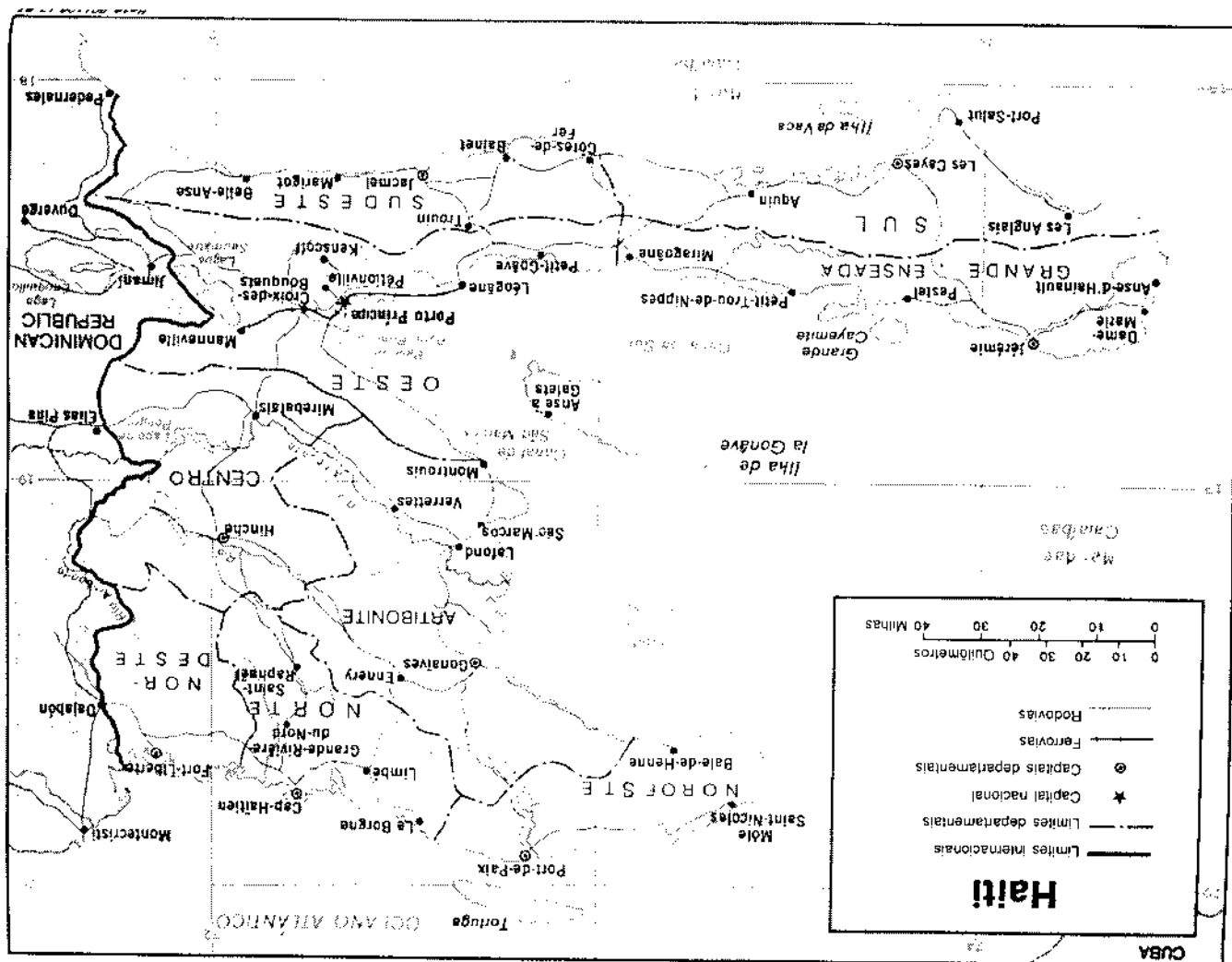


OS JACOBINOS NEGROS

Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos

Tradução
Afonso Teixeira Filho

BOITE-LETTRE
EDITORIAL



Título original: *The Black Jacobins*

Copyright © 1938, 1963, 1980 by C.L.R. James
Copyright © 1994 by Allison & Busby

Copyright © 2000 da tradução brasileira
Boitempo Editorial

Indicação editorial
Flávio Aguiar

Tradução
Afonso Teixeira Filho

Revisão de tradução
Rui Costa Pimenta

Índice remissivo, cronologia e biografia
Afonso Teixeira Filho

Revisão
Áurea Kanashiro

Maurício Balhazar Leal
Sandra Regina de Souza

Capa
Maringoni

(Ilustração extraída de *Nossa América* n.º 3, 1992, Memorial da América Latina)

Editoração eletrônica e tratamento de imagens
Set-up rime Artes Gráficas

Produção gráfica
Marcel Iha

Fotolitos
OESP

Impressão e acabamento
Assabi

ISBN 978-85-85934-48-4

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: agosto de 2000

1ª reimpressão: março de 2007

Todos os direitos reservados à:
BOITEMPO EDITORIAL

Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Euclides de Andrade, 27 - Perdizes
05030-030 São Paulo - SP

Tel./fax: (11) 3875-7285 / 3872-6869
e-mail: editor@boitempoeditorial.com.br

site: www.boitempoeditorial.com.br

Para os meus bons amigos
HARRY e ELIZABETH SPENCER
de Nelson, Lancashire, Inglaterra

SUMÁRIO

Preâmbulo	11
Prefácio à primeira edição	15
Prólogo	19
I. A propriedade	21
II. Os proprietários	40
III. Parlamento e propriedade	71
IV. As massas de São Domingos começam	91
V. E as massas de Paris terminam	120
VI. A ascensão de Toussaint	143
VII. Os mulatos tentam e fracassam	158
VIII. Os brancos escravizam novamente	166
IX. A expulsão dos britânicos	187
X. Toussaint toma o poder	208
XI. O cônsul de ébano	222
XII. A burguesia se prepara	247
XIII. A guerra da independência	264
Apêndice: De Toussaint L'Ouverture a Fidel Castro	343
Bibliografia	373
Cronologia	379
Índice onomástico e remissivo	383
Biografia do autor	394

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO



Em 1789, a colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos representava dois terços do comércio exterior da França e era o maior mercado individual para o tráfico negroiro europeu. Era parte integral da vida econômica da época, a maior colônia do mundo, o orgulho da França e a inveja de todas as outras nações imperialistas. A sua estrutura era sustentada pelo trabalho de meio milhão de escravos.

Em agosto de 1791, passados dois anos da Revolução Francesa e dos seus reflexos em São Domingos, os escravos se revoltaram. Em uma luta que se estendeu por doze anos, eles derrotaram, por sua vez, os brancos locais e os soldados da monarquia francesa. Debelaram também uma invasão espanhola, uma expedição britânica com algo em torno de sessenta mil homens e uma expedição francesa de semelhantes dimensões comandada pelo cunhado de Bonaparte. A derrota da expedição de Bonaparte, em 1803, resultou no estabelecimento do Estado negro do Haiti, que permanece até os dias de hoje.

Essa foi a única revolta de escravos bem-sucedida da História, e as dificuldades que tiveram de superar colocam em evidência a magnitude dos interesses envolvidos. A transformação dos escravos, que, mesmo às centenas, tremiam diante de um único homem branco, em um povo capaz de se organizar e derrotar as mais poderosas nações européias daqueles tempos é um dos grandes épicos da luta revolucionária e uma verdadeira façanha. Por que, e como, isso aconteceu é o tema deste livro.

Devido a um fenômeno observado com frequência, a liderança individual responsável por essa proeza singular foi quase que totalmente trabalho de um único homem: Toussaint L'Ouverture. Beauchamp, na *Biographie Universelle*, chama Toussaint L'Ouverture de um dos mais notáveis homens de uma época repleta de homens notáveis. Ele dominou desde a sua entrada em cena até as circunstâncias retirarem-no dela. A história da revolução de São Domingos será, portanto, em grande medida, um registro das suas façanhas

e da sua personalidade política. O autor acredita, e está convicto de que a narrativa comprovará, que, entre 1789 e 1815, com a única exceção do próprio Bonaparte, nenhuma outra figura isoladamente foi, no cenário da História, tão bem-dotada quanto esse negro, que havia sido escravo até os 45 anos de idade. Contudo, não foi Toussaint que fez a revolução, foi a revolução que fez Toussaint, e mesmo isso não é toda a verdade.

O registro da História torna-se cada vez mais difícil. O poder de Deus ou a fraqueza dos homens, a cristandade ou o direito divino dos reis para governar errado podem facilmente ser responsabilizados pela derrubada dos Estados e pelo nascimento das novas sociedades. Tais conceitos elementares prestam-se ao tratamento narrativo e, desde Tácito até Macaulay ou de Tucídides até Green, os historiadores tradicionalmente famosos foram mais artistas que cientistas: eles escreviam tão bem porque enxergavam tão pouco. Hoje, devido a uma reação natural, tendemos a personificar as forças sociais, com grandes homens sendo meramente, ou quase, instrumentos nas mãos do fatalismo econômico. Como acontece frequentemente, a verdade não está nos extremos, mas no meio. Grandes homens fazem a História, mas apenas aquela história que lhes é possível fazer. A sua liberdade de ação está limitada pelas necessidades do meio. O verdadeiro ofício do historiador consiste em descrever os limites dessas necessidades e a realização, completa ou parcial, de todas as possibilidades.

Em uma revolução, quando a incessante e lenta acumulação de séculos explode em uma erupção vulcânica, onde as torrentes de lava e os jorros meteóricos formam um caos sem sentido e prestam-se ao capricho sem fim e ao romantismo, a menos que o observador os veja sempre como projeções do subsolo, que é o lugar de onde vieram. O autor procurou não apenas analisar, mas demonstrar, em seu movimento, as forças econômicas da época; a forma como moldam, na sociedade, na política e nos homens, tanto os indivíduos como as massas; a maneira pela qual eles reagem ao meio, em um daqueles raros momentos em que a sociedade está em ponto de ebulição e, portanto, fluida.

Para a História, a análise é a ciência, mas a demonstração é uma arte. Os violentos conflitos da nossa era permitem à nossa visão experiente enxergar a própria estrutura óssea das revoluções anteriores mais facilmente do que antes. Mas, por essa mesma razão, é impossível reavivar emoções históricas naquele clima de serenidade que um grande escritor inglês, com excessiva estreiteza, associou com a poesia apenas.

A serenidade hoje ou é inata (a filistéria) ou será adquirida apenas com a anestesia da personalidade. Foi na calma de um subúrbio à beira-mar que puderam ser ouvidos mais clara e insistentemente o estrondo da artilharia pesada de Franco, a matança do pelotão de fuzilamento de Stálin e a impetuosa e estridente agitação dos movimentos revolucionários lutando por luz e influência. Essa é a nossa era e este livro é parte dela, com algo de fervor e de inquietude. Tampouco o autor se lastima dela. Este livro é a história de uma revolução e, se escrito sob diferentes circunstâncias, teria sido diferente, mas não necessariamente melhor.

C. L. R. James

mingos. Assim, o padre e o Rei iniciaram, no mundo, o comércio americano de negros e a escravidão.

O assentamento espanhol, fundado por Colombo, ocorreu no sudeste da ilha. Em 1629, alguns aventureiros franceses encontraram um lar na pequena ilha de Tortuga, distante nove quilômetros da costa norte de São Domingos, e a eles seguiram-se os ingleses e os holandeses, vindos de Santa Cruz. Tortuga era saudável e pela floresta da São Domingos ocidental pastavam milhões de cabeças de gado selvagem que poderiam ser caçadas para a alimentação ou pelo couro. Para Tortuga, vieram fugitivos da justiça, escravos que escapavam das galés, devedores incapazes de saldar seus débitos, aventureiros à procura da sorte ou da fortuna rápida, criminosos de todas as espécies e nacionalidades. Franceses, britânicos e espanhóis trucidaram-se por aproximadamente trinta anos. Os ingleses assumiram de fato a posse de Tortuga durante um certo tempo, mas em 1659 os bucaneiros franceses prevaleceram.

Eles buscavam a suscrania da França e reclamaram um chefe e algumas mulheres. Partindo de Tortuga, formaram uma base firme em São Domingos e se mudaram para lá. Para expulsar esses persistentes intrusos, os espanhóis organizaram uma grande caçada e mataram todos os bois que conseguiram encontrar para poder arruinar o negócio de gado. Os franceses responderam: primeiro, com o cultivo do cacau; depois, com o do anil e do algodão. Já conheciam a cana-de-açúcar. Devido à falta de capital, invadiram a ilha inglesa da Jamaica e roubaram dinheiro e dois mil negros. Franceses, ingleses e espanhóis invadiam e tornavam a invadir e queimavam tudo. Mas, em 1695, o Tratado de Ryswick² entre França e Espanha deu aos franceses direito legal sobre a parte ocidental da ilha. Em 1734, os colonizadores começaram a cultivar o café. A terra era fértil e a França oferecia um bom mercado. Mas eles tinham falta de mão-de-obra. Além de negros, trouxeram brancos, os *engagés*, que poderiam ser libertados depois de um período de alguns anos. Tão poucos negros foram trazidos, com a justificativa de serem bárbaros ou pretos, que as primeiras leis prescreviam regulamentos semelhantes tanto para escravos negros como para brancos *engagés*. Mas, sob o regime de trabalho daqueles dias, os brancos não puderam suportar o clima. Assim, os escravagistas passaram a trazer mais e mais negros, em uma quantidade que aumentava em milhares a cada ano, a tal ponto que a África chegou a fornecer milhões.

I

A PROPRIEDADE



Os escravagistas agiam predatoriamente nas costas da Guiné e, assim que devastavam uma área, dirigiam-se para o oeste e então para o sul, década após década. Passaram pelo Níger, desceram a costa do Congo, atravessaram Loango e Angola e deram a volta no cabo da Boa Esperança, até chegarem, por volta de 1789, ao distante Moçambique, no lado oriental da África. A Guiné era seu principal território de caça. A partir da costa, organizavam expedições que se aprofundavam pelo interior, onde deixavam os inocentes indígenas lutando uns contra os outros, com armas modernas, por milhares de quilômetros quadrados de território.

A propaganda da época alegava que, por mais cruel que fosse o tráfico, os escravos africanos eram mais felizes na América do que na sua própria civilização africana. A nossa época também é uma época de propaganda. Nós nos sobressaímos aos nossos ancestrais apenas no sistema e na organização; mas eles mentiam com a mesma habilidade e com o mesmo descaramento.

No século XVI, a África Central era um território de paz e as suas civilizações eram felizes¹. Os comerciantes viajavam milhares de quilômetros de um lado ao outro do continente sem serem molestados. As guerras tribais, das quais os piratas europeus afirmavam libertar as pessoas, eram meros simulacros; uma grande batalha significava meia dúzia de homens mortos. Foi sobre um campesinato, em muitos aspectos superior ao dos servos em amplas áreas da Europa, que o comércio de escravos recaiu. A vida tribal foi destruída e milhões de africanos sem tribos foram jogados uns contra os outros. A interminável destruição da colheita resultou no canibalismo; as mulheres cativas se tornavam concubinas e degradavam a condição de esposa. As tribos tinham de suprir o comércio de escravos, ou então elas mesmas

¹ Ver os trabalhos do prof. EMIL TORDAY, um dos maiores eruditos africanos de sua época; particularmente uma conferência realizada em Genebra, em 1931, para uma sociedade de proteção às crianças na África.

² Tratado assinado na cidade de Ryswick, na Holanda, de 20/9 a 30/10/1697, que pôs fim à guerra de coalizão dos Habsburgos. (N. do T.)

seriam vendidas como escravas. A violência e a ferocidade tornaram-se as necessidades para a sobrevivência, e foram a violência e a ferocidade que sobreviveram². Os crânios sorridentes na ponta de estacas, os sacrifícios humanos, a venda dos próprios filhos como escravos: esses horrores foram o produto de uma intolerável pressão sobre os povos africanos, que se tornavam mais ferozes, no decorrer dos séculos, à medida que a exigência da indústria aumentava e os métodos de coerção eram aperfeiçoados.

Os escravos eram colhidos no interior, amarrados juntos uns dos outros em colunas, suportando pesadas pedras de 20 ou 25 quilos para evitar as tentativas de fuga; então, marchavam uma longa jornada até o mar, que, algumas vezes, ficava a centenas de quilômetros e, esgotados e doentes, calavam para não mais se erguer na selva africana. Alguns eram levados até a costa em canoas, deitados no fundo dos barcos por dias sem fim, com as mãos acorrentadas, as faces expostas ao sol e à chuva tropical e com as costas na água que nunca era retirada do fundo dos botes. Nos portos de escravos, eles permaneciam amontoados em um cercado para a inspeção dos compradores. Dia e noite, milhares de seres humanos eram apinhados em minúsculas galerias nos "depósitos de putrefação", onde nenhum europeu conseguiria permanecer por mais de quinze minutos sem desmaiar. Os africanos desmaiavam e se recuperavam ou, então, desmaiavam e morriam; a mortalidade naqueles "depósitos" era maior do que vinte por cento. Do lado de fora, no porto, esperando para esvaziar os "depósitos" assim que eles enchiam, ficava o capitão do navio negro, com a consciência tão limpa que um deles, enquanto enriquecia o capitalismo britânico com os lucros de uma outra remessa, enriquecia também a religião britânica ao compor o hino "Como soa doce o nome de Jesus!"³.

Nos navios, os escravos eram espremidos nos porões uns sobre os outros dentro de galerias. A cada um deles era dado de um metro a um metro e meio apenas de comprimento e de meio metro a um metro de altura, de tal maneira que não podiam nem se deitar de comprido e nem se sentar com a postura reta. Ao contrário das mentiras que foram espalhadas tão insistentemente sobre a docilidade do negro, as revoltas nos portos de embarcação e a bordo eram constantes. Por isso os escravos tinham de ser acorrentados: a mão direita à perna direita, a mão esquerda à perna esquerda, e atrelados em colunas a longas barras de ferro. Nessa posição eles permaneciam durante a

viagem, sendo levados ao tombadilho uma vez por dia para se exercitar e para permitir que os marinheiros "limpassem os baldes". Mas, quando a carga era rebelde ou o tempo estava ruim, eles permaneciam no porão por semanas. A proximidade de tantos corpos humanos nus com a pele machucada e supurada, o ar fétido, a disenteria generalizada e a acumulação de imundícies tornavam esses buracos um verdadeiro inferno. Durante as tempestades, os alçapões eram pregados com tábuas e naquela fechada e repugnante escuridão eles eram arremessados de um lado a outro pelo balanço do navio, mantidos na mesma posição pelas correntes nas suas carnes sangrentas. Nenhum lugar na Terra, observou um escritor da época, concentrou tanta miséria quanto o porão do navio negro. Duas vezes por dia, às nove e às quatro horas, eles recebiam a comida. Para os traficantes de escravos, eram artigos de comércio e nada mais. Um capitão, que havia sido apanhado pela calmaria, ou por ventos adversos, ficou conhecido por ter envenenado a sua carga⁴. Um outro matou uma parte de seus escravos para alimentar com a carne deles a outra parte. Morriam não apenas por causa do tratamento, mas também de mágoa, de raiva e de desespero. Faziam longas greves de fome; desatavam as suas cadeias e se atiravam sobre a tripulação numa tentativa inútil de revolta. O que poderiam fazer esses homens de remotas tribos do interior, no mar aberto, dentro de um barco tão complexo? Para avivá-los os ânimos, tornou-se costume levá-los ao tombadilho uma vez por dia e obrigá-los a dançar⁵. Alguns aproveitavam a oportunidade para pular ao mar gritando em triunfo enquanto se afastavam do navio e desapareciam sob a superfície.

Por medo da carga, uma crueldade selvagem se desenvolvia na tripulação. Um capitão, para inspirar terror nos escravos, matou um deles e reparou seu coração, seu fígado e suas entranhas em trezentas partes, obrigando os outros escravos a comê-las, ameaçando aqueles que não o fizessem com o mesmo suplício⁶.

⁴ Ver PIERRE DE VAISSIÈRE, *Saint-Domingue* (1629-1789), Paris, 1909. Este contém um resumo admirável.

⁵ Ver o poema "O navio negro", de CASTRO ALVES: "Era um sorbo dantesco... O tombadilho \ Que das luzernas avermelha o brilho, \ Em sangue a se banhar. \ Tinir de ferros... estalar do açoite... \ Legiões de homens negros como a noite, \ Horrendos a dançar... (...) Presa nos elos de uma só cadeia, \ A multidão faminta cambaleia, \ E chora e dança ali! (...) No entanto o capitão (...) \ Diz do fumo entre os densos nevoeiros: \ 'Vibrai rijo o chicote, marinheiros! \ Fazei-os mais dançar!...'". (N. do T.)

⁶ DE VAISSIÈRE, *Saint-Domingue*, p. 162.

² Ver a conferência do prof. TORDAY mencionada acima.

³ JOHN NEWTON (1725-1807), *Olney Hymns* 1779, "How sweet the name of Jesus sounds" (N. do T.).

Esses sucessos não eram raros. Devido às circunstâncias, tais acontecimentos eram, e são, inevitáveis. Tampouco o sistema poupava os traficantes de escravos. Todos os anos, um quinto daqueles que tomavam parte no tráfico africano morria.

Toda a América e as Índias Ocidentais compravam escravos. Quando o navio alcançava o porto, a carga era levada para as docas para ser vendida. Os compradores examinavam-na à procura de defeitos: olhavam os dentes, beliscavam a pele e, ocasionalmente, provavam o suor para ver se o sangue do escravo era puro e se a sua saúde era tão boa quanto a sua aparência. Algumas mulheres, fingindo curiosidade, examinavam os escravos de tal maneira que, se usassem da mesma liberdade com um cavalo, seriam escoiceadas por vinte metros ao longo das docas. Mas os escravos tinham de suportar. Então, para recuperar a dignidade que pudesse ter perdido após realizar um exame tão íntimo, a compradora cuspiu na face do escravo. Tendo-se tornado propriedade de seu dono, ele era marcado em ambos os lados do peito com um ferro em brasa. As suas tarefas eram-lhe explicadas por um intérprete e um padre o instruíam nos primeiros princípios do cristianismo⁷.

O forasteiro em São Domingos era acordado pelo estalo do chicote, pelos gritos sufocados e gemidos profundos dos pretos que viam o sol surgir apenas para amaldiçoá-lo por mais um dia de trabalho e de sofrimento. As suas tarefas começavam ao raiar do dia; às oito horas, eles paravam para um rápido desjejum e trabalhavam de novo até o meio-dia. Retomavam às duas horas e seguiam até tarde, algumas vezes até as dez ou onze horas da noite. Um viajante suíço⁸ deixou-nos uma famosa descrição das turnas de escravos no trabalho: "Eram aproximadamente cem homens e mulheres de diferentes idades, todos ocupados em escavar valas em uma plantação de cana; a maioria deles estava nua ou coberta apenas por trapos. O sol brilhava com toda a força sobre suas cabeças; o suor rolava de todas as partes dos seus corpos; seus membros, dobrados pelo calor, fatigados pelo peso das picaretas e pela resistência do solo argiloso cozido sob o sol tropical, duro o bastante para quebrar as ferramentas, faziam um esforço excessivo para vencer qualquer obstáculo. Um silêncio lúgubre reinava. A exaustão estava estampada em cada face, e a hora do descanso não havia chegado ainda. O olho sem

piedade do encarregado de patrulhar o grupo de escravos e os capatazes armados de longos chicotes moviam-se periodicamente entre eles dando vergastadas cortantes naqueles que, esgotados pela fadiga, eram obrigados a descansar: homens ou mulheres, crianças ou velhos". Esse não era um quadro isolado: as culturas de açúcar demandavam um trabalho árduo e contínuo. A terra tropical é cozida e endurecida pelo sol. Em volta de toda a carreira de terra destinada para a cana era necessário cavar uma larga vala para assegurar a circulação de ar. Os brotos de cana exigiam cuidados nos primeiros três ou quatro meses e atingiam a maturidade entre quatorze e dezoito meses. A cana podia ser plantada e crescia em qualquer época do ano, e a primeira colheita era o sinal para a imediata escavação das valas e para um novo plantio. Uma vez cortadas, eram levadas imediatamente para o moinho para evitar que o seu suco se tornasse ácido pela fermentação. A extração desse suco e a manufatura do açúcar bruto continuavam durante três semanas em um mês, de dezesseis a dezoito horas por dia, e eram realizadas durante sete ou oito meses por ano.

Colocados para trabalhar como animais, os escravos eram alojados também como animais em cabanas construídas ao redor de uma praça, com provisões e frutas. O tamanho dessas cabanas variava de sete a oito metros, com aproximadamente quatro metros de largura por cinco de comprimento, divididas em dois ou três cômodos, separados por precárias divisórias. Não havia janelas e a luz entrava apenas pela porta. O chão era de terra batida; a cama, de palha, de peles ou apenas uma tosca rede estendida entre dois postes. Nelas, dormiam indiscriminadamente a mãe, o pai e as crianças. Indefesos contra os seus senhores, eles enfrentavam o trabalho excessivo, que tinha como complemento habitual uma alimentação fraca. O Código Negro, uma tentativa de Luís XIV para assegurar aos escravos um tratamento humano, estabelecia que deveriam ser-lhes dados, todas as semanas, dois portos e meio de mandioca, três de farinha, um quilo de carne salgada ou um quilo e meio de peixe conservado em sal, que era aproximadamente o que um homem saudável precisava para três dias. Em vez disso, os seus senhores lhes davam três liros de uma farinha grossa, arroz, ou ervilhas e meia dúzia de arenques. Esgotados pelas suas tarefas que duravam o dia todo e iam até altas horas da noite, muitos não se animavam a cozinhar e acabavam por comer a comida crua. A ração era tão pequena e dada tão irregularmente que, com frequência, na última metade da semana não comiam nada.

Mesmo as duas horas que lhes eram dadas na metade do dia, os dominhos e os feriados não serviam para o descanso, mas para que cultivassem uma

⁷ Esse era o começo e o fim de sua educação.

⁸ GIROD-CHANTRANS, *Voyage d'un suisse en différentes colonies*, 1785, p. 137.

pequena porção de terra para complementar a sua ração incerta. Os escravos que trabalhavam duro cultivavam vegetais e criavam galinhas para vender nas cidades, conseguindo algum dinheiro para comprar rum e tabaco; aqui e acolá, um Napoleão das finanças, fosse por sorte ou por talento, poderia levantar o bastante para comprar a própria liberdade. Seus senhores os encontravam nessa prática de cultivo, pois nos anos de escassez os negros morriam aos milhares, as epidemias estouravam, os escravos fugiam para a floresta e as plantações eram arruinadas.

A dificuldade consistia no fato de que, embora fossem apanhados como animais, transportados em cercados, atrelados para trabalhar ao lado de um cavalo ou de um burro sendo ambos feridos pelo mesmo chicote, colocados em estábulos e deixados para morrer de fome, eles permaneciam, apesar de suas peles negras e dos seus cabelos encaracolados, quase irrisoriamente seres humanos; com a inteligência e os rancores dos seres humanos. Para amedrontá-los e torná-los dóceis era necessário um regime de calculada brutalidade e de terrorismo, e é isso o que explica o extraordinário espetáculo de proprietários despreocupados em preservar as suas propriedades: tinham antes de cuidar da própria segurança.

Pela menor falta, os escravos recebiam a mais dura punição. Em 1685, o Código Negro autorizara o chicote, e em 1702 um colonista, um marquês, acreditava que qualquer punição que demandasse mais de cem chibatadas era o suficiente para ser levada às autoridades. Depois, o número foi fixado em 39, subindo mais tarde para cinquenta. Mas os senhores não prestavam atenção a essas regras e os escravos eram, não muito raramente, açoitados até a morte. O flagelo não era uma simples cana ou uma corda tecida, como determinava o Código. Algumas vezes, era substituída pelo *rigoise* ou correia grossa de couro de vaca, ou então pelas *lianes*, que eram juncos que cresciam no local, flexíveis e maleáveis como barbatanas de baleia. Os escravos recebiam o chicote com mais regularidade e certeza do que recebiam a comida. Era o incentivo para o trabalho e o zelador da disciplina. Mas não havia engenho que o medo ou uma imaginação depravada não pudesse conceber para romper o ânimo dos escravos e satisfazer a luxúria e o ressentimento de seus proprietários e guardiães: ferros nas mãos e nos pés; blocos de madeira, que os escravos tinham de arrastar por onde quer que fossem; a máscara de folha de lata, projetada para evitar que eles comessem a cana-de-açúcar, e o colar de ferro. O açoite era interrompido para esfregar um pedaço de madeira em brasa no traseiro da vítima; sal, pimenta, cidra, carvão, aloé e cinzas quentes

eram deitadas nas feridas abertas. As mutilações eram comuns: membros, orelhas e, algumas vezes, as partes pudendas para despojá-los dos prazeres aos quais eles poderiam se entregar sem custo. Seus senhores derramavam cera quente em seus braços, mãos e ombros; despejavam o caldo fervente da cana nas suas cabeças; queimavam-nos vivos; assavam-nos em fogo brando; enchiam-nos de pólvora e os explodiam com uma mecha; enterravam-nos até o pescoço e lambuzavam as suas cabeças com açúcar para que as moscas as devorassem; amarravam-nos nas proximidades de ninhos de formigas ou de vespas; faziam-nos comer os próprios excrementos, beber a própria urina e lambe a saliva dos outros escravos. Um senhor ficou conhecido por, em momentos de raiva, lançar-se sobre os seus escravos e cravar os dentes em suas carnes⁹.

Essas torturas, tão bem comprovadas, eram habituais ou meros incidentes isolados, extravagâncias de uns poucos colonistas meio malucos? Embora seja impossível verificar as centenas de casos, as evidências mostram que essas práticas bestiais eram características normais da vida do escravo. A tortura com o chicote, por exemplo, tinha "milhares de requintes", mas havia variedades tão comuns que recebiam nomes especiais. Quando as mãos e os braços eram amarrados a quatro postes fincados no chão, dizia-se que o escravo estava submetido aos "quatro postes"; se o escravo ficava amarrado a uma escada, era a "tortura da escada"; se suspenso pelos quatro membros, era a "rede de dormir" etc. A mulher grávida não era tampouco poupada aos "quatro postes"; um buraco era cavado na terra para acomodar a criança ainda não nascida. A tortura da argola estava especialmente reservada para as mulheres suspeitas de aborto, e nunca era retirada de seus pescoços até que paríssem a criança. Explodir um escravo tinha uma expressão: "queimar um pouco de pólvora no rabo de um preto". Obviamente, não se tratava apenas de uma perversão, mas de uma prática estabelecida.

Após um exame exaustivo, o melhor que De Vaissière pôde dizer foi que havia bons e maus senhores e a sua impressão, "mas apenas uma impressão", era a de que aqueles eram mais numerosos do que estes.

Há, e sempre haverá, os que, envergonhados do comportamento de seus antepassados, tentam, e tentarão, provar que a escravidão não era assim tão

⁹ *Saint-Domingue*, p. 153-94. DE VAISSIÈRE utiliza-se principalmente de relatos oficiais dos arquivos da França Colonial, além de outros documentos do período, fornecendo a referência específica em cada caso.

ruim, apesar de tudo; que seus males e suas crueldades residiam no exagero de propagandistas e não na sorte habitual dos escravos. Homens dirão (e aceitarão) qualquer coisa para fomentar o orgulho nacional ou aliviar uma consciência pesada. Sem dúvida, havia outros senhores que não praticavam tais requintes de crueldade e cujos escravos sofriam apenas pelo excesso de trabalho, de desnutrição e por causa do chicote. Entretanto, os escravos em São Domingos não podiam repor o próprio número pela reprodução. Após aquela terrível viagem pelo oceano, era comum que as mulheres ficassem estéreis durante dois anos. A vida em São Domingos matava-as com rapidez. Os colonistas deliberadamente faziam-nas trabalhar até a morte, sem esperar as crianças crescerem. Mas os apologistas profissionais eram auxiliados pelos escritos de uns poucos observadores da época que descreviam cenas de beleza idílica. Um deles foi Vaublanc, a quem deveremos encontrar de novo, e cujos testemunhos entenderemos melhor quando soubermos mais sobre ele. Em suas memórias¹⁰ ele nos mostra uma plantação na qual não existiam prisões, nem masmorras e tampouco punições a serem mencionadas. Se o escravo estava nu, devido ao clima, isso não constituía um mal, e aqueles que se queixavam esqueciam-se dos trapos bastantes nojentos que eram vistos com tanta frequência na França. Os escravos estavam livres dos trabalhos insalubres, fatigantes e perigosos como aqueles realizados pelos trabalhadores na Europa. Eles não tinham de descer nas entranhas da terra, nem de cavar poços profundos; não construíam galerias subterrâneas; não trabalhavam naquelas fábricas onde os trabalhadores franceses respiravam um ar mortífero e infectado; não subiam em telhados altos e nem carregavam fardos enormes. Os escravos, ele concluía, tinham um trabalho leve para fazer e estavam contentes em fazê-lo. Vaublanc, que em São Domingos mostrava-se tão compadecido dos sofrimentos dos trabalhadores na França, teve de fugir às pressas de Paris, em agosto de 1792, para escapar à ira dos operários franceses.

Malouet, que era funcionário nas colônias e o colega reacionário de Vaublanc, contrário a qualquer mudança nas colônias, também procurava dar uma idéia dos privilégios da escravidão. A primeira coisa que notou foi que o escravo, ao atingir a maioridade, começava a desfrutar "dos prazeres do amor", e seu senhor não tinha interesse em evitar que ele se apegasse a esses gostos¹¹. A defesa da propriedade pode levar até mesmo um homem

inteligente, conhecido em sua época por ter compaixão dos negros, a tais loucuras atrevidas.

A maioria dos escravos se acostumava a essa incessante brutalidade devido a um profundo fatalismo e a uma estupidez brutal diante de seus senhores.

— Por que tu maltratas tua mula desse jeito? perguntou um colonista a um carreteiro.

— Se eu não trabalho, eu apanho; se ela não trabalha, eu bato nela. Ela é meu negro!

Um velho negro, que teve a orelha decepada e estava condenado a ter a outra decepada também, implorou ao Governador para poupá-lo, pois se ela fosse cortada ele não teria onde colocar o seu toco de cigarro. Um escravo, mandado por seu senhor ao jardim do vizinho para roubar, foi apanhado e levado de volta ao homem que apenas alguns minutos antes o enviara àquela missão. O seu senhor ordenou que lhe fossem dadas cem chibatadas, às quais o escravo submeteu-se sem sequer murmurar. Quando apanhados em delito, eles persistiam em negar com a mesma estupidez fatalista. Um escravo foi acusado de roubar uma pomba. Negou. A pomba foi descoberta escondida sob a sua camisa.

— Que pombinha esperta! Pegou minha camisa para fazer um ninho!

Apalpando a camisa de outro escravo, um senhor pôde sentir as batatas que aquele negara ter roubado.

— Não são batatas, dizia, são pedras!

Quando foi despido, as batatas caíram no chão.

— Ei, amo, o diabo é malandro. Eu coloquei pedras e, olhe, o senhor encontrou batatas!

Durante os feriados, quando não estavam trabalhando em suas hortas particulares, ou dançando, sentavam-se por horas a fio em frente às suas choças sem aparentar sinais de vida. Esposas e maridos, crianças e pais, eram separados de acordo com a vontade do senhor; e um pai e um filho, que se encontraram depois de muitos anos, não se saudaram e nem sequer demonstraram algum sinal de emoção. Muitos escravos nem mesmo se mexiam, a não ser que fossem vergastados¹². O suicídio era um hábito comum, e era tal

¹⁰ Citadas exaustivamente por DE VAISSIÈRE, p. 198-202.

¹¹ DE VAISSIÈRE, p. 196.

¹² Embora possa parecer incrível, o barão de Wimpffen dá esses fatos como testemunhados pelos seus próprios olhos. Seus registros da visita a São Domingos, em 1790, é um trabalho

o desprezo que tinham pela existência que, muitas vezes, os escravos tiravam a própria vida não por motivos pessoais, mas apenas para irritar os seus donos. Viver era duro e a morte, acreditavam, significava não apenas a libertação mas a volta à África. Aqueles que queriam acreditar e convencer o mundo de que os escravos eram brutos e semi-humanos, condizentes apenas com a escravidão, podiam encontrar amplas evidências para essa crença, sobretudo nessa sua mania homicida.

Envenenamento era o seu método. Uma amante envenenaria a sua rival para conservar o valioso afeto de seu senhor inconstante. Uma amante rejeitada poderia envenenar o seu senhor, bem como a esposa, os filhos e os escravos dele. Um escravo, privado de sua esposa por um de seus senhores, poderia envenená-lo, e esse era um dos motivos mais frequentes para o envenenamento¹³. Se um colonista alimentasse uma paixão por uma jovem escrava, a mãe desta poderia envenenar a esposa dele, com a intenção de colocar sua filha no comando das tarefas domésticas. Os escravos envenenariam as crianças mais novas dos senhores para assegurar que a herança da propriedade recalsse em apenas um filho. Por esse meio, eles evitavam que a plantação fosse dividida em várias propriedades dispersando o seu grupo. Em certas fazendas, os escravos dizimavam a sua própria população por envenenamento com a finalidade de mantê-la pequena e evitar que os seus senhores os colocassem em projetos mais amplos que poderiam aumentar o trabalho. Por essa razão, um escravo envenenaria a própria esposa; outro, as próprias crianças. Uma enfermeira negra declarou no tribunal que durante anos vinha envenenando todas as crianças que ela ajudava a trazer ao mundo. Enfermeiras empregadas em hospitais envenenavam soldados doentes para se livrar da tarefa desagradável de assisti-los. Os escravos poderiam mesmo envenenar a propriedade de um senhor querido. Se ele estivesse indo embora, envenenavam as vacas, os cavalos e as mulas; assim, as plantações eram deixadas em desordem e o senhor amado era obrigado a permanecer. O mais terrível de todos esses assassinatos a sangue-frio era, porém, a "doença da mandíbula", uma doença que atacava apenas as crianças nos primeiros dias de suas vidas. As suas mandíbulas ficavam de tal maneira fechadas que era impossível abri-las para que a criança pudesse ingerir alguma coisa, e em

consequência disso acabavam morrendo de fome. Não era uma doença natural e nunca atacava crianças de mulheres brancas. Apenas as parturientes negras poderiam causá-la, e acreditava-se que elas realizavam uma pequena operação nos recém-nascidos que resultava na "doença da mandíbula". Qualquer que fosse o método, essa doença causava a morte de aproximadamente um terço das crianças nascidas nas fazendas.

Qual era o nível intelectual desses escravos? Os colonistas, que os odiavam, chamavam-nos de todos os nomes infames que pudessem imaginar. "Os negros", diz um relato publicado em 1789, "eram injustos, cruéis, bárbaros, semi-humanos, traiçoeiros, pérfidos, ladrões, bebedores, arrogantes, preguiçosos, sujos, sem-vergonhas, furiosamente ciumentos e covardes." Era devido a sentimentos como esses que eles procuravam justificar as crueldades abomináveis que praticavam. E tomavam muito cuidado para que o negro permanecesse a fera bruta que eles queriam que fosse. "A segurança dos brancos exigia que mantivéssemos os negros na mais profunda ignorância. Cheguei ao ponto de acreditar firmemente que os negros deveriam ser tratados como animais." Essa era a opinião do Governador de Martinica, expressa em uma carta ao ministro, e essa era também a opinião de todos os colonistas. Com exceção dos judeus, que não poupavam energias para converter os seus escravos em israelitas, a maioria dos colonistas mantinha religiosamente qualquer instrução, fosse ela religiosa ou não, longe dos escravos.

Naturalmente, havia todo tipo de homem entre eles, desde antigos chefes tribais, como era o caso do pai de Toussaint L'Ouverture, até homens que tinham sido escravos em seus próprios países. O crioulo era mais dócil do que o escravo nascido na África. Alguns diziam que era mais inteligente. Outros duvidavam que houvesse muitas diferenças, ainda que o escravo crioulo conhecesse a língua e estivesse mais familiarizado com o ambiente e com o trabalho. Contudo, aqueles que se deram ao trabalho de observá-los longe de seus senhores e no convívio entre si não deixaram de ver a extraordinária agilidade intelectual e a vivacidade espiritual que tanto distingue seus descendentes nas Índias Ocidentais de hoje. O padre Du Tertre, que os conhecia bem, observou o orgulho secreto e o sentimento de superioridade que tinham em relação aos seus senhores; a diferença entre o comportamento que assumiam diante dos seus senhores e aquele que tinham longe deles. De Wimpffen, observador excepcional e destro viajante, ficou também admirado com essa dupla personalidade dos escravos: "É preciso ouvir com que calor e com que verbosidade, combinados com uma grande precisão de

clássico. Uma boa seleção, com várias notas completas, foi publicada com o título *Saint-Domingue à la veille de la Révolution*, por Albert Savine, Paris, 1911.

¹³ Ver *Kenya* do dr. NORMAN LEYS, Londres, 1926, p. 184: "Alguma rivalidade em relação a uma mulher nativa seria a provável explicação para muitos dos crimes de violência cometidos pelos africanos contra os europeus no Quênia".

idéias e acuidade de julgamento, essa criatura, pesada e taciturna durante todo o dia, agora agachada perto da fogueira, conta histórias, conversa, gestícula, argumenta, opina, aprova e condena tanto o seu senhor como qualquer um à sua volta". Era essa inteligência que se recusava a ser esmagada, essas possibilidades latentes, que assustava os colonistas, como continua a assustar os brancos na África de hoje. "Nenhuma espécie de homem possui mais inteligência", escreveu Hilliard d'Auberteuil, um colonista, em 1784, e o seu livro foi proibido.

Mas não é preciso nem educação, nem coragem para nutrir um sonho de liberdade. Nas suas cerimônias de vodú, seu culto africano, à meia-noite, eles dançavam e cantavam geralmente esta canção predileta:

E! E! Bomba! Heu! Heu!

Canga, bafio té!

Canga, mouné de lé!

Canga, do ki la!

Canga, li!

"Juramos destruir os brancos e tudo o que possuem; que morramos se falharmos nesta promessa!"

Os colonistas conheciam essa canção e tentaram eliminá-la, bem como o culto do vodú com o qual ela estava associada. Foi inútil. Por mais de duzentos anos, os escravos cantaram-na em suas reuniões, da mesma maneira que os judeus cantavam na Babilônia as saudades de Sião¹⁴, e como hoje os bantos cantam em segredo o hino nacional da África¹⁵.

Nem todos os escravos, entretanto, submetiam-se a esse regime. Havia uma pequena casta privilegiada: capatazes das turmas, cocheiros, cozinhei-

ros, criados, arrumadeiras, enfermeiras, companhias femininas e outros criados domésticos. Esses retribuía o tratamento gentil que recebiam e a vida comparativamente fácil com um forte apego aos seus senhores, o que permitiu que historiadores *tory*¹⁶, distintos professores e sentimentalistas representassem a escravidão nas fazendas como uma relação patriarcal entre senhores e escravos. Impregnados dos vícios de seus senhores e senhores, esses serventes de altos postos davam-se arde de arrogância e desprezavam os escravos do eito. Vestidos com roupas de seda com bordados, enfeitadas pelos seus senhores, davam bailes nos quais, como macacos amestrados, dançavam minuets e quadrilhas e faziam mesuras e reverências ao modo de Versalhes. Mas um pequeno número deles aproveitava essa posição para se educar, adquirir um pouco de cultura e aprender tudo o que pudesse. Os líderes das revoluções foram geralmente aqueles que tiveram a capacidade de lucrar com o benefício da cultura do sistema que combatiam, e a revolução de São Domingos não foi uma exceção a essa regra.

Christophe, mais tarde Imperador do Haiti, era um escravo que trabalhava como servente em um hotel público em Cabo François e, nessa função, aproveitou para adquirir conhecimentos sobre as pessoas e sobre o mundo. Toussaint L'Ouverture¹⁷ também pertenceu a essa pequena casta privilegiada. Seu pai, filho de um pequeno chefe na África, depois de aprisionado na guerra, foi vendido como escravo e fez a viagem em um navio negroiro. Foi comprado por um colonista com uma certa sensibilidade que, reconhecendo que esse negro era uma pessoa fora do comum, permitiu-lhe gozar de um pouco de liberdade na fazenda e deu-lhe cinco escravos para cultivar uma horta. Tornou-se católico, casando-se com uma mulher que, além de bonita, também era uma boa pessoa, e Toussaint seria o mais velho entre os oito filhos do casal. Perto da casa-grande, vivia um velho negro chamado Pierre Baptiste, notável pela sua integridade de caráter e dotado de algum conhecimento. Os negros falavam um baixo francês conhecido por *créole*. Mas Pierre sabia francês, um pouco de latim e também um pouco de geometria, que tinha aprendido com um missionário. Pierre Baptiste tornou-se padrinho de Toussaint e ensinou ao afilhado os rudimentos do francês. Utilizando-se dos serviços da Igreja católica, instruiu-o nos rudimentos do latim. Toussaint aprendeu também a desenhar. O jovem escravo cuidava dos reba-

¹⁶ Os conservadores, que se sentavam à direita no Parlamento inglês. (N. do T.)

¹⁷ Quando escravo, era chamado de Toussaint Bréda.

¹⁴ Salmo 136 (137) da Bíblia: «Junto dos rios de Babilônia, ali nos assentamos e pusemos a chorar, lembrando-nos de Sião». (Tradução do pe. FIGUEIREDO.) Um dos temas mais recorrentes da literatura, vemos-lo no poema "Super Flumina Babylonis", do inglês A. C. SWINBURNE: "By the waters of Babylon we sat down and wept, / Remembering thee, / That for ages of agony hast endured, and slept, / And wouldst not see; e no fabuloso "Babel e Sião", de CAMÕES: «Sóbolos rios que vão / Por Babilônia, me achei, / Onde sentado chorei / as lembranças de Sião». Aparece também na ópera *Nabucco*, de G. VERDI, no coro *Va pensiero* e também em um poema de BYRON. (N. do T.)

¹⁵ Tais observações, escritas em 1938, pretendiam usar a revolução de São Domingos como um prenúncio para o futuro colonial da África.

nhos e das manadas, e essa foi a sua primeira ocupação. Seu pai, porém, como muitos outros africanos, tinha um certo conhecimento sobre plantas medicinais e ensinou a Toussaint o que sabia. Os elementos de uma educação, seu conhecimento sobre ervas e sua inteligência fora do comum fizeram com que ele se destacasse e se tornasse cocheiro de seu senhor. Isso proporcionou-lhe meios adicionais de conforto e para poder educar-se a si mesmo. Por fim, foi designado administrador de todos os bens vivos da fazenda, o que era um cargo de responsabilidade, normalmente ocupado por um branco. Se a genialidade de Toussaint veio de onde vêm os gênios, por outro lado várias circunstâncias contribuíram para que ele tivesse pais excepcionais, amigos e um senhor gentil.

Mas o número de escravos que ocupavam posições com tais oportunidades desera infinitamente pequeno em comparação às centenas de milhares que suportavam nas suas costas atiradas toda a estrutura social de São Domingos. Nem todos submetiam-se a isso. Aqueles cuja audácia de espírito via a escravidão como uma coisa intolerável e se recusavam a deixá-la pelo caminho do suicídio acabavam fugindo para as montanhas e florestas, onde formavam bandos de homens livres, os quilombolas. Fortificavam seus refúgios com paliçadas e valas. As mulheres os seguiam. Eles se reproduziam. E durante os cem anos que antecederam 1789 os quilombolas representaram uma fonte de perigos para a colônia. Em 1720, mil escravos fugiram para as montanhas; em 1751, havia pelo menos três mil deles. Normalmente formavam bandos separados, mas periodicamente encontravam um chefe que era forte o suficiente para unir os diferentes agrupamentos. Muitos desses líderes rebeldes inspiravam terror no coração dos colonistas devido às suas incursões nas fazendas e à força e determinação da resistência organizada por eles contra as tentativas de exterminá-los. O maior desses chefes foi Mackandal¹⁸.

Mackandal concebeu o audacioso plano de unir os negros e expulsar os brancos da colônia. Era um negro vindo da Guiné, que tinha sido escravo no distrito de Limbé, o qual mais tarde se tornaria um dos grandes centros da revolução. Mackandal era um orador, na opinião de um branco contemporâneo, e com a mesma eloquência dos oradores europeus daqueles dias, dife-

rente apenas na força e no vigor, em que lhes era superior. Destemido, embora maneta devido a um acidente, tinha uma fortaleza de espírito que sabia preservar mesmo em meio à mais cruel das torturas. Ele dizia poder prever o futuro; como Maomé, teve revelações; convenceu seus seguidores de que era imortal e exercia sobre eles um tal domínio que consideravam uma honra servi-lo de joelhos. As mulheres mais formosas brigavam pelo privilégio de serem admitidas em seu leito. O seu bando não saía apenas para pilhar fazendas por toda a parte, mas o próprio chefe percorria essas fazendas para converter escravos para o seu bando, estimular seus seguidores e aperfeiçoar o seu grande plano de destruição da civilização branca de São Domingos. Uma massa sem instrução, percebendo a possibilidade da revolução, começa normalmente pelo terrorismo, e Mackandal visava libertar seu povo por meio do envenenamento. Durante seis anos, construiu sua organização, e ele e seus seguidores envenenavam não apenas brancos mas membros desobedientes do próprio bando. Então, planejou que em determinado dia a água de todas as casas na capital da província seria envenenada, e os brancos seriam atacados durante as suas convulsões e angústias de morte. Possuía listas com todos os membros de seu partido em cada um dos bandos de escravos; designou capitães, tenentes e outros oficiais; dispôs que os bandos de negros deveriam deixar a vila e se espalhar pela planície para massacrar os brancos. A sua temeridade foi a causa da sua queda. Um dia, ele foi até uma fazenda, embebedou-se e foi traído. Capturado, foi queimado vivo.

A revolta de Mackandal não se realizou e foi o único indício de uma tentativa de revolta organizada durante os cem anos que precederam a Revolução Francesa. Os escravos pareciam eternamente resignados, embora de vez em quando um escravo fosse alforriado ou comprasse a própria liberdade de seu dono. Dos seus senhores não partia nenhuma conversa sobre uma futura emancipação. Os colonistas de São Domingos diziam que a escravidão era necessária, e para eles o assunto estava encerrado. A legislação sobre a proteção dos escravos existia apenas no papel, devido à regra que reza que um homem pode fazer o que quiser com a sua propriedade. "Todas as leis a favor dos negros, por mais humanas e justas que possam parecer, significarão sempre uma violação dos direitos de propriedade se não forem patrocinadas pelos colonistas (...). Todas as leis sobre propriedade são justas apenas se apoiadas pela opinião daqueles que estão interessados nelas como proprietários." Essa era ainda a opinião dos brancos no começo da Revolução Francesa. Não apenas os fazendeiros mas as autoridades deixaram bem claro que, quaisquer que fossem as penas para os

18 Mackandal faz parte do romance do cubano ALEJO CARPENTIER *El reino de este mundo*, cujo cenário é, principalmente, o Haiti da época da revolução. (N. do T.)

maus-tratos aos escravos, elas nunca seriam aplicadas. Os escravos poderiam entender que tinham direitos, o que seria fatal para a paz e para o bem da colônia. Eis por que um colonista nunca hesitava em mutilar ou em matar um escravo que lhe tinha custado milhares de francos. "A Costa do Marfim é uma boa mãe", dizia um provérbio colonial. Os escravos poderiam ser sempre comprados e os lucros seriam sempre altos.

O Código Negro foi promulgado em 1685. Um século depois, em 1788, o caso Le Jeune¹⁹ expôs as verdades da lei do escravo e da justiça do escravo em São Domingos.

Le Jeune era um plantador de café de Plaisance. Suspeitando que a mortalidade entre os seus negros era devida ao envenenamento, matou quatro deles e tentou extrair confissões de duas mulheres sob tortura. Queimou seus pés, pernas e cotovelos, enquanto as mantinha bem amordaçadas, e então retirava, nos intervalos da tortura, a mordada na expectativa de que confessassem. Ele não obteve nada e ameaçou todos aqueles escravos que entendiam o francês de que iria matá-los sem piedade se eles se atrevessem a denunciá-lo. Mas Plaisance, na densamente povoada Província do Norte, sempre foi o centro dos escravos mais avançados, e quatorze deles foram até Le Cap e denunciaram Le Jeune à Justiça. Os juízes não puderam fazer nada além de aceitar as acusações. Nomearam uma comissão que investigou a fazenda de Le Jeune e confirmou o testemunho dos escravos. A comissão encontrou de fato as duas mulheres trancafiadas e acorrentadas, ainda vivas, mas com as pernas e cotovelos em decomposição; uma delas tinha o pescoço tão dilacerado por uma argola de ferro que não conseguia sequer engolir. Le Jeune insistia que eram culpadas pelos envenenamentos que havia tanto tempo vinham devastando a sua fazenda, e como prova forneceu uma caixa apanhada em posse das mulheres. Isto, ele disse, contém veneno. Mas, quando a caixa foi aberta, descobriram que não continha nada além de tabaco comum e fezes de rato. A defesa tornou-se impossível e, quando as duas mulheres morreram, Le Jeune desapareceu bem a tempo, antes de ser levado para a prisão. O caso estava esclarecido. Na audiência preliminar, os quatorze negros repetiram as acusações que fizeram anteriormente, palavra por palavra. Contudo, sete brancos testemunharam a favor de Le Jeune e dois de seus ajudantes absolveram-no de todas as

¹⁹ DE VAISSIÈRE, p. 186-8.

acusações. Os colonistas de Plaisance encaminharam uma petição ao Governador e ao intendente em proveito de Le Jeune e exigiram que a cada um dos escravos fossem dadas cinquenta chibatadas por tê-lo denunciado. A Câmara Agrícola de Le Cap pediu que Le Jeune fosse simplesmente banido da colônia. Setenta colonistas do Norte impetraram uma petição parecida e o Círculo de Filadélfia, um centro cultural de São Domingos, recebeu uma solicitação para que fosse feita uma representação em proveito de Le Jeune. O pai de Le Jeune encaminhou um mandado de intervenção contra um dos investigadores oficiais cujas provas ele impugnou. "Resumindo", escreveram o Governador e o intendente ao ministro, "parece que a segurança da colônia depende da absolvição de Le Jeune". De pendia, se os escravos fossem mantidos no seu próprio lugar. Os juízes, após inúmeros adiamentos, deram um veredicto contrário; as acusações foram declaradas nulas e sem efeito e o caso foi encerrado. O promotor público teve de requerer um apelo perante o Conselho Supremo de Porto Príncipe, a capital oficial da ilha. Todos os brancos de São Domingos ergueram-se em armas. O intendente nomeou o membro mais velho do Conselho como relator, imaginando que ele pudesse assegurar que a justiça fosse feita. Mas no dia do julgamento, temendo uma condenação, ele próprio se ausentou, e o Conselho mais uma vez absolveu Le Jeune. O Governo local podia aprovar as leis que bem entendesse. A São Domingos branca não toleraria nenhuma interferência nos seus métodos de manter os escravos em ordem.

Era esse o problema a ser resolvido.

Esperanças vindas dos colonistas não havia. Na França, o liberalismo continuava sendo uma aspiração e a "curadoria", sua folha de parreira, era ainda desconhecida. Mas na maré do humanitarismo que subia na revolta da burguesia contra o feudalismo, Diderot e os enciclopedistas atacavam a escravidão. "Deixemos as colônias serem destruídas antes que nos tornemos a causa de tantos males", dizia a *Encyclopédie*²⁰ em seu artigo sobre o comércio de escravos. Mas tais ímpetos nem antes e nem então produziram muito efeito. Qualquer ataque verbal contra a escravidão provocava a

²⁰ *Encyclopédie*: publicação francesa da era do Iluminismo, e sua obra principal, dirigida por D'Alembert e Diderot, contou com a colaboração de vários pensadores do século XVIII. (N. do T.)

mofa dos observadores, que nem sempre era injusta. Os seus autores eram comparados a médicos que, em vez de receitar um remédio a um paciente, maldiziam a doença que o consumia.

Mas entre esses oponentes literários à escravidão havia um que, nove anos antes da queda da Bastilha, clamava por uma revolução de escravos com a apaixonada convicção de que era certo que ela viria para libertar a África e os africanos um dia. Era um religioso, o padre Raynal, e ele pregou a sua doutrina revolucionária na *História filosófica e política dos estabelecimentos e do comércio dos europeus nas duas Índias*. Era um livro famoso em sua época e foi parar nas mãos do escravo mais apto a fazer uso dele: Toussaint L'Ouverture.

"A liberdade natural é o direito que a natureza proporcionou para todos disporrem de si mesmos de acordo com a sua própria vontade."

"O escravo, um instrumento nas mãos da perversidade, está abaixo do cachorro que os espanhóis soltaram contra os povos americanos."

"Essas verdades são eternas e memoráveis: os fundamentos de toda a moral, a base de todos os governos; poderão ser contestadas? Sim!"

E a passagem mais conhecida:

"Se apenas o interesse pessoal predomina entre as nações e os seus senhores, é porque um outro poder existe. A natureza fala em sons mais fortes do que a filosofia ou do que o interesse pessoal. Já existem duas colônias estabelecidas de negros fugitivos onde a força e os tratados protegiam-nas de serem tomadas. Esses relâmpagos anunciam o trovão. Um comandante corajoso é tudo de que precisam. Onde está esse grande homem que a Natureza deve aos seus molestados, oprimidos e atormentados filhos? Onde está? Ele aparecerá, não duvidem! Ele apresentar-se-á erguendo o estandarte da liberdade. Esse venerável sinal reunirá em torno dele os companheiros dos seus infortúnios. Mais impetuosos do que as torrentes, eles deixarão em todas as partes a marca indelével do seu justo ressentimento. Em todas as partes, as pessoas abençoarão o nome do herói que terá restabelecido os direitos da raça humana; em todas as partes, erguerão troféus em sua homenagem".

Toussaint leu a passagem inúmeras vezes: "Um comandante corajoso é tudo de que precisam. Onde está?". Um comandante corajoso era preciso. É da tragédia dos movimentos de massa que eles necessitam, mas apenas rara-

mente conseguem encontrar a liderança adequada. Contudo, era preciso muito mais do que isso.

Os homens fazem a sua própria história. E os jacobinos negros de São Domingos fariam a história que mudaria o destino de milhões de homens e o curso econômico de três continentes. Todavia, se é possível aproveitar uma oportunidade, não é possível criá-la. O comércio de escravos e a escravidão estavam firmemente entrelaçados à economia do século XVIII. Três forças: os proprietários de São Domingos, a burguesia francesa e a burguesia inglesa prosperaram sobre a devastação de um continente e a brutal exploração de milhões de seus habitantes. Enquanto essas forças se mantivessem em equilíbrio, o tráfico demoníaco prosseguiria; e assim teria continuado até os dias de hoje. Mas nada, por mais lucrativo que seja, dura para sempre. Desde que o seu próprio desenvolvimento ganhou ímpeto, os fazendeiros das colônias e as burguesias francesa e britânica passaram a gerar pressões internas e a intensificar as rivalidades externas, dirigindo-se cegamente para conflitos e explosões que despedaçariam as bases do seu domínio e criariam a possibilidade da emancipação.

para que também mudassem, e todos concordaram: soldados franceses, os antigos escravos das tropas e todos os seus oficiais, negros e brancos realistas que haviam desertado a República para juntar-se a ele. O seu comportamento na missa era tão devoto que D'Hermona, observando-o comungar certo dia, comentou que Deus, se descesse à terra, não encontraria alma mais pura que Toussaint L'Ouverture. Numa manhã de junho, Toussaint, tendo comungado com sua devoção habitual, investiu sobre o assustado Biassou e debandou as suas tropas. Depois, numa campanha tão brilhante quanto aquela na qual ele havia capturado a linha de campos para os espanhóis, recapturou-a para a França, conquistando-a ou convencendo os comandantes e os homens, de forma que, quando se juntou aos franceses, ele tinha quatro mil soldados, a Província do Norte quase capturada e os espanhóis, Biassou e Jean François não apenas afugentados, mas desmoralizados. Os britânicos, que tinham recebido reforços havia muito esperados, já estavam calculando quanto da São Domingos conquistada eles poderiam surrupiar de seus aliados, os espanhóis. Nesses assuntos, quanto mais temos, melhor para as nossas aspirações, escreveu Dundas a Williamson. Quando estavam justamente prestes a engolir a presa, Toussaint saltou sobre eles com um dos seus pulos de tigre. Capturou todas as suas posições à margem direita do Artibonite, expulsou-os para além do rio e, não fosse por uma sequência de percalços inesperados, teria tomado o seu reduto de São Marcos.

VI A ASCENSÃO DE TOUSSAINT



A relação de forças em São Domingo havia mudado completamente e, embora poucos o reconhecessem na época, Toussaint e os negros seriam, dali em diante, os fatores decisivos da revolução. Toussaint tornou-se o oficial francês no comando de um exército de aproximadamente cinco mil homens, mantendo uma linha de campo ou posições fortificadas entre as Províncias do Norte e a Ocidental e havia penetrado nesta última até a margem direita do Artibonite.

Rigaud, no Sul, adiantou-se sobre Beauvais e estava ocupado na sua própria campanha contra os britânicos. A República, fraca no mar, não podia mandar ajuda. Tanto os britânicos como os espanhóis, graças à frota e à riqueza britânicas, estavam bem supridos de armas e de dinheiro. Os britânicos haviam dominado alguns dos distritos mais férteis da colônia e a anteriormente rica Planície do Norte, que, embora estivesse de novo sob o domínio francês, se encontrava praticamente devastada. Os proprietários tratam a República sempre que podiam. Tudo o que ela podia oferecer era liberdade e igualdade. E era o bastante. Durante anos, Pitt e Dundas continuaram a despejar homens e dinheiro nas Índias Ocidentais contra aqueles que gostavam de chamar de bandidos. Favorecidos pelo clima, os trabalhadores negros, que até havia bem pouco tempo eram escravos, e os mulatos fiéis, liderados pelos seus próprios oficiais, infligiram aos britânicos a mais dura derrota que já ocorreu a uma força expedicionária daquele império entre os tempos de Isabel e a Grande Guerra¹. A história completa permaneceu escondida por mais de um século, até que fosse desenterrada em 1906 por Fortescue, o historiador do Exército britânico. Ele colocou a culpa em Pitt e Dundas, "aqueles que estavam bem prevenidos de que, naquela ocasião, teriam de lutar não apenas contra franceses pobres e doentes, mas contra a população negra das Índias Ocidentais. Até então, eles despejavam as suas

¹ Primeira Grande Guerra (1914-1918), cuja principal causa foi a exclusão da Alemanha do expansionismo colonial, a qual passou a visar, inicialmente, a uma posição nos Bálcãs. (N. do T.)

tropas nessas ilhas pestilentas na expectativa de que, por meio disso, destruiriam o poder da França, apenas para descobrir, quando já fosse tarde demais, que tinham praticamente destruído o próprio Exército britânico”².

Laveaux dirigia agora sozinho a colônia, pois Sonthonax e Polverel foram chamados de volta, acusados, por alguns colonos emigrados, de traição e de todos os tipos de crime. Esses, tendo abandonado a monarquia, juntaram-se aos jacobinos e trataram de fazê-lo muito antes do decreto de 4 de fevereiro. Mas, embora Toussaint, obediente, informasse seu chefe de cada procedimento, estava praticamente livre no comando do contingente das forças e do seu distrito. Tudo dependia do exército. Os soldados de Toussaint eram, na sua maioria, africanos nascidos fora da colônia, incapazes de falar mais do que uma palavra em francês, conforme zombava Jean François. Os oficiais em comando eram, como Toussaint, antigos escravos. Além de Dessalines, havia Christophe, que deixara o hotel para procurar o bando de Toussaint nas montanhas, o irmão deste, Paul L'Ouverture, e Moïse, que tinha atravessado o Atlântico quando criança e fora adotado por Toussaint, passando por seu sobrinho. O exército, com exceção de alguns oficiais brancos, era um exército revolucionário por completo e esse fato constituía a sua maior força.

Se a República, a liberdade e a igualdade eram o moral do exército, seu âmago era o próprio Toussaint. Ele obtivera o seu primeiro comando em outubro de 1792, e em menos de dois anos nós o encontramos escrevendo mais de uma vez que uma longa experiência o ensinara sobre a necessidade de estar ele mesmo no local dos acontecimentos, pois, de outra maneira, nada correria bem.

Sua presença tinha aquele efeito eletrizante característico dos grandes homens em ação. “Eu os fazia enxergar a posição do inimigo e a absoluta necessidade de acabar com ele. Os valentes republicanos, Moïse, J. B. Paparet, Dessalines e Noel, responderam, em nome de todos os chefes, que enfrentariam qualquer tipo de perigo, que iriam para qualquer lugar e que estariam comigo até o fim.” As fileiras, embora exaustas, responderam da mesma maneira e marcharam contra mosquetes e tiros de canhões “sem sacar uma única arma, com as pistolas nas cartucheiras”. “Nada”, dizia Toussaint, “pode-

ria resistir à bravura dos *sans-coulottes*.”³ Certa vez, depois que a munição acabara, lutaram com pedras. Ele vivia junto a seus homens e atacava à frente deles. Se um canhão tinha de ser movido, ele próprio ajudava, e por causa disso esmagou uma das mãos nesse processo. Todos o conheciam há poucos meses, quando era apenas o velho Toussaint. Dividia todas as recompensas e perigos. Mas era contido, impenetrável e rigoroso, com os hábitos e as maneiras dos aristocratas de berço.

“Recebi vossa carta, além das minutas das reuniões”, escreveu ele a alguns oficiais. “Percebi com prazer a maneira pela qual tendes expulsado o inimigo, e só tenho elogios a fazer pelo modo com que os estais exterminando, com a coragem digna dos bons republicanos.”

“Mas vejo, cidadãos, com muita dor, que as ordens que vos dei para manobrar nos territórios do inimigo e expulsá-los de lá não foram colocadas em prática. Se tivésseis concordado com a execução das ordens que vos enviei (...) todos os campos do outro lado do Artibonite teriam sido destruídos. (...) Vós pisoteastes as minhas ordens.”

As suas extraordinárias habilidades, o seu silêncio, a agudeza da sua língua quando falava mantinham à distância mesmo o seu oficial de maior confiança. Eles o adoravam, mas temiam-no mais do que o amavam. Mesmo Dessalines, o Tigre, tinha medo de Toussaint, e essa reserva excessiva e esse distanciamento, embora aumentassem com o tempo — e um dia trariam sérias consequências —, eram de inestimável valor naqueles primeiros dias de anarquia.

As tropas, frequentemente, ficavam sem comida e tinham de procurar a cana-de-açúcar. Mesmo quando algumas armas chegaram, elas não estavam em condições de uso. “Recebi dois mil rifles, mas estavam em más condições. (...) Devo prepará-los, muitos são bastantes curtos e esses eu devo dar aos soldados da cavalaria. (...) Vários dos rifles dos sétimo e oitavo regimentos são inúteis.”

Os britânicos e os espanhóis, tendo tudo do que precisavam e sabendo da condição dos homens de Toussaint, enviavam-lhes agentes para oferecer armas, equipamentos e um bom soldo. Desde Laveaux até os trabalhadores, os britânicos fizeram ofertas em dinheiro, mas não há registros de nenhum

² FORTESCUE, *History of the British Army*, Londres, 1909, v. IV, parte 2, p. 385.

³ Literalmente, “sem calção”, no singular alcunha dada pelos aristocratas franceses aos revolucionários que usavam calças grosseiras em vez de calções. Tornou-se sinônimo de patriota. (N. do T.)

sucesso significativo com os homens de Toussaint. O moral do exército revolucionário estava muito alto.

Toussaint tinha a primazia da liberdade e da igualdade, as palavras de ordem da Revolução. Elas eram grandes armas em uma era de escravos, mas as armas devem ser usadas e ele as usou com a graça e a habilidade de um esgrimista.

Bandos de quilombolas infestaram a zona de guerra e o mais poderoso deles era um grupo de cinco mil homens comandado por Dieudonné. Rigaud e Beauvais estavam tentando obter a sua cooperação, mas Dieudonné não tinha confiança neles, dizendo que não obedeceria a nenhum mulato, e entrou em negociações com os britânicos. Estes fizeram todos os arranjos para comprá-lo para o seu lado, mas o que os atrapalhava decisivamente nessa campanha era a sua política reacionária. Não podiam nem mesmo mentir em larga escala: era muito perigoso, e os seus ricos aliados os tinham deserdado de vez. Tinham de ser tão cautelosos, mesmo que fosse para fazer acordos com Dieudonné, que ele ficou desconfiado e retirou-se. Beauvais e Rigaud ouviram falar das negociações entre os britânicos e Dieudonné e pediram a Toussaint para usar a sua influência. Com apenas uma das cartas que ditava, Toussaint mudaria toda a situação.

"(...) não posso acreditar nos dolorosos rumores, que estão sendo espalhados, de que tu abandonaste teu país para te aliar aos ingleses, inimigos jurados da liberdade e da igualdade.

"Será possível, meu caro amigo, que no exato momento em que a França triunfa sobre todos os realistas e nos reconhece como filhos por meio de seu benévolo decreto do 9 de Termidor, fornecendo-nos todos os direitos pelos quais temos lutado, que tu deixares-te enganar pelos nossos antigos tiranos, aqueles que usam a metade de nossos infelizes irmãos para atar a outra metade às correntes? Por um tempo, os espanhóis cegaram meus olhos, mas não demorei muito para reconhecer a sua canalhice. Eu os abandonei e encontrei-os muito bem. Voltei ao meu país, o qual me recebeu de braços abertos e recompensou-me também. Eu te imploro, meu querido irmão, que sigas o meu exemplo. Se tens razões especiais para desconfiar de generais como Rigaud e Beauvais, do Governador Laveaux, que é um bom pai para todos nós e em quem a nossa pátria-mãe depositou confiança, ela deve ao menos merecer a tua. Tenho esperanças de que não me renegues, pois sou um negro como tu e, asseguro-te, não desejo nada mais que te ver feliz e aos

meus irmãos. Na minha opinião, acredito que a nossa única esperança seja servir à República francesa. É sob a sua bandeira que somos verdadeiramente livres e iguais. É assim que vejo, meu caro amigo, e não creio que eu esteja enganado. (...) A carta merece uma segunda leitura; cada sentença vai diretamente ao alvo.

"Se é possível que os ingleses tenham conseguido convencê-lo, criê em mim, meu querido irmão, abandona-os. Une-te aos honrados republicanos, e juntos botemos esses realistas para fora de nosso país. Eles são patifes que querem nos colocar de novo sob o jugo daquelas vergonhosas correntes que tanto nos custou para quebrar." Ele pedia unidade: "Lembra-te, meu querido amigo, que a República francesa é uma e indivisível e é isso que propõe a sua força e a faz vitoriosa sobre todos os inimigos".

O tempo mostraria até onde Toussaint estava sendo sincero nessas referências constantes à República francesa.

Seus emissários levaram sua carta ao acampamento de Dieudonné e leram-na para a sua tropa que se encontrava reunida. Quando os negros ouviram o que estava sendo lido, irromperam em insultos contra Dieudonné e seus amigos, prova conclusiva de que, embora fossem ignorantes e incapazes de se orientar entre a grande quantidade de proclamações, mentiras, promessas e artimanhas que os cercavam, assim mesmo queriam lutar pela liberdade. Laplume, o segundo em comando de Dieudonné, aproveitando-se dessa desilusão, imediatamente prendeu-o e a dois de seus seguidores. Isso também era obra de Toussaint, que havia instruído seus homens de que, se Dieudonné estivesse completamente persuadido pelos britânicos, teriam de chamar de lado alguns dos chefes e, com "extrema energia", mostrar-lhes que estavam sendo enganados. Dieudonné foi atirado à prisão, mas Laplume, em vez de se juntar a Rigaud ou a Beauvais, juntou-se às forças de Toussaint com três mil homens. Toussaint escreveu apressadamente a Laveaux pedindo-lhe que fizesse de Laplume coronel. "Eu vos asseguro que isso produzirá o melhor efeito", e Laveaux sancionou a indicação. Rigaud e Beauvais dificilmente poderiam ter ficado tão satisfeitos. Uma força de três mil homens era uma imensa aquisição e Toussaint conquistou-a com uma carta e uma delegação.

Se o exército era o instrumento do poder de Toussaint, as massas eram seus alicerces, e seu poder cresceu com a influência adquirida sobre elas. Vindas diretamente do aviltamento da escravidão, elas ingressaram em um mundo de assassinatos indiscriminados e de violência. Os espanhóis convi-

selada por mais da metade do vosso sangue; por quanto tempo serei castigado por ver meus filhos ingênuos fugirem dos conselhos de um pai que os idolatra!" Embora um autocrata, era daquela forma que ele se sentia em relação à sua gente. "São sempre os negros que sofrem o pior!" era uma expressão freqüente em seus lábios; e pôde-se sentir um horror natural nele ao ouvir a notícia de um levante provocado pelos britânicos entre os trabalhadores de um distrito na Província do Norte. "Vós não tereis muita dificuldade em prever de onde vem essa terrível desgraça. É então possível que os trabalhadores sempre sejam os brinquedos e os instrumentos de vingança daqueles monstros que o inferno soltou sobre esta colônia? (...) O sangue de tantas vítimas clama por vingança, e a justiça humana e a divina não podem tardar em deter o culpado."

Ao primeiro aviso de insurreição, ele mesmo acorria. Os distritos mais difíceis ficavam ao redor de Limbé, Plaisance, Marmelade e Port-de-Paix, os primeiros centros da revolta na Província do Norte e destinados a manter o primeiro lugar até o fim. No começo de 1796, por exemplo, Toussaint tomou conhecimento de que os trabalhadores de Port-de-Paix tinham se armado e massacrado alguns brancos. Em uma noite, ele cobriu a longa distância existente entre Verrettes e Port-de-Paix. Chamou os negros para se unirem e fez-lhes uma preleção sobre a maneira pela qual deveriam se comportar. Se fossem ofendidos, assassinatos não seriam o meio para que as ofensas fossem reparadas. Um deles falou por todos:

— Ai de mim, general! Querem nos tornar escravos de novo. Não existe igualdade aqui, como aquela que parece haver lá, no nosso lado do mundo. Olham-nos com maldade, perseguem-nos. (...)

As provisões deles eram levadas por menos do que valiam; os brancos tomavam suas galinhas e seus porcos. Se protestassem, eram jogados nas prisões e para sair de lá tinham de pagar.

— As razões que me destes parecem justas, disse Toussaint, mas mesmo que tivésseis uma casa cheia delas teríeis vos mostrado errados diante dos olhos de Deus!

Eles imploraram-lhe para que os organizasse:

— Organizai rudo, e seremos tão bons que todos serão forçados a esquecer o que acabamos de fazer.

No dia seguinte, Toussaint convocou uma reunião de todos os negros do distrito. Fê-los jurar que trabalhariam duro e que seriam obedientes. Nomeou um comandante. Os trabalhadores gritaram:

daram oitocentos franceses que estavam nos Estados Unidos para retornar a Porto Príncipe. Depois de um sermão, o padre Vasquez deu o sinal a Jean François, que passara a manhã com ele no confessionário. Os soldados espanhóis juntaram-se ao grupo de Jean François e, silenciosamente, mataram mais de mil franceses: homens, mulheres e crianças. Ao menos, não reclamaram suas propriedades de novo. Esses eram os modelos de civilização para aqueles que haviam sido escravos. Grandes extensões de terra da Província Ocidental estavam sendo continuamente castigadas pelas batalhas, devastadas e queimadas. No campo de luta, ricos e pobres, negros e brancos, todos morriam de fome. Não era de admirar que os trabalhadores negros estivessem continuamente em estado de insurreição.

O medo de que a escravidão fosse restabelecida era sempre a causa dos problemas. Os britânicos não pretendiam aboli-la, tampouco os espanhóis. A permissão para que regimentos negros pudessem ser formados só foi concedida em 1795⁴, e mesmo então era terminantemente proibido prometer a liberdade a qualquer um que servisse sob os britânicos⁵. Mas as coisas não podiam continuar assim, e os britânicos levaram os negros a lutar a seu lado como mercenários. Todas as facções ludibriavam os negros ignorantes, manipulando seus temores e acusando as outras facções — os franceses e o próprio Toussaint — de quererem restaurar a escravidão. Os britânicos e espanhóis podiam fazer a sua propaganda acompanhada de ofertas de dinheiro e armas. Jean François disse aos negros que apenas um rei tinha autoridade para torná-los livres e, por conseguinte, eles deveriam lutar ao lado do Rei espanhol. Alguns fazendeiros escondiam o decreto de seus escravos. Os negros já desconfiavam dos latifundiários brancos. Agora, as maquinacões dos britânicos e dos espanhóis estavam ensinando aqueles que começavam a entender a política que todos os brancos nas colônias eram iguais, aves de rapina que se alimentavam da ignorância e da falta de experiência das grandes massas de trabalhadores negros.

Por esses negros, sem disciplina cívica, que se embruteciam em um país dilacerado pela revolução e pela guerra, que sabiam apenas que queriam permanecer livres, embora confundidos e enganados por todas as facções, Toussaint tinha uma profunda e apaixonada simpatia. "Ó meus irmãos africanos!" Assim se dirigiu a eles em uma proclamação. "Vós, que me custastes tantas fadigas, tanto trabalho, tanta preocupação; vós, cuja liberdade está

⁴ FORTESCUE, *History of the British Army*, v. IV, parte 2, p. 452.
⁵ *Ibid.*, p. 469.

— Viva a República! Viva a liberdade, viva a igualdade, viva o Governador Laveaux, viva Toussaint L'Ouverture! E dançaram e aplaudiram quando ele partiu.

Infelizmente, houve outra insurreição logo em seguida, e o líder e doze de seus seguidores foram julgados por um tribunal militar e fuzilados no mesmo dia. Toussaint acorreu novamente e descobriu que os britânicos tinham feito intrigas entre eles, dando-lhes armas e munições. Toussaint não prendeu ninguém, não deu um tiro sequer, mas conversou com eles e pôde levá-los de volta ao serviço.

Nem sempre ele era tão bem-sucedido. "Fui eu mesmo falar-lhes e tentar trazê-los à razão. (...) Eles se armaram e eu recebi, como prêmio por minhas aflições, uma bala na perna, o que até hoje me provoca dor."

Mas os anos de 1795 e 1796 foram marcados pelo aumento da confiança que os trabalhadores da Província do Norte tinham nele, não apenas como soldado, mas como homem devotado ao interesse deles, em quem podiam confiar diante de qualquer dificuldade que se lhes apresentasse. O homem que estava a seu lado na luta contra a escravidão. Devido à atividade incessante em favor deles, ganhou-lhes a confiança, e entre um povo ignorante, faminto, atormentado e nervoso, as palavras de Toussaint, proferidas em 1796, eram lei; podia-se confiar que a única pessoa a quem obedeceriam na Província do Norte era Toussaint.

Mas, apesar da ignorância e da desordem, havia um novo espírito no ar. A São Domingos negra havia mudado e nunca mais seria a mesma, quer lutasse contra os ingleses, espanhóis ou franceses. Mesmo Jean François, realista, rejeitou as propostas de Laveaux com um desprezo marcante. "Até que eu veja o sr. Laveaux e outros cavaleiros franceses do seu gabarito darem suas filhas em casamento a negros, só então acreditarei em sua fingida igualdade."

Todos os negros franceses, desde os trabalhadores de Porto Príncipe que exigiam igualdade até os oficiais do Exército, estavam cheios de um imenso orgulho por serem cidadãos da República francesa "una e indivisível", que trouxe liberdade e igualdade ao mundo. Oficiais de diferentes cores não aceitariam convites oferecidos para um grupo⁶; como bons republicanos, recusariam curvar-se e rastejar diante de um marquês espanhol, que ficava furioso com a impertinência desses negros⁷. Cinco anos de Revolução ha-

viam forjado essas espantosas mudanças. Toussaint sempre se dirigia aos negros como cidadãos franceses: o que a França pensará se souber que a vossa conduta não é digna de verdadeiros republicanos?

Devoção à República e aversão à realeza e a tudo o que ela representava encham os documentos da época. Jean François publicou um decreto "Em nome do Rei, seu Senhor", oferecendo a seus "irmãos" em Dondon provisões, armas e tudo de que precisassem, a partir do momento em que passassem para o lado espanhol. A Municipalidade de Dondon deu-lhe uma resposta cheia de desprezo.

Alguns republicanos propuseram se render? "Se houvesse entre nós homens baixos o suficiente para retomar os seus grilhões, abandoná-los-famos a vós de bom grado. (...)"

"A liberdade que os republicanos nos oferecem dizêis ser falsa. Somos republicanos e, por conseguinte, livres por direito natural. Apenas reis, cujos próprios nomes expressam o que há de mais vil e baixo, se atrevem a atribuir-se injustamente o direito de degradar à escravidão homens como eles, a quem a natureza fez livres."

"O Rei da Espanha vos proveu abundantemente de armas e de munições. Usai-as para apertar ainda mais as vossas cadeias. (...) Quanto a nós, não precisamos mais do que de pedras e paus para fazê-los dançar a carmanhola⁸. (...)"

"Recebestes comissões e tendes garantias. Guardai vossas libré e pergaminhos. Um dia, servir-vos-ão, assim como os pedantes títulos de nossos antigos aristocratas um dia serviram a eles. Se o Rei dos franceses, que arrasta a sua miséria de Corte em Corte, tem necessidade de escravos para auxiliá-lo na sua magnificência, deixai-o procurá-los entre outros reis cujo número de escravos é o mesmo que o de súditos."

"Acabais, vis escravos que sois, por nos oferecer a proteção do Rei, vosso senhor. Aprendei e dizei a Casa Calvo (o marquês espanhol) que os republicanos não podem tratar com um Rei. Deixai-o vir e vinde com ele, estamos prontos para receber-vos como fazem os republicanos. (...)"

Esse era o estilo e o tom de Toussaint e de seus homens. Nem os britânicos, nem os espanhóis poderiam derrotá-los. Tudo o que tinham a oferecer era dinheiro, e há épocas na História humana em que o dinheiro não é suficiente.

Um exército que cresce e a confiança dos trabalhadores negros livres significavam poder. Mas Toussaint percebeu prematuramente que o poder

⁶ *Lettres de Toussaint-L'Ouverture. La Bibliothèque Nationale.*

⁷ *Ibid.*

⁸ Expressão de uma famosa canção francesa da Revolução, a "Ça Ira".

político é apenas um meio para um determinado fim. A salvação de São Domingos dependia da restauração da agricultura. Era uma tarefa quase insuperável em uma sociedade desorganizada, dependente do trabalho de homens que acabavam de sair da escravidão, rodeados por todos os lados pela raivosa cupidez e violência dos franceses, espanhóis e britânicos. Toussaint se referia a isso desde os seus primeiros dias de comando.

"Trabalhar é preciso", clamou, "é uma virtude, é para o bem geral do Estado." Suas regras eram duras. Os trabalhadores eram mandados trabalhar vinte e quatro horas depois que ele assumia o controle de um distrito e autorizava os comandos militares das freguesias a tomarem as medidas necessárias para mantê-los nas plantações. A República, escreveu, não tem utilidade para homens estúpidos e incapazes. Era trabalho forçado e restrição de movimentos. Mas a necessidade não tolerava barreiras. Ele mantinha a confiança dos trabalhadores, pois insistia em que os salários deveriam ser pagos e era firme da mesma maneira com os proprietários brancos. Todos, "proprietários ou não", estavam sob a autoridade de suas respectivas freguesias e fazendas. Se eles não obedecessem, suas propriedades seriam confiscadas. Desde o começo da sua carreira de administrador, Toussaint tinha uma política clara na mente, em relação aos brancos, e ele nunca a modificou.

Ele conhecia esses donos de terra: franceses hoje, ingleses amanhã; realistas, republicanos; completamente sem princípios, exceto na medida em que esses ajudassem a preservar suas fazendas. Todavia, eles tinham o saber, a educação e a experiência de que a colônia precisava caso a prosperidade estivesse para ser restaurada. Havia um trabalhador na França e nos Estados Unidos; tinham cultura, o que apenas uma parte dos mulatos e nenhum dos escravos tinham. Toussaint, por esse motivo, tratava-os com extrema paciência, auxiliado por um caráter íntegro ao qual aborrecia o espírito de vingança e o derramamento de sangue desnecessário de qualquer espécie. "Sem retaliações, sem retaliações!" era a sua constante exortação aos seus oficiais, depois das campanhas. Eram as suas fazendas que esses brancos queriam e ele lhes dava, sempre disposto a esquecer as traições se trabalhassem na terra. Quando Mirabelais foi tomado dos britânicos, Toussaint encontrou entre eles mais de trezentos emigrados da Província do Norte. Teria sido a coisa mais simples livrar-se desses traidores do país e defensores da escravidão. Eles próprios não o teriam poupado, certamente. Convocou-os e fê-los jurar lealdade à República. Alguns que queriam retornar às suas freguesias pediram-lhe passaportes e ele os satisfez. Suas fazendas haviam sido, é claro, confiscadas. Toussaint procedeu a investigações procurando um meio de restituí-las.

Ele indicou brancos para postos governamentais com a confiança dos velhos governantes realistas. "Tornei Guy comandante militar e Debuissou, seu ajudante. São dois franceses corajosos que muito contribuíram para converter seus camaradas cidadãos. (...) Confiei a administração a Jules Borda, que acredito ser um bom republicano e dono da habilidade necessária para levar adiante a sua tarefa. Ele tem a boa vontade de seus camaradas cidadãos, que apóiam minha escolha." Recomendou um outro branco crioulo que o acompanhou em uma expedição: "(...) e que se comportou de maneira honrosa. Estou completamente seguro de seu civismo". O que esses brancos (com as lembranças que tinham do passado) pensavam ao ser observados, inspecionados e admitidos a postos com tanta certeza por alguém que já fora um escravo, ninguém sabe. Mas não há nenhum registro de desrespeito ou hostilidade franca. Talvez eles odiassem em particular esse estado de coisas, mas teria sido difícil obter qualquer resposta nesse sentido. Toussaint tinha o seu exército formado por pessoas oriundas da escravidão, comandado por oficiais da mesma origem, o qual ele mantinha intacto e livre de possíveis elementos de desagregação. Mas era tão sinceramente gentil com os brancos naquela penosa condição, que eles não deixavam de apreciar isso. "Muito me amargura", escreveu a Laveaux, diante das notícias de uma insurreição, "muito me amargura o destino que pesou sobre alguns brancos desafortunados que fracassaram em seus negócios." Assim ele se sentia em relação a toda a gente negra e branca. Os brancos passaram a reconhecer que poderiam confiar nele para protegê-los dos trabalhadores, prontos para dar cabo deles ao menor sinal de retorno à escravidão. Conforme passavam a confiar nele, muitos voltavam para as fazendas. Mulheres brancas contaram a Laveaux da atenção e da ajuda que receberam desse "homem espantoso", e chamavam de pai "o velho que foi escravo" com a sua desprezada pele negra. Nas próprias palavras de Laveaux, a freguesia de Petite-Rivière, onde visitou Toussaint, ofereceu o agradável espetáculo de mostrar mais de quinze mil trabalhadores de volta ao trabalho, todos cheios de gratidão à República: negros, brancos e mulatos; trabalhadores e proprietários; todos abençoavam o "comandante virtuoso" cujo cuidado mantinha a ordem e a paz entre eles.

O que deve ter pensado Laveaux, um conde do *ancien régime*, um francês ilustrado em uma época de luzes, ao receber semanas seguidas essas cartas de Toussaint, um antigo escravo? Algumas delas são magníficas. Toussaint era igualmente mestre na arte da proclamação, da manobra delicada como a sua carta a Dieudonné, ou do despacho militar.

"O inimigo não tomou a precaução de montar na estrada de São Marcos acampamentos de reserva para a garantia da retirada. Usci de uma artimanha para atraí-lo para a estrada. Eis como foi:

"Da estrada de Verretes ele podia enxergar todos os meus movimentos; então, fiz meu exército marchar para Mirabelais, onde o inimigo poderia vê-lo e teria a impressão de que eu estava enviando um grosso reforço para lá. Pouco depois, fiz com que o destacamento voltasse para a cidade de Petite-Rivière, passando por trás de uma colina, sem que fosse percebido. O inimigo caiu direto na armadilha; parecendo apressar a sua retirada. Lancei, então, um grosso contingente de cavalaria através do rio, colocando-me à frente com o objetivo de alcançar o inimigo rapidamente, mantendo-o ocupado para dar tempo à minha infantaria, que vinha atrás com um canhão para juntar-se a mim. Essa manobra foi maravilhosamente bem-sucedida. Eu havia tido o cuidado de enviar um canhão de quatro polegadas de Petite-Rivière até a fazenda Moreau em Detroit para golpear o inimigo no flanco direito durante a sua passagem. Enquanto eu o assediava com a cavalaria, a infantaria avançava em grande velocidade com o canhão. Logo que ela nos alcançou, fiz com que duas colunas passassem, para a direita e para a esquerda, para pegar o inimigo nos flancos. Assim que essas colunas chegaram à distância de um tiro de pistola, servi o inimigo à moda republicana. Ele prosseguiu mostrando sempre uma vanguarda corajosa. Mas o primeiro tiro de canhão que despejei entre seus homens, o qual lhe causou um dano enorme, fê-lo abandonar primeiro uma carroça e depois um canhão. Redobrei a carga e capturei mais três canhões, duas carroças cheias de munição e outras sete cheias de feridos que foram imediatamente enviados para a retaguarda. Então, ocorreu que o inimigo começou a debandar e aqueles que se encontravam na ponta da retirada deram de cara com a boca de um canhão, aquele que eu havia despachado de Detroit para a fazenda Moreau. E quando o inimigo viu-se surpreendido pela frente, pela retaguarda e por todos os lados, aquela bela figura, o impertinente Dessources, pulou do cavalo e atirou-se no mato enquanto os escombros do seu exército gritavam: 'Cada um por si!'. A chuva e a escuridão fizeram-me interromper o encalço. Essa batalha se estendeu das onze da manhã até as seis da tarde e custou-me apenas seis mortos e um número igual de feridos. Cobri a estrada de corpos por uma extensão maior do que uma légua. A minha vitória foi das mais completas e, se o célebre Dessources tiver bastante sorte para entrar em São Marcos novamente, será sem canhão e sem bagagem; em resumo, só com a roupa do corpo, como se costuma dizer. Ele perdeu tudo, até mesmo a honra, se é que um ignóbil realista é capaz de ter honra. E se lembrará, por muito tempo, da lição republicana que lhe dei.

"Tenho o prazer de vos transmitir, general, os louvores que devo a Dessalines. (...) O batalhão de *sans-culottes* acima de todos, que levou chumbo pela segunda vez, demonstrou uma grande bravura."

Eis aí não apenas o soldado nato, mas o escritor nato. O despacho tem a autêntica sineta dos grandes capitães. O destacamento de Dessources era um destacamento famoso de crioulos brancos e a notícia dessa vitória dos *sans-culottes* de ébano sobre os velhos fazendeiros se espalhou por toda a colônia, aumentando o prestígio dos negros e voltando as atenções para Toussaint.

Tanto em administração como em guerra, é a mesma coisa. Laveaux, desde o começo, parecia ter dado carta branca a Toussaint, e o próprio Toussaint assentou-se em um gabinete completo como um ditador fascista, exceto pelo fato de ele mesmo fazer o serviço.

Os britânicos abriram uma brecha no rio Arribonite com a finalidade de inundar a parte baixa da planície e impedir os soldados de Toussaint de avançar. As chuvas alargaram essa brecha de tal maneira que chegou a ter pelo menos sessenta metros. Ele pôs-se a bloqueá-la com raízes, árvores e rochas. Contava com mais de oitocentos homens trabalhando nisso há oito dias já e mantê-los assim aré que terminassem, porque se a brecha fosse deixada no estado em que se encontrava, quando começasse a estação das chuvas, a terra seria devastada pelo transbordamento do rio e o cultivo seria arruinado.

Parece-me, ele advertiu Laveaux, que precisais enviar-me alguns barcos equipados com canhões para atravessar diante de Caracol, Limonade, etc., com o objetivo de impedir que navios, que não participam do conflito, atraiam em qualquer um desses portos. "É do nosso interesse interceptar as provisões e as ajudas que possam receber por mar."

A Espanha e a França assinaram a paz no Tratado de Basileia em setembro de 1795. Toussaint advertiu Laveaux para que não pensasse que os espanhóis se manteriam neutros. Ele os conhecia bem. Odiavam o fato de serem os negros livres e certamente manter-se-iam em contato com os britânicos, e Laveaux deveria continuar, por isso, a vigiar as comunicações.

Ele mudou a cidade de Verretes. Ela estava em posição ruim para a defesa, sendo dominada por terreno circunvizinho. Ele traçou o plano de uma nova cidade no meio de um soberbo cerrado, completamente aberto e plano.

Guerra, polífrica, agricultura, relações exteriores, problemas administrativos de longo alcance, pormenores ínfimos: lidava com eles como quer que viessem; tomava decisões e as comunicava a Laveaux, mas, como era característico do seu tato, sempre como se fosse um subordinado. Quando Laveaux, esquecendo-se do aviso que Toussaint lhe havia dado quanto à traição dos espanhóis, foi castigado por causa disso, Toussaint gentilmente disse: "Eu não falei?". Mesmo as decisões que ele devia saber que eram irrevogáveis, submetia-as à aprovação de Laveaux. Em nenhuma carta pensou ser necessário explicar qualquer acusação ou queixa contra ele por Laveaux; todavia, escreveu: "Receberei sempre com prazer as reprimendas que vós dirigis a mim. Se as merecer, será uma prova da amizade que tendes por mim". Uma forte amizade cresceu entre os dois homens de origens bem diferentes. Foram unidos pela revolução. Laveaux era bondoso, correto e devorado à emancipação do negro. Toussaint, extremamente desconfiado e bastante reservado, tinha fé absoluta em Laveaux e nunca confiou em nenhum outro homem negro, branco ou pardo. Laveaux sentia o mesmo em relação a ele, e uma carta de Laveaux para Toussaint, que sobreviveu, está endereçada ao seu "amigo mais íntimo, Toussaint". Entre todos os problemas, militares, políticos e outros, há esta nota de forte apego mútuo: "Importante. Estou te mandando algumas trufas. Faz o favor de aceitá-las daquele que te deseja a melhor saúde e que te abraça com todo o carinho. Todos os meus oficiais te garantem respeito e fidelidade.

"P. S. General, a nossa ansiedade em te ver cresce a cada dia. Por quanto tempo estaremos privados desse prazer?"

Sete dias depois, parecia que a visita iria acontecer: "Vejo com prazer que tu não tardarás em vir nos visitar. Espero-te com a maior ansiedade, assim como meus homens, que, com muito ardor, desejam te ver e, ao mesmo tempo, demonstrar a afinidade que têm por ti".

Laveaux, está claro na resposta de Toussaint, escreveu usando o mesmo tom. Toussaint agradeceu, com reconhecimento, a graça do seu comandante. "Não sei expressar meu reconhecimento por todas as coisas agradáveis que me disseste e o quanto estou feliz por ter um pai tão bom, que me ama tanto, como tu. Fica certo de que teu filho é teu amigo sincero e que te apoiará até a morte. Meu exército te agradece pelas gentis lembranças e encarrega-me de te assegurar seu apego e sua submissão. (...)

"Eu te abraço com todo o carinho e estejas certo de que participo de todas as tuas dificuldades e preocupações."

A febre amarela dizimou as tropas britânicas, que tiveram milhares de mortes, mas reforços chegavam sempre e o dinheiro era despejado para financiar exércitos de franceses proprietários de escravos, brancos e mulatos, além de tropas negras. Às vezes, as intrigas internas e o dinheiro britânico tornavam a posição de Toussaint muito débil. Mas a liberdade e a igualdade tornavam como Danton sabia que triunfariam. Toussaint e Rigaud colocaram os ingleses em xeque. Victor Hugues derrotou-os batalha após batalha: 1795, diz Fortescue, é o ano mais desafortunado na história das Forças Armadas britânicas. O responsável foi o decreto de 4 de fevereiro. Toussaint, preocupado com tudo, enviou uma delegação pessoal à República na França para provar sua lealdade e informar dos cuidados com os quais ele vinha executando as suas tarefas como soldado e protetor do cultivo, e também, sem dúvida, para explorar a política francesa. Ele não deixava nada escapar. Reuniu os franceses e assumiu o comando em maio de 1794. No começo de 1796, era procônsul em seu distrito, governando e lutando como se não tivesse feito mais nada na vida.

Diante de tamanhas habilidade, energia e fascinação, Laveaux capitulou completamente. Nos primeiros meses de 1796, toda a São Domingos sabia que Toussaint L'Ouverture, o general de ébano, era o primeiro nos conselhos e na afeição do Governador.

X

TOUSSAINT TOMA O PODER



Toussaint, em seus doze anos de política, nacional e internacional, cometeu apenas um engano sério, o qual encerrou a sua carreira. Percebia logo as necessidades estratégicas e jamais hesitava em executar qualquer política exigida por elas. Agora que ele havia dispensado Hédouville, representante oficial do Governo francês e reconhecidamente seu superior, percebeu que tinha de aniquilar o Estado mulato de Rigaud. O grande perigo seria uma expedição francesa, e era suicídio permitir que Rigaud e seus mulatos permanecessem no controle do Sul e do lado ocidental. Eles certamente dariam as boas-vindas a uma força francesa e provocariam a ruína do Estado negro.

É fácil prejudicar Rigaud. Para ele, a França ainda era a pátria-mãe, que tornara os mulatos e negros homens livres. "Aflijo-me ao ver isto, o golpe mais cruel jamais desfechado contra nós em São Domingos, que retornou à vida pela estrada da Revolução. O Diretório verá sua autoridade anulada nesta colônia. Toda a França acreditará que desejamos *nos tornar independentes*¹, como uma turba de tolos já afirma e acredita."

Rigaud enviou seu pedido de demissão a Toussaint. Caso fosse aceito, ele seria inevitavelmente sucedido por Beauvais, e este, com Toussaint e Roume, poderiam talvez tornar a unidade uma certeza. Rigaud suplicou: "Ele [Roume] sem dúvida vos consultará quanto à escolha do meu sucessor. Devo vos assegurar mais uma vez, cidadão geral, da minha fidelidade à França e do meu respeito e imaculada estima pela vossa pessoa". Que desperdício! Que desperdício toda aquela bravura, devoção e sentimentos nobres dedicados a burgueses corruptos e rapaces! Burgueses que ainda eram, aos olhos do desorientado Rigaud, os porta-estandartes da liberdade e igualdade.

Roume recusou-se a aceitar a demissão de Rigaud e, dessa forma, a guerra civil seria inevitável. Com a correspondência que continha a indicação de

Roume, chegaram dois outros maços de cartas. O que eles continham? Não sabemos. Mas podem ter sido instruções para manter as duas partes separadas a qualquer custo. Roume não queria a guerra, mas agiu como se a sua função fosse evitar que chegassem a um entendimento.

O esforço de Rigaud, que pretendia aposentar-se na França, e o tom de suas cartas a Toussaint mostram o quanto ele se sentia inseguro. Mas o Governo francês realizou seu trabalho diabólico com muita habilidade. Hédouville chegou a sugerir que o Diretório poderia jogar sobre ele, publicamente, a culpa pela cisão para não alarmar Toussaint. O Diretório expressou o seu pesar a Toussaint, ao ver Hédouville retornar, mas aparentava manter a confiança em Toussaint. Todavia, Bruix, o ministro colonial, escreveu cordialmente a Rigaud². Talleyrand, ministro das Relações Exteriores, escreveu encorajadoramente tanto a Toussaint³ como a Rigaud⁴. Assim a França mantinha o tacho fervendo alegremente.

Maitland deixou São Domingos em novembro de 1798 e no dia 12 de dezembro saiu a seguinte notícia no *London Gazette*:

"Nenhum acontecimento na história da atual guerra foi mais interessante para a causa da humanidade, ou dos interesses permanentes da Grã-Bretanha, do que o tratado que o general Maitland fez com o general negro Toussaint a respeito da desocupação de São Domingos.

"Por esse tratado, a independência daquela valiosa ilha é reconhecida de fato e será garantida contra todos os esforços que a França possa fazer a partir de agora para reconquistá-la. A Inglaterra não apenas deixará de ter despesas com fortificações e exércitos, mas terá também a vantagem de assegurar para si a exclusividade do comércio com a ilha.

"Toussaint L'Ouverture é um negro e, no jargão da guerra, tem sido chamado de bandoleiro. Mas, segundo todos os relatos, é um negro nascido para justificar os clamores de sua espécie e mostrar que o caráter dos homens é independente da sua cor superficial. Os recentes acontecimentos em São Domingos logo chamarão a atenção do público. Parecem que eles foram calculados para agradar a todos os partidos. É um ponto importante resgatar aquela formidável ilha das garras do Diretório, pois, caso este torne a encon-

² 4 de Ventoso, ano VII (22 de fevereiro de 1799). *Les Archives du Ministère de la Guerre*. B.7 1.

³ SANNON: *Histoire de Toussaint-L'Ouverture*, v. II, p. 148.

⁴ 19 de Germinal, ano VIII (8 de abril). *Les Archives du Ministère de la Guerre*. B.7 1.

¹ A ênfase é de Rigaud.

trar um lugar onde firmar os pés, passará a ameaçar incansavelmente, e talvez até a tomar de assalto, a favorita de nossas possessões nas Índias Ocidentais; e, por outro lado, é também um ponto importante, para a causa da humanidade, que um domínio negro seja de fato constituído e organizado nas Índias Ocidentais sob o comando de um chefe ou rei negro. Aquela raça negra que a cristandade para a infância acostumou-se a degradar. (...) Todo britânico liberal sentirá orgulho de ver o seu país promover a feliz revolução (...)."

Os britânicos, depois de terem sido expulsos da ilha em setembro, em dezembro já posavam como autores da "feliz revolução" e rejubilavam-se com a liberdade de um povo que, para não voltar à escravidão, havia cusado a esses mesmos britânicos a vida de cem mil de seus homens. Além de afagar a vaidade nacional, essa notícia mentirosa seria, é claro, lida pelo Diretório. Tendo, dessa forma, colocado mais uma cunha entre Toussaint e os franceses, Maitland partiu para os Estados Unidos para negociar a divisão do comércio com aquele país.

Harcourt foi enviado antecipadamente a São Domingos, mas Toussaint não queria negociar com os britânicos de jeito nenhum. Ele interpelou Harcourt sobre a notícia que havia aparecido na imprensa. Harcourt respondeu de forma evasiva e teve a estupidez inacreditável de dizer a Toussaint que os britânicos estavam fazendo tais negociações com ele "não tanto devido a quaisquer vantagens militares ou comerciais, mas para testemunhar-lhe a satisfação pela boa-fé e pontualidade na execução dos compromissos (...)".⁵

Quando Maitland foi para os Estados Unidos, descobriu que Toussaint tinha feito seus próprios arranjos com o Governo americano. O presidente já havia autorizado um tratado comercial e indicado um representante para os negócios com São Domingos. Nenhum tipo de pessoa fez os negros sofrerem mais do que os capitalistas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Eles têm sido os mais pertinazes advogados do preconceito racial em todo o mundo. Todavia, os americanos competiam com os britânicos nos cumprimentos ao negro Toussaint e pelo comércio com São Domingos. John Hollingsworth, da John Hollingsworth & Co., escreveu a Toussaint:

"Em vós, eu deposito a mais irrestrita confiança e tenho, além disso, o prazer de acrescentar que, tanto quanto sei, essa confiança é recíproca, o que me conforta bastante, pois tenho advogado a negociação proposta com o maior empenho".⁶

⁵ Sobre essas negociações ver a correspondência de Toussaint recolhida pelos franceses. *Les Archives du Ministère de La Guerre*. B. 7.1.

⁶ *Les Archives du Ministère de la Guerre*. B. 7.1.

Quando os agentes britânicos ficaram sabendo o quanto Toussaint havia avançado em relação aos americanos, deixaram de alegar que estavam negociando apenas para agradá-lo; irritaram-se e disseram que cruzadores britânicos bloqueariam a ilha, se os seus navios não pudessem entrar nos portos nos mesmos termos dos americanos. Eis o dilema de Toussaint. A França estava em guerra com a Grã-Bretanha. Como todos os negros franceses, detestava os ingleses. Mas a economia de São Domingos estava à beira do colapso. E, embora ele tentasse evitar um tratado comercial com os inimigos da França, teve de admitir, finalmente, que navios britânicos, carregando a bandeira dos Estados Unidos ou da Espanha, entrassem nos portos de São Domingos. Roume sugeriu que Toussaint prendesse Maitland, o que teria sido fácil. Recusou e, em vez disso, leu para Maitland a carta de Roume e deu sua própria resposta indignada, repelindo aquela sugestão desprezível. Maitland ficou muito impressionado.

Toda aquela Convenção era irregular. Maitland sabia que Toussaint não tinha autoridade e Toussaint estava ciente de que não tinha nenhuma autoridade. Quando a paz fosse alcançada, todos esses problemas seriam resolvidos. Em todo caso, negociar assim com os britânicos, que na verdade estavam em guerra com a França, era algo perigoso, mas era um ato de sábia e corajosa habilidade política. Mesmo Roume, agente do Governo francês, governo que o tinha colocado numa posição muito difícil, teve de admitir que Toussaint tinha uma justificativa. O próprio Diretório aprovou o acordo feito com os Estados Unidos, no *Moniteur* de 26 de Vendemiário, ano VIII (19 de outubro de 1799).⁷ Toussaint não tentou manter segredo. Admitia abertamente que existiam cláusulas secretas na Convenção (promessas mútuas de que um não atacaria o outro), mas que essas cláusulas secretas eram necessárias para a salvação de São Domingos e não constituíam uma traição para com a França.⁸ Mesmo Rigaud juntou-se ao coro dos elogios: "Embora meus inimigos, sempre prontos a me magoar, tivessem conseguido diminuir a vossa amizade por mim, nem por isso sou menos admirador do vosso talento e do vosso mérito. (...) Ofereço o tributo de louvor que vós mereceis".

Mas o comércio com os Estados Unidos não poderia ter sido arranjado sem o consentimento dos britânicos. Todavia, Rigaud nada disse a respeito disso. Toussaint, por outro lado, excluiu do acordo os portos do Sul. E mes-

⁷ ARDOUIN, *Études sur l'histoire de Haïti* (Paris, 1853), v. IV, p. 46.

⁸ SANNON, *Histoire de Toussaint-L'Ouverture*, v. II, p. 151-2. A Convenção foi impressa na íntegra por SCHOELCHER em *Vie de Toussaint-L'Ouverture*, p. 416-9.

mo antes de ter assinado de fato com Maitland, no dia 13 de junho de 1799, mais uma vez ele tomou a ofensiva contra Rigaud.

Durante uma proclamação pública, Rigaud defendeu-se com paixão comovente das acusações de que não desejava obedecer a Toussaint por ele ser negro.

"Na verdade, se eu tivesse chegado ao estádio no qual não quisesse obedecer a um negro e se tivesse a estúpida presunção de acreditar que estou acima de tal obediência, sob quais argumentos poderia exigir a obediência dos brancos? Que triste exemplo eu estaria dando àqueles que foram colocados sob as minhas ordens? Ademais, existe mesmo tanta diferença entre a cor do comandante-chefe e a minha? Será que é uma tonalidade de cor, mais ou menos escura, que instila os princípios filosóficos ou que incute os princípios em um indivíduo? E, se um homem é de uma cor um pouco mais clara que a de outro, é necessário que aquele seja obedecido em tudo? Eu não estou querendo obedecer a um negro? Ora, pois toda a minha vida, desde o berço, tenho sido obediente a eles. O meu nascimento não é igual ao do general Toussaint? Minha mãe, quem me trouxe ao mundo, não é uma negra? Não tenho eu um irmão mais velho que é negro e pelo qual sempre tive o mais profundo respeito e ao qual sempre obedeci? Quem me transmitiu os primeiros princípios da educação? Não era negro o professor da cidade de Les Cayes? Não está claro que toda a minha vida fui acostumado a obedecer aos negros? E todos sabem que os primeiros princípios permanecem gravados eternamente nos nossos corações. Consagrei toda a minha vida à defesa dos negros. Desde o começo da Revolução enfrentei tudo pela causa da liberdade. Eu não traí os meus princípios e jamais o farei. Além disso, acredito demais nos Direitos do Homem para pensar que na natureza existe uma cor superior a outra. Reconheço em um homem apenas um homem."

Tais palavras não poderiam ter sido escritas antes de 14 de julho de 1789. Como verdadeiro filho da Revolução, Rigaud sentia-se profundamente magoado pelo fato de as pessoas pensarem que o desentendimento que tinha com Toussaint era devido à cor deste. Toussaint também foi enfático e, embora acusasse a classe dos mulatos de conspirar contra ele, desdenhava a acusação de odiar os mulatos mostrando o grande número de mulatos que lutavam no seu exército e contra Rigaud.

"Sem dúvida, as suscetibilidades, os ciúmes nascidos das diferenças de cor, manifestam-se algumas vezes num grau excessivo, mas as exigências do

serviço e a severa disciplina, mais do que nunca, fundiram as três cores nas fileiras do exército. O mesmo estado de coisas existia na administração civil e essa foi uma das conseqüências mais felizes da igualdade política consagrada pelos princípios da Revolução. A rivalidade de cores não era então a causa inicial do conflito que estava começando. Ela o complicou e a diferença de raça tornou-se um dos seus elementos, quando muitos oficiais de cor, em diversas partes do país, ficaram ao lado de Rigaud e Toussaint teve de tratá-los como traidores."

Essa é a opinião do sr. Pauléus Sannon, ele próprio haitiano, e ninguém escreveu com mais sabedoria e profundidade sobre a revolução de São Domingos e Toussaint L'Ouverture. Ele também vê com muita clareza que os mulatos são uma classe intermediária típica, com toda a instabilidade política que lhe é peculiar.

"Sempre houve também uma maior tradição política entre os homens de cor, bem como uma disposição peculiar, notada com freqüência, que tendia a deixá-los particularmente suscetíveis a todas as esperanças e ansiedades que derivavam dos acontecimentos públicos. É essa atitude mental em assumir todas as tendências da guerra de cores que causou a luta entre os chefes militares."

E ele conclui: "Toussaint L'Ouverture não detestava os mulatos mais do que Rigaud odiava os negros. E, se cada qual mal se defendia dos sentimentos contrários que atribuíam ao outro a esse respeito, era porque precisavam ambos da força unida de um partido num conflito em que os partidos se confundiam com as classes e as classes com as cores".

Toussaint, por um momento, parecia disposto a conquistar Beauvais para o seu lado e, por meio dele, aglutinar a colônia. Publicou uma proclamação atacando Rigaud e elogiando Beauvais. Este, devido à amabilidade de caráter que o tornava querido por todos, teve um papel deplorável nessa crise. Caso ele tivesse se declarado audaciosamente a favor de Toussaint, Rigaud mal teria podido lutar, tal eram a sua influência e a importância estratégica do seu comando. Caso ele se declarasse a favor de Rigaud, Toussaint estaria em sério perigo. Mas tão tênue era a amargura devido às classes e aos sentimentos relativos à cor no início da luta, que Beauvais, um mulato entre os

mulatos, não conseguia se decidir. Finalmente, desistiu do comando e viajou para a França, honesto até o fim e incapaz de tomar partido naquela guerra fratricida, maliciosamente iniciada pelos eternos inimigos da paz em São Domingos.

Rigaud atacou primeiro em Petit-Gôave. Mas esse refinado soldado, tão brilhante contra os ingleses, audacioso, tenaz e cuidadoso ao mesmo tempo, estava no seu pior momento nessa campanha crucial.

Enquanto Rigaud hesitava e olhava para a França, Toussaint nada esperava dela. Enviando Dessalines para o Sul, viajou para o Norte para esmagar as revoltas. Os negros livres do Norte estavam se revoltando a favor de Rigaud, e até mesmo Pierre Michel, antigo escravo, juntou-se à revolta contra Toussaint e acabou sendo executado. Diante da velocidade dos movimentos de Toussaint e da execução implacável dos traidores, os rebeldes acovardaram-se. "Punam, até mesmo com a morte, aqueles que tentarem fazer o menor movimento."

Apesar da vacilação de Rigaud, o Sul dos mulatos lutou magnificamente no princípio. Todo o seu orgulho foi despertado e a sua amargura pode ser compreendida. Havia o velho ódio entre mulatos e negros. Toussaint havia tentado diminuí-lo, mas ele ainda persistia. Os irmãos Rigaud e outros líderes mulatos tinham um grande histórico de sucessos militares e administrativos, desde os primeiros dias da revolução. As vitórias de Rigaud contra os britânicos eram quase tão importantes quanto as de Toussaint. O moral da população mulata era elevado: quando as cidades eram sitiadas pelos ingleses, as mulheres corriam ao longo das fortificações auxiliando os homens, com o destemor e o desprendimento que revelavam a sua disposição revolucionária. Todos os mulatos eram devotados à República. Rigaud havia executado sem piedade os mulatos traidores, apesar de as mulheres mulatas haverem pedido de joelhos que eles fossem poupados. Ele havia deportado os brancos emigrados. Eles acreditavam que Toussaint, enganado pelos antigos brancos e vendido aos ingleses, contra quem eles haviam derramado tanto sangue, era ao mesmo tempo um traidor da República e um tirano procurando estabelecer uma dominação negra. Eles lutavam como tigres.

A guerra, finalmente, dependia do destino de Jacmel, bloqueada por terra e por mar. Durante cinco meses, Jacmel resistiu sob o comando de Pétion, oficial excepcionalmente capaz que havia desertado das tropas de Toussaint. Os sitiados comiam os cavalos, os cães, os gatos, os ratos, couro velho, a grama das ruas, até que não havia mais nada para comerem. Rigaud,

estranhamente inativo, lutou irresolutamente, esperando pela França. Finalmente Jacmel não conseguiu resistir mais. A guarnição faminta cortou caminho através dos homens de Dessalines e a vitória final de Toussaint parecia mais perto.

Bonaparte, vitorioso nas lutas internas da burguesia que buscava o poder, ainda estava muito ocupado na Europa para se preocupar com São Domingos. Mas Hédouville assegurou-lhe que Toussaint estava vendido aos ingleses. A conversa de Toussaint com Moïse havia sido transcrita pelo secretário branco de Moïse¹⁰ e enviada à França. O relatório de Vincent¹¹, todavia, era inteiramente favorável a Toussaint. Isso não alterou os planos de Bonaparte, mas Toussaint tinha que ser agradado por enquanto. Bonaparte indicou uma nova Comissão, composta por Vincent, Raimond e o general Michel, para promover a paz entre os dois combatentes. Bonaparte soube por Vincent que Toussaint era o protetor dos europeus e, o que era mais importante, o homem mais poderoso da colônia. Ele confirmou Toussaint em seus postos de comandante-chefe e de Governador, mas evitou cuidadosamente tomar qualquer partido na disputa. Não escreveu diretamente a Toussaint, mas dirigiu uma carta dos cônsules aos cidadãos de São Domingos, assegurando-lhes a sua liberdade, mas notificando-os de que, pela nova Constituição que ele havia outorgado aos franceses, as colônias não poderiam mais ser representadas no Parlamento francês, mas seriam governadas por "leis especiais". Solicitou que, nas bandeiras do Exército, fossem incluídas inscrições dizendo-lhes que eles deviam a sua liberdade à França.

Quando Vincent desembarcou em São Domingos, os ressentimentos raciais estavam em alta. Por toda a colônia, os negros e mulatos diziam que a guerra civil havia sido atuada pelos brancos, para enfraquecer os dois lados e restaurar a escravidão¹². Os brancos haviam tomado o partido de Toussaint, mas não ficaram satisfeitos quando ele os convocou para o Exército e fez com que marchassem e lutassem contra Rigaud. Mas os trabalhadores negros estavam saturados dos comissários da França e afirmaram que não queriam que os brancos os governassem; que seriam governados por Toussaint. Moïse,

¹⁰ SANNON, *Histoire de Toussaint-L'Ouverture*, v. II. Ver notas 4 e 10, no capítulo V.

¹¹ *Précis sur l'état actuel de la colonie de Saint-Domingue. Les Archives Nationales. A. F. III, 1187.*

¹² *Précis de mon voyage à Saint-Domingue*, 20 de Pluvioso, ano X, *Les Archives Nationales*, A. F. IV, 1212.

que não gostava de Vincent, prendeu-o, e Vincent sofreu muitas privações e quase foi executado pelos guardas. Toussaint pediu desculpas a Vincent, mas a sua prisão dificilmente teria acontecido sem ordem dele, embora as humilhações se dessem provavelmente a sentimentos raciais espontâneos.

Toussaint estava satisfeito por ter seu posto de comandante-chefe confirmado pelo novo regime. Na guerra de proclamações entre ele e Rigaud, isso era um argumento irretorquível contra a acusação de que seria traidor da França. Entretanto os termos vagos da carta confirmavam suas piores suspeitas. Quais seriam essas "leis especiais"? Por que Napoleão não havia escrito a ele pessoalmente? Ele se recusou a fazer a inscrição na faixa.

Mas a guerra vinha em primeiro lugar. Os habitantes do Sul estavam cansados da luta. Toussaint disse que alguém deveria ir até Rigaud e perguntou a Vincent se ele se atreveria. Mas, quando Vincent concordou, Toussaint ficou embaraçado. Ele temia uma armadilha. Foi naquela visita que Vincent notou pela primeira vez que a sua presença desagradava Toussaint¹³.

Mas Vincent foi até Rigaud. O governante do Sul, por tantos anos inferior apenas a Toussaint na história de São Domingos, estava muito perturbado. Durante a entrevista, o ódio a Toussaint sobrepujou a razão e ele parecia prestes a cometer o suicídio. Como a França pôde confirmar o traidor Toussaint no comando? Ele continuaria a resistir. Mas Rigaud não contava mais com a confiança dos seus seguidores. Vincent não era apenas o enviado de Toussaint, era representante da França, e a população saudou a sua vinda. Por que deveriam eles continuar lutando? Por que, afinal, começaram a lutar? Mesmo durante a trégua negociada por Vincent, os habitantes de St. Louis receberam Dessalines e seus oficiais e lhes ofereceram um jantar. A certa altura, Vincent temeu pela sua vida, tão violentos eram a raiva e o desespero do enganado e decepcionado Rigaud. Rigaud planejava explodir Cavaillon, capital oficial do Sul, mas o capitão da tropa recusou-se a permitir que isso fosse levado a termo. Percebendo finalmente que tudo estava terminado, o infeliz Rigaud partiu para a França, recusando-se a encontrar Toussaint. Ele sofreu um naufrágio e chegou a Paris apenas no dia 7 de abril de 1801. Solicitou uma entrevista com Bonaparte, o qual ouviu em silêncio o seu longo discurso e depois respondeu:

— General, eu vos culpo por uma coisa apenas: não terdes sido vitoriosos!

Nos anos da história de São Domingos como Estado independente, seus mulatos e negros lutaram incessantemente num conflito de classes, algumas vezes chegando à guerra civil, como é comum em todas as sociedades, quer sejam homogêneas na cor ou não. Mas, ao primeiro sinal de invasão estrangeira, eles sempre apresentaram ao inimigo uma frente sólida. Essa lição tiveram de aprendê-la pela dura experiência. Mas jamais houve uma oportunidade tão factível para uma negociação viável como no início de sua história sob homens como Toussaint e Rigaud. Entre eles existiu admiração e compreensão mútuas, até a chegada de Hédouville à ilha. O papel de Hédouville não nos concerne. O erro fatal foi de Rigaud. Ele não pôde enxergar tão longe quanto Toussaint, quando este recusou, polida mas firmemente, a ser uma mosca na teia da aranha de Maitland.

Com a vitória atingida por volta de agosto de 1800, Toussaint havia resolvido o seu problema apenas em parte. Até então, ele havia se distinguido pela humanidade com que tratava os oponentes vencidos e pela política conciliatória para com os inimigos, mesmo os emigrados brancos, que toda a São Domingos republicana odiava e dos quais desconfiava. Mas as guarnições oficiais do Sul compunham-se principalmente de mulatos. Deixá-los como estavam, depois da amargura da guerra civil, significava que, se uma expedição da França desembarcasse, seria bem recebida, mais ainda do que sob Rigaud. Setecentos dos seus melhores soldados deixaram o Sul e foram para Cuba, para não servir a Toussaint. Ele pediu a Clairveaux, um dos seus comandantes mulatos, para governar o Sul. Era uma concessão aos sentimentos dos mulatos, mas Clairveaux recusou. Dessa forma, a tarefa da pacificação coube, infelizmente, a Dessalines¹⁴.

Toussaint não confiscou propriedades, nem mesmo daqueles que seguiram Rigaud e abandonaram a colônia. Um quarto dos rendimentos dessas plantações ele deu aos trabalhadores, metade recolheu ao Tesouro público e o quarto restante foi guardado para os proprietários. As mulatas haviam conspirado contra ele, mas mesmo durante a guerra afirmou que jamais combateria mulheres e que não daria muita atenção à "tagarelíce" delas. Se fossem consideradas culpadas, ele apenas as prenderia e cuidaria para que nada de mau lhes acontecesse. Durante todas as privações da

¹³ *Préface de mon voyage...*

¹⁴ Ele era comandante da Província Ocidental, mas o Sul estava subordinado a ele.

guerra e imediatamente depois, tratou-as com cuidado especial. Mas ele não poderia confiar no exército montado por Rigaud, que era tão leal a este quanto o seu lhe era fiel. Por isso, ordenou a Dessalines que expurgasse as tropas, apesar da anistia. Trezentos prisioneiros foram executados em Léogane e cinquenta outros em Port-Républicain, quase todos oficiais. Toussaint tinha de pôr um fim nisso.

— Eu disse para podar a árvore e não para cortá-la!

Considerando-se as circunstâncias, ele havia sido particularmente humanitário.¹⁵ Mas a população do Sul havia feito a paz acreditando na palavra de Toussaint, a qual ele tinha a reputação de jamais quebrar. Ele havia lutado contra os britânicos e espanhóis e observava estritamente as regras da guerra. Muitos emigrados brancos, traidores de sua pátria, agora usufruíam de suas fazendas e viviam pacificamente sob a sua proteção, depois de servir durante quatro anos no exército inglês. Enquanto isso, o Sul via os irmãos Rigaud serem expulsos e os homens que haviam derramado o seu sangue contra os mesmos brancos pela República serem mortos a sangue-frio pelos soldados de Toussaint. Uma grande amargura contra Toussaint e Dessalines invadiu o coração dos mulattos do Sul. Toussaint sabia o que tinha feito e quais eram os perigos. Mas não podia fazer nada. Ele tinha que manter no Sul, a qualquer custo, um exército no qual pudesse confiar no caso do desembarque de uma expedição francesa.

O Sul estava sob controle. O perigo seguinte, do qual tinham que se defender, era a São Domingos espanhola. Bonaparte havia proibido expressamente Toussaint de anexar aquela colônia. Nesse caso, Toussaint seria dono de toda a ilha, seus recursos e suas fortificações. Mas essa era exatamente a razão pela qual Toussaint iria tomá-la. Ele não deixaria o seu flanco exposto a uma expedição francesa.

¹⁵ Foi dito muitas vezes que Toussaint mandou massacrar milhares de mulattos. Isso é um presente para os historiadores inimigos da raça negra. Infelizmente para eles, não é verdade. Se alguma vez alguém odiou Toussaint, foi o historiador mulatto Saint-Remy, que coletou todas as coisas ruins possíveis a respeito de Toussaint na biografia que escreveu. Mas o próprio Saint-Remy, que também era haitiano e escreveu em 1850, registra que "a moderação de L'Ouverture era impressionante, depois do triunfo que ele conseguiu". A cifra de dez mil mulattos assassinados, citada por Lacroix, é simplesmente um disparate. Para discussão dessa mentira muitas vezes repetida, ver SCHOELCHER, *Vie de Toussaint-L'Ouverture*, p. 268-9.

Até então, Rourke havia apoiado Toussaint contra Rigaud. Mesmo quando a Comissão composta por Vincent, Raimond e Michel estava a caminho, Rourke havia escrito em caráter particular a eles¹⁶, expressando sua admiração e sua confiança em Toussaint e o receio de que o poder pudesse virar-lhe a cabeça; mas tinha convicção de que Toussaint não embarcaria na aventura louca da independência. Rourke tinha instruções secretas para incitar Toussaint a investir contra a Jamaica¹⁷. Isso deixaria ainda mais atadas as mãos de Toussaint e provocaria um claro rompimento com os britânicos. Rourke propôs isso a Toussaint, mas este, embora não se opusesse¹⁸, não se enredaria com a Grã-Bretanha para agradar à França. Foram enviados emissários à Jamaica para estimular uma revolta, embora não esteja claro se foram enviados por Rourke ou por Rigaud. Os britânicos, todavia, sentiram-se tão ofendidos que confiscaram os armamentos que Toussaint estava transportando por mar para o assédio de Jacmel. Toussaint imediatamente protestou, mas os britânicos lhe pagaram um milhão e meio de francos como compensação e as boas relações foram restauradas¹⁹. Toussaint estava determinado a não brigar com os britânicos, e estes estavam determinados a não brigar com Toussaint. O esquema para envolver Toussaint com a Jamaica havia falhado. O embate recaiu sobre a São Domingos espanhola.

Os espanhóis ainda estavam no controle; Rourke, antes de suceder a Hédouville como comissário, era apenas uma espécie de ministro residente. Nos últimos dias de dezembro, enquanto sitiava Jacmel, Toussaint pediu a Rourke que o autorizasse a anexar a colônia. Os espanhóis, dizia ele, estavam roubando os negros da parte francesa da ilha e vendendo-os como escravos. Isso era verdade, mas obviamente apenas um pretexto. Rourke havia feito o possível, mas não podia continuar apoiando Toussaint, pois as ordens de Bonaparte eram rígidas. Rourke tinha de se defender e, como Toussaint havia admitido representantes comerciais ingleses em São Domingos, ele lançou uma proclamação convocando-o a expulsá-los da colônia e provar que as acusações de infidelidade à França eram infundadas. Toussaint se recusou e Rourke pediu permissão para voltar à França. Toussaint poderia

¹⁶ MICHEL, *La Mission du Général Hédouville*,..., p. 139.

¹⁷ Carta de Ventoso, ano VII, *Les Archives du Ministère des Colonies*.

¹⁸ SCHOELCHER, *Vie de Toussaint-L'Ouverture*. Notas nas p. 270-1.

¹⁹ SANNON, *Histoire de Toussaint-L'Ouverture*, v. II, p. 207.

ter marchado sobre a São Domingos espanhola, mas tinha em alto grau aquela necessidade de todos os ditadores de legalizar seus atos mais arbitrários. Desejava a autorização de Roume. Subitamente, milhares de negros, levados a agir pelos agentes de Toussaint, principalmente por Moïse, marcharam sobre Le Cap, ameaçando pilhar a cidade se Roume não assinasse o decreto que salvaria seus irmãos da escravidão. Roume recusou-se. Durante quase duas semanas, Le Cap ficou com medo da destruição. Para tirar Vincent do caminho, Moïse o enviou para Môle São Nicolau. Os trabalhadores, embora firmes, eram disciplinados e mantiveram perfeita ordem. Finalmente Toussaint chegou e exigiu que Roume assinasse.

— Minha escolha foi feita! respondeu Roume. — A França me vingará!

— Se não assinares o decreto (...) significa o fim de todos os brancos da colônia, e eu entrarei no território espanhol a ferro e fogo! ameaçou Toussaint.

Roume assinou, mas escreveu secretamente ao Governador espanhol encorajando-o a não entregar a colônia aos agentes de Toussaint. Toussaint prendeu Roume e enviou-o a Dondon, onde, com sua esposa e duas filhas, foi mantido sob vigilância. Depois, com a autoridade oficial de Roume, ele e Moïse marcharam sobre a São Domingos espanhola. As tropas espanholas foram derrotadas e, no dia 21 de janeiro de 1800, o Governador espanhol entregou a colônia formalmente.

Toussaint utilizou seus métodos conciliatórios usuais. Indicou o mulato Clairveaux governante da província e seu irmão Paul comandante da guarnição de São Domingos. Enviou proclamações aos habitantes prometendo anistia plena, a qual foi escrupulosamente observada.

Agora, ele era senhor de toda a ilha, um território quase do tamanho da Irlanda, e isso em menos de dez anos. "Encontrei a colônia desmembrada, arruinada, assolada pelos bandidos de Jean François, pelos espanhóis e pelos ingleses, que brigavam pelos seus pedaços. Hoje, ela está livre de seus inimigos, acalmada, pacificada e avançando no rumo de sua completa reconstrução." Ele havia feito essa jactância depois da partida de Maitland. Agora, mais do que nunca, era verdade.

Mas ainda havia Bonaparte e suas "leis especiais". Antes de deixar São Domingos, escreveu a Bonaparte pedindo aprovação para o que havia feito. Acusou Roume de fazer intrigas contra ele e impedir o seu desejo de tomar posse da antiga colônia espanhola. "Tendo decidido tomar posse pela força das armas, fui obrigado, antes de avançar, a convidar o cidadão Roume a desistir de exercer os seus deveres e retirar-se para Dondon até novas ordens.

(...) Ele aguarda vossas ordens. Quando quiserdes a presença dele, eu o enviarei a vós."

Isso era um desafio. Toussaint não tentou se defender: "Quaisquer que sejam as calúnias que os meus inimigos tenham achado por bem fazer contra mim, abstenho-me de me justificar; mas, embora a delicadeza me force ao silêncio, o meu dever me ordena que eu impeça Roume de fazer mais danos". Isso era mais do que um desafio e já chegava perigosamente às raízas da impertinência, e Bonaparte era o último homem no mundo com quem se pudesse brincar.

Toussaint havia queimado seus navios²⁰. Com visão, coragem e determinação, ele estava assentando as fundações de uma nação independente. Mas, confiando demais em seus próprios poderes, ele cometia um engano terrível. Não quanto a Bonaparte ou ao Governo francês. Em nada o seu gênio sobressaía tanto como ao recusar a confiar a liberdade dos negros às promessas do imperialismo francês ou inglês. Seu erro foi negligenciar seu próprio povo. Eles não compreendiam o que ele estava fazendo ou para onde caminhava. Ele não se dava ao trabalho de explicar. Era perigoso explicar; mas era ainda mais perigoso não explicar. O seu temperamento, fechado e retraído, levava-o a confiar no seu próprio julgamento. Assim, as massas pensavam que ele havia tomado a São Domingos espanhola para acabar com o tráfico de escravos e não como salvaguarda contra os franceses. O seu silêncio os confundiu mas não iludiu Bonaparte. Dessalines, seu destemido tenente, não tinha tais escrúpulos. Depois da guerra contra Rigaud, Dessalines disse aos seus soldados:

— A guerra que acabastes de vencer foi uma guerra pequena, mas ainda tendes pela frente duas outras maiores. Uma contra os espanhóis, que não querem abrir mão de suas terras e que insultaram o vosso bravo comandante-chefe; a outra contra a França, que tentará vos escravizar novamente, assim que acabar com os seus inimigos. Nós venceremos essas guerras!

Essa era, e ainda é, a forma de se dirigir às massas, e não foi por acaso que Dessalines, e não Toussaint, finalmente levou a ilha à independência. Toussaint, fechado em si mesmo, mergulhado na democracia, seguia o seu caminho tortuoso, confiante de que precisaria apenas falar para que as massas o seguissem.

²⁰ Ou seja: tomou uma atitude irreversível. Em 1519, durante a submissão dos astecas, Hernán Cortés mandou queimar todos os seus navios, com exceção de um, para mostrar a seus homens que eles só poderiam seguir em frente. (N. do T.)

lhor que pudesse pela paz. Com essa resposta ambígua, Vincent ficou satisfeito. Ele não sabia o que fazer. Voltou para casa, passando pela Filadélfia, nos Estados Unidos, de onde escreveu para Toussaint, alertando-o contra os projetos de independência.

Vincent fez tudo o que um homem podia fazer. Mesmo ao tentar afastar Christophe de Toussaint, ele estava agindo, assim pensava, pelos interesses da França e de São Domingos. Para ele, a restauração da escravidão era imaginável. Esperava tanto quanto os milhões de britânicos esperaram as intrigas de Baldwin, Hoare e Eden com Laval e Mussolini, depois da recusa de armas à Abissínia e das grandiloquentes promessas de fidelidade à Liga das Nações e à idéia da segurança coletiva. Muitos subalternos honestos transformam-se, dessa forma, no instrumento involuntário da traição que vem de cima; o problema é que, quando se deparam com a crua realidade, ao final seguem a sua própria opinião e, devido à mesma confiança que a sua integridade criou, causam muito mais dano do que o inimigo declarado.

XII

A BURGUESIA SE PREPARA



A suspeita de Toussaint era perfeitamente plausível. Qual o regime sob o qual as colônias mais têm prosperado? perguntou Bonaparte. E, quando lhe foi dito que fora sob o *ancien régime*, ele decidiu restaurá-lo e restaurar também a escravidão e a discriminação aos mulatos.

Bonaparte odiava os negros. A Revolução havia nomeado aquele valente e brilhante mulato, o general Dumas¹, comandante-chefe de um dos exércitos, mas Bonaparte o detestava por causa da sua cor e o atormentava. No entanto, Bonaparte não era nenhum colonizador e seu preconceito contra os negros estava longe de influenciá-lo nas políticas mais importantes. Ele desejava obter lucros para aqueles que o apoiavam, e os barulhentos colonizadores encontravam nele um ouvinte atento. A burguesia das cidades marítimas queria de volta os fabulosos lucros de antigamente. O desejo apaixonado de libertar todos os homens, que nos grandes dias da Revolução exigira a liberdade dos negros, agora se amontoava nos bairros pobres de Paris e de Marselha, exaurido pelos próprios esforços e aterrorizado pelas baionetas de Bonaparte e pela polícia de Fouché.

Mas a abolição da escravidão era uma das memórias de que mais se orgulhava a Revolução. E, mais importante ainda, os negros de São Domingos possuíam um exército e líderes treinados para lutar à maneira europeia. Não eram selvagens tribais armados de lanças, contra os quais os soldados europeus, armados de rifles, conquistariam glórias imorredouras.

Ocupado com suas campanhas europeias, Bonaparte jamais perdeu São Domingos de vista, como não perdia nada de vista. Seus oficiais lhe apresentavam um plano após o outro, mas a frota britânica e a força desconhecida dos negros impediam qualquer ação. Entretanto, no começo de março de 1801, uma mudança em sua política quase o levou a deixar Toussaint totalmente no comando de São Domingos.

¹ Pai do escritor Alexandre Dumas, pai, e avô de Alexandre Dumas Filho. A França erigiu um monumento para os três na Place Malesherbes, em Paris.

A burguesia francesa e a britânica estavam no meio de uma luta pela supremacia mundial que durou mais de vinte anos e devastou a Europa. Bonaparte tinha em vista a Índia e, tendo perdido uma primavera a caminho do Egito, seduziu o Tzar Paulo e juntos planejaram marchar por terra e roubar dos britânicos o que estes haviam tirados dos indianos. Bonaparte não podia lutar em dois hemisférios ao mesmo tempo e, em 4 de março, escreveu a Toussaint uma carta transbordante de benevolência². Ele estivera ocupado, mas agora que a paz estava próxima tinha tempo de ler as cartas de Toussaint. Ele o nomearia capitão-general da ilha. Pediu a Toussaint que desenvolvesse a agricultura e estruturasse as forças armadas. "Espero que esteja próxima a hora em que uma divisão de São Domingos venha a contribuir, nesse seu lado do mundo, para a glória e as possessões da República."

Entretanto, a burguesia britânica, expulsa da América, agora se dava conta da importância da Índia. Pitt, em conluio com Alexandre, filho de Paulo, planejou o assassinato deste, que estava a favor dos franceses³. Sete dias depois da carta a Toussaint ter sido escrita, Paulo foi estrangulado e, no dia seguinte, a frota britânica entrou no Báltico. Quando Bonaparte soube disso, reconheceu imediatamente que Pitt o havia derrotado e que o ataque à Índia estava perdido. A carta e as instruções a Toussaint nunca foram enviadas e Bonaparte preparou-se para destruí-lo. Toussaint tinha o grande mérito de jamais nutrir ilusões a respeito da pretendida superioridade moral da civilização européia, embora acreditasse que essa civilização fosse valiosa e necessária e tivesse lutado para implantá-la entre o seu povo. Ele enxergava os imperialistas franceses, britânicos e espanhóis como os bandidos insaciáveis que eram, para os quais nenhum juramento era sagrado demais para não ser quebrado, e não havia nenhum crime, trapaça, traição, crueldade ou destruição da vida humana e da propriedade que eles não cometessem contra aqueles que não pudessem se defender.

Quando Vincent chegou a Paris, os preparativos estavam em andamento, mas a Constituição dava a Bonaparte uma desculpa conveniente. O pobre Vincent havia tentado persuadir Toussaint a ceder a Bonaparte, ao condenar a Constituição como uma perfídia. Agora, ele tentava persuadir Bonaparte a ceder a Toussaint, ao negar que a Constituição fosse uma

² Correspondência de Napoleão.

³ EUGÈNE TARLÉ, *Bonaparte*, Londres, 1937, p. 116-7.

traição. Bonaparte acusou Toussaint de estar vendido aos britânicos. Teimosamente, Vincent o defendeu. Bonaparte insultou Vincent, amaldiçoou os "africanos dourados", disse que jamais colocaria uma divisa nos ombros de um único preto da colônia. Vincent lembrou-lhe que os britânicos poderiam apoiar Toussaint. Bonaparte gabou-se de que os britânicos estavam inclinados a se opor à expedição, mas que, quando ele ameaçou investir Toussaint de poderes ilimitados e reconhecer a sua independência, os britânicos se calaram. (Bonaparte pensou que eles temiam o efeito que uma São Domingos independente teria sobre a colônia escrava deles da Jamaica. Mas Pitt, Dundas e Maitland riam à socapa e esfregavam as mãos na expectativa.) Vincent tentou apontar os perigos da expedição. Bonaparte chamou Toussaint de "escravo rebelado", disse que Vincent era um covarde e o expulsou de sua presença. Vincent ficou estarecido com a violência de Bonaparte. Se era nesse estado de espírito que os franceses iam a São Domingos, rumavam para o fracasso. Tão ansioso agora pela França quanto por São Domingos, ele tomou a decisão ousada de dirigir um memorando ao ministro, no qual tentava mostrar a força da colônia e o gênio extraordinário do homem que ali governava.

"À frente de tantos recursos está um homem tão ativo e incansável que não é possível imaginar. É a mais pura verdade dizer que ele está em toda a parte e, acima de tudo, nos lugares onde for necessário um juízo sensato e houver perigo; sua grande sobriedade, o talento único que possui de não precisar de descanso, a vantagem de gozar da capacidade de iniciar imediatamente o trabalho em seu gabinete depois de uma jornada estafante, de responder com cartas por dia e de esgotar os seus secretários; e, acima de tudo, a arte de tantalar e confundir todo mundo, até mesmo para trapacear: tudo isso o torna um homem tão superior a todos à sua volta que o respeito e a submissão atingem os limites do fanatismo em muitas cabeças. Impôs a seus irmãos em São Domingos um poder sem limites. É o senhor absoluto da ilha e nada pode contrariar seus desejos, quaisquer que sejam, embora alguns homens distintos, poucos deles negros, saibam de seus planos e os encarem com grande temor."

Vincent descreveu Toussaint como sendo superior a todos em São Domingos; mas, se lermos novamente a citação acima, ficará claro que *aquele* oficial corajoso, honesto, inteligente e experimentado estava, obviamente, descrevendo o ser humano mais extraordinário que jamais encontrara na vida, com poderes além do que ele imaginava possíveis. Os contemporâneos que descreveram as grandes figuras da Revolução Francesa e da era napoleônica

revelavam essa atitude de admiração apenas em relação a três homens: Bonaparte, o almirante Nelson e Toussaint.

Bonaparte ficou tão zangado que baniu Vincent para a ilha de Elba.

Pessoalmente amados e respeitados por seus contemporâneos, Vincent e Beauvais falharam, como fálham todos os que não compreendem que, numa revolução, cada um precisa escolher o seu lado e permanecer fiel a ele.

Embora Bonaparte gritasse "preto", como um proprietário de escravos, mais do que ninguém na França ele adivinhava quais eram as dificuldades que teria pela frente. No começo, pensou que as coisas seriam fáceis. Os colonizadores que fugiram nos primeiros dias da revolução viam os escravos como um bando heterogêneo de bandidos negros, que debandariam ao primeiro indício de qualquer homem branco. Como esses pretos amedrontados e trêmulos poderiam ser diferentes? Eles haviam derrotado os britânicos? Que bobagem! Foi a febre. O general Michel, da última Comissão e que jamais havia visto o exército de Toussaint em ação, chamou seus oficiais de cambada de presunçosos incompetentes.

Todavia, Roume, Pascal e Vincent, que gostavam dos negros e portavam sabiam do que eles eram capazes, estavam contra qualquer expedição. Pascal afirmou que os negros mais esclarecidos, ou seja, aqueles que já eram livres antes da revolução, não gostavam de Toussaint, mas noventa e oito por cento da população o seguia cegamente e acreditava que ele fosse inspirado por Deus. A atitude de Roume era ainda mais surpreendente. Roume nem mesmo era francês, mas sim um crioulo de Tobago. Contudo, apesar do tratamento rude que sofrera nas mãos de Toussaint, ainda acreditava na devoção deste à França. Ele escreveu que Toussaint agira irregularmente devido ao medo que tinha da escravidão. Bonaparte deveria investi-lo de plenos poderes civis e militares e tranquilizá-lo quanto ao futuro. No fim da guerra, ele devolveria a colônia⁴.

Malenfant, um velho colonista, que era então oficial em São Domingos, recebeu a oferta de um posto na expedição. Redigiu um memorando cheio de elogios a Toussaint e aos trabalhadores e alertou Bonaparte da catástrofe que este estava preparando. Quando encontrou o capitão-general Leclerc, poucos dias antes de a frota zarpar, este o acusou de covardia:

⁴ Ao ministro. *Les Archives Nationales*. A. F. IV, 1187.

— Todos os negros, quando vêem um exército, largam as armas. Eles dar-se-ão por satisfeitos se os perdoarmos.

— O senhor está mal informado, general...

— Mas há um colonizador que se ofereceu para prender Toussaint no interior do país, com sessenta granadeiros!

— Ele é mais corajoso do que eu, pois eu não o tentaria nem com sessenta mil.

— Ele é muito rico, esse Toussaint. Tem mais de quarenta milhões.

Pacientemente, Malenfant lhe disse que seria impossível que Toussaint tivesse essa soma. Malenfant tinha a mesma opinião que Roume sobre Toussaint. Afirmou posteriormente que, se Bonaparte tivesse enviado Laveaux a São Domingos com três mil homens, tudo teria saído bem. Toussaint era um homem eminentemente razoável, e ele e Laveaux teriam encontrado um *modus vivendi* no qual o capital francês teria amplas oportunidades na ilha. Mas isso não aconteceu. Leclerc fez pouco dos argumentos de Malenfant e o dispensou.

Bonaparte jamais teve idéias tão tolas. Vincent havia lhe contado sobre a força do exército de Toussaint, com seus soldados e oficiais, treinados e experientados em dez anos de lutas constantes, e o grande soldado juntava mais e mais homens à sua força. Assim, para evitar muita conversa, distribuiu seus preparativos por todos os portos da França, da Holanda e da Bélgica. As preliminares da paz foram assinadas no dia 1º de outubro de 1801. Oito dias depois, Bonaparte deu o sinal e mesmo os ventos contrários só conseguiriam atrasar a expedição até 14 de dezembro.

Foi a maior expedição jamais enviada pela França e consistia de vinte mil soldados veteranos, sob o comando de alguns dos melhores oficiais de Bonaparte. O chefe do Estado-maior era Dugua, que Napoleão havia deixado no comando do Egito quando continuou a marcha para a Palestina. Boudet havia comandado a guarda avançada de Dessaix, cujo ataque salvou Bonaparte de uma derrota desastrosa em Marengo à última hora. Boyer havia comandado a guarda móvel que patrulhava o Alto Egito; Humbert, a expedição contra a Irlanda. Eram homens que adquiriram experiência de guerrilha durante a Vendéia. O general Pamphile de Lacroix, que zarpar com a expedição e escreveu uma valiosa história sobre a campanha e a revolução de São Domingos, deixou-nos a sua opinião: "O exército de Leclerc era composto de um número gigantesco de

soldados de grande talento, bons estrategistas, grandes ráticos, oficiais de engenharia e de artilharia, bem instruídos e cheios de recursos"⁵. No último momento, Bonaparte mudou o comando, colocando à frente seu cunhado, Leclerc, numa demonstração da importância que dava à aventura. A esposa de Leclerc, Paulina, e o filho seguiram com a expedição. Ela levava músicos, artistas e toda a parafernália de uma Corte. A escravidão seria restabelecida, a civilização voltaria a ser instalada e todos viariam felizes.

E, nesses últimos meses cruciais, Toussaint, consciente dos preparativos de Bonaparte, estava ocupado serrando o galho no qual estava sentado.

No Norte, nas cercanias de Plaisance, Limbé e Dondon, a vanguarda da revolução não estava satisfeita com o novo regime. A disciplina de Toussaint era dura, mas infinitamente preferível à antiga escravidão. O que os velhos revolucionários negros não aceitavam era trabalhar para seus patrões brancos. Moïse era o comandante na Província do Norte e simpaticizava com os negros. Trabalhar sim, mas não para os brancos. "O que quer que meu tio faça, não posso ser o carrasco da minha raça. Ele sempre me repreende por causa dos interesses da metrópole. Mas esses interesses são aqueles dos brancos e eu só poderei amá-los quando me devolverem o olho que perdi em batalha."

Já iam longe os dias em que Toussaint deixava a frente de batalha e cavalgava noite adiante para indagar sobre as queixas dos trabalhadores e, ainda que protegesse os brancos, mostrava aos trabalhadores que era o líder deles.

Revolucionários até o fim, aqueles homens ousados, os próprios irmãos dos *cordeliers* de Paris e dos trabalhadores viborgues de Perrogrado, organizaram outra insurreição. Seu objetivo era massacrar os brancos, derrubar o governo de Toussaint e, conforme a esperança de alguns, colocar Moïse em seu lugar. Todos os observadores, assim como o próprio Toussaint, pensavam que os trabalhadores o seguiam por causa dos seus serviços passados e da sua superioridade inquestionável. Essa insurreição veio provar que eles o seguiam porque ele representava a emancipação completa de sua anterior degradação, o

⁵ *Mémoires pour servir...* v. II, p. 319.

que era o seu objetivo principal. Assim que perceberam que ele não perseguiu mais esse objetivo, estavam prontos para derrubá-lo⁶.

Não era apenas um tumulto provocado por alguns negros descontentes ou preguiçosos. A insurreição se espalhou para o Norte. Os revolucionários escolheram um momento em que Toussaint estava em Petite-Rivière para assistir ao casamento de Dessalines. O movimento deveria ter começado em Le Cap, no dia 21 de setembro, mas Christophe ficou sabendo a tempo de impedir as primeiras explosões em diversos quartéis da cidade. Nos dias 22 e 23 a revolta irrompeu nos distritos revolucionários de Marmelade, Plaisance, Limbé, Port Margot e Dondon, sede do famoso regimento dos *sans-culottes*. Na manhã do dia 23, ela começou novamente em Le Cap, enquanto bandos armados, que matavam todos os brancos que encontravam pelo caminho, surgiram nos subúrbios para entrar em contato com os da cidade. Enquanto Christophe os derrotava, Toussaint e Dessalines marchavam contra o levante em Marmelade e Dondon. O movimento caiu aos pedaços aos pés de Toussaint e seu terrível tenente. Moïse, evitando um encontro com Toussaint, atacou e derrotou outro bando. Mas os negros em alguns distritos haviam se revoltado aos gritos de "Viva Moïse!". Assim, Toussaint o prendeu e não permitiu nem mesmo que o tribunal militar o ouvisse. Os documentos eram suficientes, afirmou.

⁶ GEORGES LEFEBVRE: *La Convention*, v. I, p. 45. Palestras mimeografadas realizadas na Sorbonne. "Os jacobinos, ademais, tinham um ponto de vista autoritário. Conscientemente ou não, desejavam agir com o povo e para o povo, mas exigiam o direito de liderança e, quando chegaram à testa dos negócios, deixaram de consultar o povo, acabaram com as eleições, proscreveram os *hébertistes* e os *enragés*. Eles podem ser descritos como despotas esclarecidos. Os *sans-culottes*, ao contrário, eram extremamente democráticos: desejavam o governo direto do povo pelo povo; se exigiram uma ditadura contra os aristocratas, foi porque desejavam exercê-la por si mesmos para que seus líderes pudessem fazer o que quisessem."

Os *sans-culottes*, principalmente em Paris, viam claramente o que era necessário em cada estágio da Revolução, pelo menos até que esta chegasse ao seu ponto mais alto. Sua dificuldade consistia em não ter a educação, a experiência e nem os recursos para organizar um Estado moderno, mesmo que temporariamente. Era precisamente essa a posição dos revolucionários de Plaisance, Limbé e Dondon em relação a Toussaint. Os acontecimentos logo mostrariam que eles estavam certos e que Toussaint, ao não os ouvir, cometeu o maior erro de sua carreira.

Para um registro equilibrado sobre a maneira pela qual os próprios *sans-culottes* trabalharam e como forçaram Robespierre a assumir a grande política que salvou a Revolução, ver LEFEBVRE (conferências mimeografadas), *Le Gouvernement révolutionnaire* (2 juin 1793-9 Thermidor II), Fôlio II.

— Quero crer que os comissários não retardarão um julgamento tão necessário à tranquilidade da colônia!

Tinha medo de que Moïse o suplantasse?

Aceitando o motivo, a Comissão realizou o julgamento e Moïse foi fuzilado. Ele morreu como havia vivido. Postou-se no patíbulo, na presença das tropas da guarnição e, com voz firme, deu a ordem para o pelotão do fuzilamento:

— Atirem, meus amigos, atirem!

O que, exatamente, Moïse defendia? Jamais o saberemos. Quarenta anos depois de sua morte, Madiou, o historiador haitiano, traçou um esboço do programa de Moïse, cuja autenticidade, todavia, tem sido questionada. Toussaint se recusou a dividir as grandes propriedades. Moïse desejava pequenas glebas para os oficiais inferiores e também para os soldados rasos. Toussaint favorecia os brancos em detrimento dos mulatos. Moïse procurou construir uma aliança entre negros e mulatos contra os franceses. É certo que tinha uma forte simpatia pelos trabalhadores e odiava os antigos proprietários de escravos. Mas não era contra os brancos. Lamentava amargamente as indignidades que tinha sido forçado a cometer contra Roume e sabemos como era grande a sua estima por Sonthonax. Temos pouca coisa em que nos basear, mas ele parece ter sido uma pessoa particularmente atraente e profunda. Os antigos donos de escravos o odiavam e pressionavam Toussaint para se livrar dele. Christophe também tinha ciúme de Moïse e amava a sociedade branca. Culpado ou não de traição, Moïse tinha inimigos demais para escapar às implicações do grito "Viva Moïse!", proferido pelos revolucionários.

Para os negros do Norte, já desencantados com a política de Toussaint, a execução de Moïse foi a desilusão derradeira. Eles não a compreendiam. Como era inevitável, e ainda o é, pensavam que o problema fosse a cor. Como o próprio Toussaint, Moïse, seu sobrinho, simbolizava a revolução. Fora ele quem liderara os trabalhadores contra Hédouville. Ele também havia liderado a insurreição que retirou a autoridade de Roume para ocupar a São Domingos espanhola, movimento apoiado pelos trabalhadores com o objetivo de impedir o tráfico espanhol de escravos. Moïse havia prendido

7 O próprio Toussaint admitiu isso logo depois. Ver POYEN, *Histoire militaire de la révolution de Saint-Domingue*, Paris, 1899, p. 228.

Roume e depois Vincent. E agora Toussaint o fuzilava, por ter tomado o partido dos negros contra os brancos.

Toussaint reconheceu o erro. Se o rompimento com os franceses e Vincent abalara sua calma habitual na última entrevista, ainda maior era o remorso que sentia depois da execução de Moïse. Ninguém jamais o havia visto tão agitado. Ele tentou se explicar numa longa proclamação: Moïse era a alma da insurreição; Moïse era um jovem de hábitos libertinos. Foi inútil. Moïse havia estado numa posição muito elevada e por muito tempo.

Mas Toussaint estava tão determinado que só conseguia pensar em continuar com a repressão. Por que os negros precisaram apoiar Moïse contra ele? Essa pergunta ele não parou para fazer, ou, caso a tenha feito, não gostou da resposta. Nos distritos onde houve insurreição, matou sem piedade. Alinhava os trabalhadores e falava com eles; caso alguém respondesse com hesitação, era fuzilado. Intimidados pelo poder de Toussaint, submeteram-se.

Editou uma série de leis que superavam em severidade todas as outras já decretadas. Introduziu um sistema rígido de passaportes para todas as classes da população. Confinou os trabalhadores em suas plantações mais restritamente do que nunca e decretou que os gerentes e capatazes seriam responsáveis por essa lei, sob pena de prisão. Qualquer pessoa que fomentasse a desordem seria condenada a seis meses de trabalhos forçados, com um peso arado à perna por meio de uma corrente. Proibiu os soldados de visitarem qualquer plantação, exceto para verem seus pais ou suas mães e, assim mesmo, por um período limitado; ele passou a temer o contato entre o exército revolucionário e o povo, sinal infalível da degeneração revolucionária.

Ao mesmo tempo em que baixava o moral das massas negras, ele procurava tranquilizar os brancos. Alguns se regozijavam abertamente com os rumores da expedição e Toussaint, em vez de tratá-los da mesma forma que havia tratado os trabalhadores, simplesmente os deportou. Sem dúvida deve ter havido outros com as mesmas idéias mas que acharam mais prudente manter-se calados. Todavia, um grande número deles aceitou a nova ordem e via consternado a violência e a destruição que seriam inevitáveis com a chegada da campanha francesa. Alguns começaram a partir e solicitaram passaportes. Um dos crioulos mais notáveis de São Domingos, um homem educado e de bom senso que havia aceito a nova situação⁸, dirigiu-se a

8 Temos conhecimento disso por meio do relatório que fizera a Bonaparte. *Les Archives Nationales*, E. 7, 6 266.

Toussaint e pediu-lhe um passaporte. Eis o que Toussaint temia: o desmoronamento de um regime instável antes que tivesse a oportunidade de adquirir coesão. Dirigiu-se rapidamente até a porta para ver se não havia ninguém que pudesse ouvi-lo, ação bem característica dele. Voltando, olhou De Nogerée de frente e perguntou-lhe:

- Por que queres ir embora, tu a quem eu amo e estimo?
- Porque sou branco e, apesar dos bons sentimentos que tens por mim, vejo que estás prestes a te tornar o colérico chefe dos negros.

Um tanto injustamente, ele acusou Toussaint de deportar os brancos que haviam se regozijado com a chegada da expedição. Toussaint justificou ardorosamente tal ação:

- Eles foram imprudentes e loucos em rejubilar-se com tais notícias, como se a expedição não estivesse destinada a me destruir, destruir os brancos e destruir a colônia.

Com uma mente igual à sua, essencialmente criativa e organizada, essa era a perspectiva que o preocupava e deturpava o seu julgamento.

- Na França, sou tido como um poder independente, e por isso estão se armando contra mim. Contra mim, que recusei a oferta do general Maitland para estabelecer a minha independência sob a proteção da Inglaterra e que sempre rejeitei as propostas que Sonthonax me fez a respeito.

Ele sabia que a expedição estava a caminho, mas ainda tinha a esperança de que a catástrofe pudesse ser evitada.

- Todavia, como desejás partir para a França, consentirei, mas pelo menos faze com que a viagem seja útil à colônia. Por teu intermédio, enviarei cartas ao Primeiro-Cônsul e pedirei que te ouça. Fala-lhe a meu respeito, di-lhe como a agricultura está prosperando, como o comércio está próspero. Em uma palavra, conta-lhe o que fiz. Eu deveria, e desejo, ser julgado de acordo com tudo o que realizei aqui. Vinte vezes escrevi a Bonaparte, para pedir-lhe que enviasse comissários civis, para dizer-lhe que despachasse para cá os antigos colonizadores, brancos instruídos na administração dos negócios públicos, bons mecânicos, bons trabalhadores: ele jamais me respondeu. Subitamente, aproveita-se da paz (da qual nem se dignou a me informar e da qual só tive conhecimento por intermédio dos ingleses), para enviar contra mim uma expedição formidável, em cujas fileiras vejo meus inimigos pessoais e os inimigos da colônia que eu havia mandado embora.

E continuou:

- Volte dentro de vinte e quatro horas. Ah, como eu queria que tu e as minhas cartas chegassem a tempo de mudar a determinação do Primeiro-Cônsul, para fazer com que ele visse que, ao me arruinar, arruina os negros, arruina não apenas São Domingos, mas todas as colônias ocidentais. Se Bonaparte é o primeiro homem na França, Toussaint é o primeiro homem no arquipélago das Antilhas.

Ele não tinha falsa modéstia quanto ao que representava para São Domingos.

Refletiu por um momento e depois disse, em tom firme, que estivera negociando com os ingleses para conseguir vinte mil negros na África, não para cometer traição, mas para torná-los soldados da França.

- Conheço a perfídia dos ingleses. Não tenho nenhuma obrigação para com eles pelas informações que me deram com respeito à expedição que vem vindo para São Domingos. Não! Jamais levantarei armas por eles!

Mas a realidade forçou-o novamente:

- Peguei em armas pela liberdade da minha raça, a qual apenas a França proclamou, mas que nem mesmo ela tem o direito de anular. Nossa liberdade já não está mais nas suas mãos: está em nossas próprias. Nós a defendemos ou pereceremos.

Essa dualidade estranha, tão confusa para seu povo, que era quem tinha de lutar, continuou até o fim. Mas, ainda assim, nesse momento de grande incerteza para ele, cuja clareza mental e cujo vigor de ação eram tão fora do comum, revelou-se um dos poucos homens para os quais o poder é um meio para se chegar ao fim, ao desenvolvimento da civilização, à melhoria dos seus semelhantes. Mesmo a sua hesitação era um sinal da superioridade da sua mente. Dessalines e Moïse não teriam hesitado. Ele lançou outra proclamação e dedicou a maior parte dela para tranquilizar os proprietários brancos, os quais "sempre encontrarão em nós protetores ardentes, amigos verdadeiros, defensores zelosos..."

O que significava isso tudo para os antigos escravos? Quando ele mencionou a campanha, sua confusão era evidente em cada linha:

"Homens de boa-fé (...) não podereis mais acreditar que a França, que abandonou São Domingos à própria sorte no momento em que seus inimigos disputavam-lhe a posse (...) agora enviará um exército para destruir homens que nunca deixaram de servir aos seus desejos (...)"

Depois de semear a dúvida na mente das pessoas quanto às intenções da França, ele continuou:

— Mas se esse crime, do qual o Governo francês é suspeito, for verdadeiro, basta-me dizer que uma criança, que conhece os direitos que a natureza outorgou ao autor dos seus dias, se mostra obediente e submissa a seu pai e a sua mãe; e se, apesar de toda sua obediência e submissão, o pai e a mãe forem desnaturados o suficiente para quererem destruí-la, não haverá outra alternativa senão a de colocar a vingança nas mãos de Deus.

Assim, Deus é quem deveria defender os negros da escravidão. E quanto ao exército, e quanto ao povo, e quanto a ele mesmo, seu líder?

— Bravos soldados, generais, oficiais e tropas, não dêem ouvidos aos maus. (...) Eu vos mostrarei o caminho a seguir. (...) Sou um soldado, não temo homem nenhum, temo apenas Deus. Se devo morrer, que seja como soldado honrado, sem medo de ser repreendido.

Toussaint não podia acreditar que a classe dominante francesa pudesse ser tão depravada, tão desprovida de qualquer senso de decência a ponto de tentar restabelecer a escravidão. A noção que possuía de política levou-o a fazer todos os preparativos, mas ele não podia admitir, para si mesmo e para o seu povo, que seria mais fácil encontrar decência, gratidão, justiça e humanidade numa jaula de tigres famintos do que nos conselhos do imperialismo, fosse nos gabinetes de Pitt ou nos de Bonaparte, Baldwin, Laval ou Blum.

Criticar não basta. O que Toussaint deveria ter feito? Cento e cinquenta anos de História e o estudo científico da revolução, iniciado por Marx e Engels e depois ampliado por Lênin e Trótski, justificam-nos a indicação de um curso alternativo.

Lênin e os bolcheviques, depois da Revolução de Outubro, enfrentaram um problema semelhante ao de Toussaint. A cultura burguesa russa era relativamente pobre, mas Lênin admitiu francamente que ela era superior à do proletariado e que teria de ser usada até que este estivesse desenvolvido. Ele excluiu rigidamente a burguesia do poder político, mas propunha que deveriam ter postos importantes e bons salários, mais elevados do que o dos membros do próprio Partido Comunista. Mesmo os comunistas que sofreram e lutaram sob o czarismo, depois de algum tempo foram substituídos por burgueses competentes. Podemos avaliar o gigantesco intelecto de Toussaint pelo fato de que, mesmo despreparado como era, tentou fazer o mesmo, com seu exército e generais negros

cumprindo o papel político do Partido Bolchevique. Se ele manteve brancos no seu exército, fê-lo pelo mesmo motivo que os bolcheviques também mantinham nos deles oficiais tsaristas. Nenhuma das duas revoluções tinha seus próprios oficiais treinados e educados em número suficiente, e os jacobinos de ébano estavam em piores condições culturais, relativamente falando, do que os bolchevistas russos.

Toda a teoria política bolchevista era de que as vitórias do novo regime conquistariam gradualmente aqueles que foram constringidos a aceitá-la pela força. Toussaint esperava o mesmo. Se falhou, foi pelo mesmo motivo que a revolução socialista russa falhou, mesmo depois de todas as suas conquistas: a derrota da revolução na Europa. Se os jacobinos tivessem sido capazes de consolidar a república democrática em 1794, o Haiti teria permanecido como colônia francesa, mas uma tentativa de restaurar a escravidão teria sido bastante improvável.

Toussaint falhou no método, e não no princípio. A questão racial, em política, é subsidiária à questão das classes e pensar no imperialismo em termos de raça é algo desastroso. Mas negligenciar o fator racial como meramente incidental é um erro, menos grave apenas do que o tornar fundamental. Havia trabalhadores jacobinos em Paris que teriam lutado pelos negros contra as tropas de Bonaparte. Mas o movimento internacional não era então o que é hoje e não havia nenhum jacobino em São Domingos. Os trabalhadores negros enxergavam apenas os velhos proprietários brancos de escravos. Esses acceitavam o novo regime, mas jamais ao ponto de lutar por ele contra um exército francês, e as massas sabiam disso. Certamente Toussaint também o sabia. Ele jamais confiou em Agé, seu chefe do Estado-maior, que era francês, e pediu ao subordinado deste, Lamartinière, que ficasse de olho nele.

Mas, enquanto Lênin mantinha o partido e as massas totalmente a par de cada passo, explicando cuidadosamente a posição exata dos servidores burgueses do Estado operário, Toussaint não explicava nada, e deixava que as massas pensassem que seus velhos inimigos estavam sendo favorecidos à custa delas. Ao permitir que o vissem como partidário dos brancos contra os negros, Toussaint cometeu um crime imperdoável aos olhos de uma comunidade para a qual os brancos representavam tanto mal. Que eles recuperassem suas propriedades já era ruim. Que eles fossem privilegiados seria intolerável. Mas fuzilar Moïse, um negro, por causa de brancos, era mais do que um erro, era um crime. Seria quase como se Lênin tivesse executado Trótski por ter tomado o partido do proletariado contra a burguesia.

A posição de Toussaint era extremamente difícil. São Domingos, afinal, era uma colônia francesa. Visto isso, antes de a expedição ser uma certeza, uma declaração aberta seria impossível. Uma vez que ele compreendeu o que estava para vir, não deveria ter hesitado. Deveria ter declarado que uma poderosa expedição não poderia ter outro objetivo a não ser o de restaurar a escravidão; ter conclamado o povo a resistir; declarado a independência; confiscado as propriedades de todos os que se recusassem a aceitá-la e distribuir essas propriedades entre os que o apoiassem. A Agé e aos demais oficiais brancos deveria ter sido dada a oportunidade de escolher: aceitar ou partir. Caso aceitassem e pretendessem ser traidores, os oficiais negros estariam de sobreaviso contra eles; os homens tomariam conhecimento de suas idéias e atirariam neles ao menor sinal de hesitação perante o inimigo. Os brancos deveriam ter tido a mesma escolha: aceitar o regime negro que garantia e garantiria suas propriedades ou partir. Os traidores seriam tratados como traidores de guerra. Muitos dos fazendeiros preferiam a independência. Eles teriam ficado e contribuído com seus conhecimentos para o novo Estado. Não foram apenas os antigos escravos que seguiram Toussaint. Lamartinière era um mulato tão branco que apelas quem conhecesse a sua origem poderia dizer que ele era de ascendência negra; contudo, estava absoluta e completamente devotado à causa de Toussaint. Assim como Maurepas, um velho escravo alforriado. Com Dessalines, Belair, Moïse e centenas de outros oficiais, antigos escravos alforriados, teria sido fácil para Toussaint ter toda a massa da população na sua retaguarda. Tendo o exército, alguns dos negros e mulatos mais bem instruídos e os trabalhadores, que o haviam apoiado em tudo com firmeza, ele teria sido invencível. Com a questão esclarecida e o seu poder estabelecido, muitos dos que talvez estivessem hesitantes teriam ficado ao lado daquele que agisse firmemente. Depois de conquistar uma vitória decisiva, não seria impossível reabrir negociações com um arrependido Governo francês para estabelecer as esperadas relações.

Os trabalhadores e o exército de ébano é que poderiam ter resolvido o problema, e a política de Toussaint incapacitou a todos.

O exército estava com a fidelidade dividida. Havia nele franceses cujo dever seria lutar pela França. Eles, os mulatos e os negros alforriados não temiam pela própria liberdade.

Em vez de trazer os trabalhadores negros para mais perto de si, ele os afastou. Mesmo depois da revolta, não era tão tarde. Lênin esmagou a revol-

ta de Kronstadt⁹ com mão implacável, mas de maneira tão abrupta que gerou protestos entre os defensores da disciplina partidária, e ele apresentou imediatamente depois a Nova Economia Política¹⁰. Foi esse rápido reconhecimento do perigo que salvou a Revolução Russa. Toussaint esmagou a revolta como era de se prever que o faria. Mas, em vez de reconhecer que a insurreição se originou no medo do mesmo inimigo contra o qual se armava, ele foi mais severo com os revolucionários do que jamais havia sido. Sucedeu que o dia em que Moïse foi executado, 21 de novembro, foi o mesmo dia fixado por Napoleão para a partida da expedição.

Em vez de represálias, Toussaint deveria ter percorrido o país e, com aquele jeito doméstico que conhecia tão bem, mobilizado as massas, conversado com o povo, explicado a eles a situação e dito o que desejava que fizessem. Da forma que ocorreu, a política na qual ele persistiu levou as massas a um estado de estupor¹¹. Dizia-se que ele pensava no efeito que ela causaria na França. A severidade com que agia e a proclamação tranquilizando os brancos visavam mostrar a Bonaparte que todas as classes estariam a salvo em São Domingos e que poderiam confiar em Toussaint para governar a colônia com justiça. Isso provavelmente é verdade e foi a causa de sua condenação.

Bonaparte não iria se convencer pela justiça, integridade e capacidade de Toussaint para governar. Onde os imperialistas não encontram ordem, eles a criam deliberadamente, como fez Hédouville. Eles desejam uma desculpa para poder entrar. Mas a encontram com facilidade e entrarão mesmo sem ela. O que vale é a força e principalmente a força organizada das massas. Sempre, mas principalmente no momento da luta, um líder precisa pensar em suas próprias massas. O que importa é o que elas pensam e não o que os imperialistas pensam. E se, para tornar as coisas claras para as massas Toussaint tivesse de fazer vista grossa a um massacre de brancos, tanto pior para eles. Ele havia feito todo o possível por eles, e se a questão das raças ocupava o lugar que ocupava em São Domingos, não era por culpa dos negros. Mas Toussaint, como Robespierre, destruiu sua própria ala esquerda e com isso selou sua sorte. A tragédia é que não era necessária. Robespierre atacou as

⁹ Revolta ocorrida em 1921 na fortaleza de Kronstadt, em Petrogrado, devido ao desabastecimento e à situação econômica na capital. Os insurretos aceitavam o Estado soviético, mas sem os bolcheviques. A revolta foi esmagada. (N. do T.)

¹⁰ A Nova Economia Política (NEP), aplicada em 1921 por Lênin, significou um recuo na política de estatização da economia soviética, especialmente no comércio e no campo. (N. do T.)

¹¹ Idlinger, tesoureiro da colônia. Relatório ao Governo francês, *Les Archives du Ministère des Affaires Étrangères. Fonds divers, section Amérique*, n. 14.

massas porque era burguês e elas, comunistas. O embate era inevitável e não adianta reclamar. Mas entre Toussaint e seu povo não havia diferenças fundamentais de pontos de vista e intenções. Sabendo que o problema racial era político e social, tentou tratá-lo de uma forma puramente política e social. Foi um erro grave. Lênin, em sua tese dirigida ao Segundo Congresso da Internacional Comunista¹², alertou os revolucionários brancos, alerta muito necessário a eles, que o efeito da política imperialista na relação entre povos avançados e atrasados havia sido tal que os comunistas europeus teriam de fazer muitas concessões aos nativos dos países coloniais para poder sobrepujar os preconceitos justificados que estes sentiam em relação a todas as classes dos países opressores. Toussaint, à medida que crescia o seu poder, ia se esquecendo disso. Ignorou os trabalhadores negros, confundiu-os no momento em que mais precisava deles, e desnortear as massas é desfê-las o golpe mais mortal numa revolução.

Sua fraqueza pessoal, o lado contraditório da sua força, também tomou parte nisso. Ele deixou no escuro até mesmo os seus generais. Era um homem quieto e reservado por natureza e havia sido criado na disciplina militar. Dava ordens e esperava que fossem obedecidas. Ninguém jamais sabia o que ele estava fazendo. Disse repentinamente a Sonthonax que este deveria partir e solicitou a seus generais que assinassem a carta, caso lhes aprouvesse. Quando Vincent falou com Christophe e Moïse sobre a Constituição, eles não sabiam nada a respeito. A queixa amarga de Moïse sobre Toussaint e os brancos partia obviamente de um homem para quem Toussaint jamais havia explicado os motivos de sua política. Não teriam precisado de muita persuasão para seguir um líder ousado. Moïse esgrava tateando o seu caminho nessa direção e podemos apontar a debilidade de Toussaint com mais clareza porque Dessalines realmente havia encontrado o método correto. O discurso que proferiu ao exército ficou famoso e uma das versões – ele provavelmente fez este discurso mais de uma vez – era a seguinte: “Se a França cometer alguma insensatez por aqui, todos devem levantar-se juntos, homens e mulheres”. Fortes aclamações acolheram esse pronunciamento ousado, que valia mais do que mil das proclamações equivocadas de Toussaint tranquilizando os brancos. Dessalines não tinha a menor intenção de tranquilizar os brancos.

Os brancos eram os brancos do velho regime. Dessalines não se preocupava com o que eles diziam ou pensavam. Os trabalhadores negros é que

¹² Congresso ocorrido em Moscou em 1920. Foi marcado pelo entusiasmo pela derrota do exército branco e pela invasão da Polónia. Essa invasão acabaria derrotada. (N. do T.)

teriam de lutar, e eram eles que precisavam ser tranquilizados. Não que Toussaint tivesse quaisquer ilusões sobre os brancos. Ele não tinha nenhuma. Quando a guerra realmente começou, enviou uma breve mensagem aos seus comandantes: “Não deixai nada branco atrás de vós”¹³. Mas o mal já havia sido feito.

No entanto, os erros de Toussaint provinham das mesmas qualidades que faziam dele o que era. É fácil ver hoje, como os seus generais o viram, depois que ele morreu, onde foi que ele errara. Isso não significa que eles ou nós teríamos feito melhor se estivéssemos em seu lugar. Se Dessalines conseguia enxergar com tanta clareza e simplicidade, era porque os laços que ligavam esse soldado inculto à civilização francesa eram dos mais frágeis. Via tão bem o que estava embaixo do seu nariz porque era incapaz de enxergar mais longe. O fracasso de Toussaint foi devido ao esclarecimento e não à obscuridade.

Nos últimos dias de dezembro, a frota do almirante Villaret-Joyeuse, conduzindo a bordo o primeiro destacamento de doze mil homens, entrou no porto da baía de Samana. Toussaint, sozinho num pico das vizinhanças, observava os navios. Desacostumado com armamentos navais, ficou estarecido com o seu número. Quando voltou para seu Estado-maior, proferiu as seguintes palavras:

– Pereceremos todos. Toda a França veio para nos esmagar!

Não era medo. Ele jamais teve medo. Mas determinados traços de caráter são profundos nos grandes homens. Apesar de tudo o que havia feito, ele era no fundo o mesmo Toussaint que tinha hesitado em se juntar à revolução em 1791 e que, durante todo um mês, protegera a fazenda do seu senhor da destruição. Só que desta vez não se tratava de uma plantação e um punhado de escravos, mas de uma colônia e centenas de milhares de pessoas.

¹³ Mauviel, bispo de São Domingos, memorando a Napoleão, *Les Archives Nationales*, A. F. IV. 1187.



A derrota de Toussaint na guerra da independência e sua prisão e morte na Europa são considerados universalmente uma tragédia. Elas encerram os elementos autênticos de uma tragédia na qual, mesmo no auge da guerra, Toussaint lutava para manter a conexão francesa como uma necessidade ao Haiti em seu longo e difícil ascenso à civilização. Convencido de que a escravidão jamais seria restaurada em São Domingos, ele também estava convicto de que uma população de escravos, recém-chegados da África, não poderia integrar-se à civilização por si mesma. Quando vemos seus erros e a consequente catástrofe, motivados por suas evasivas e por sua falta de habilidade em tomar as decisões firmes e realistas, que tanto distinguiram a sua carreira e tornaram-se a suprema expressão de sua personalidade, temos de nos lembrar de que aqui não se trata de nenhum conflito dos dilemas insolúveis da condição humana, de nenhuma divisão de uma personalidade que só pode ser encontrada na luta pelo inatingível. Toussaint era um homem íntegro. O homem em que havia se transformado pela Revolução Francesa exigia que fosse mantida a relação com a França da liberdade, da igualdade, da fraternidade e da abolição da escravidão, indiscutivelmente. O significado da França revolucionária estava sempre em seus lábios, em suas declarações públicas, em sua correspondência e na intimidade espontânea de suas conversas particulares. Era o mais alto estádio da existência social que ele podia imaginar. Não era apenas a estrutura de sua mente. Ninguém à sua volta, além dele, tinha tanta consciência da necessidade prática de resolver o problema do atraso social e das primitivas condições de vida. Sendo o homem que era, por natureza e pela extensão e pela intensidade das novas experiências, que são privilégio de poucos, aquela era a maneira pela qual enxergava o mundo em que vivia. Sua atitude irreal para com os antigos senhores, na sua pátria e fora dela, provinha não de um humanitarismo ou de uma lealdade abstrata, mas do reconhecimento de que apenas eles tinham o que a sociedade de São Domingos precisava. Ele acreditava que poderia manipulá-los. Talvez pudesse mesmo tê-lo fei-

to. Estava numa situação estreitamente comparável à do maior de todos os estadistas norte-americanos, Abraham Lincoln, em 1865: se algo pudesse ser feito, só ele poderia fazê-lo. A Lincoln não fora permitido tentar, mas Toussaint lutou desesperadamente por esse direito.

Se estava convencido de que São Domingos decairia sem as vantagens da conexão francesa, também estava certo de que a escravidão jamais poderia ser restaurada. Entre essas duas certezas, ele, em quem a visão penetrante e a decisão rápida passaram a ser uma segunda natureza, tornar-se-ia a personificação do vacilo. Foi a fidelidade à Revolução Francesa e a tudo que ela possibilitou, para a humanidade em geral e para o povo de São Domingos em particular, que o tornou no que ele era. Mas isso acabou por arruiná-lo no final.

Talvez a sua expectativa de obter mais do que a liberdade pura e simples tenha sido demais para a época. Dessalines se satisfazia apenas com isso. Talvez a prova de que a liberdade por si só seria possível residisse no fato de que, para mantê-la, Dessalines, o fiel ajudante, teria de se assegurar de que Toussaint estaria fora de cena. Toussaint tentava o impossível, aquele impossível que para ele era a única realidade que importava. As realidades, às quais o historiador está condenado, algumas vezes simplificarão as alternativas trágicas com as quais ele se defrontou. Mas as observações dos fatos e as conclusões exigidas por elas não devem obscurecer ou diminuir o verdadeiro caráter trágico do seu dilema, que é um dos mais extraordinários entre os registrados pela História.

Mas, num sentido mais profundo, vida e morte não são verdadeiramente trágicas. Prometeu¹, Hamlet², Lear³, Fedra⁴ e Acab⁵ asseguraram o que tal-

¹ Criatura mitológica aprisionada por Zeus no Cáucaso, por ter roubado o fogo da vida para dá-lo aos homens. Lá, ele sofreria o eterno martírio de ter seu fígado, que sempre se regenerava, devorado por uma ave de rapina. Foi personagem de diversas obras, entre elas *Prometeu aprisionado* de Ésquilo e um grande poema dramático homônimo de Shelley. (N. do T.)

² Príncipe da Dinamarca, personagem de uma tragédia de Shakespeare, que encena uma peça para denunciar a conspiração que levou ao assassinato de seu pai, o rei. (N. do T.)

³ Personagem da tragédia de Shakespeare *Rei Lear*, que após dividir o seu reino entre duas de suas filhas em detrimento de uma terceira é desprezado pelas favorecidas e passa a viver na penúria, onde contrará com o afeto daquela que fora deserdada. (N. do T.)

⁴ Personagem da tragédia homônima de Racine, imitação de *Hipólito corado* de Eurípides. Era a esposa de Teseu, que, rejeitada no amor que sentia pelo cunhado Hipólito, o acusa perante o marido, entrega-o à fúria de Netuno. Arrepentida, comete suicídio. (N. do T.)

⁵ Ou Ahab. Personagem do romance *Moby Dick* de Herman Melville. Capitão de um baleeiro obcecado pela idéia de caçar uma gigantesca baleia branca. (N. do T.)

vez sejam impulsos permanentes da condição humana contra as exigências da sociedade organizada. Eles o fazem diante do iminente, ou até da destruição certa, e o seu desafio os impele a alturas que tornam a sua derrota um sacrifício que se adiciona à nossa concepção da grandeza humana.

Toussaint está numa categoria menor. Seus esplêndidos poderes não crescem, mas declinam. Se anteriormente ele se distinguia acima de todos pela maneira com a qual julgava pronta e destemidamente aquilo que confrontava, agora o vemos julgando incorretamente os acontecimentos e as pessoas, vacilando em princípio e perdendo o respeito dos seus inimigos e a confiança dos que o apoiavam.

A hamartia⁶, a trágica imperfeição que construímos a partir de Aristóteles, em Toussaint não era uma fraqueza moral. Era um erro específico, um total desacerto dos eventos construintes. Todavia, o que foi perdido pela liberdade imaginativa e lógica criativa dos grandes dramaturgos é reparado, até certo ponto, pela atualidade histórica do seu dilema. Assim, seria um erro considerá-lo apenas uma figura política numa remota ilha das Índias Ocidentais. Se a sua história não se parece com as maiores criações dramáticas, em seu significado social e no apelo humano ela excede em muito os últimos dias em Santa Helena e aquela apoteose de culminância e degradação que foi o suicídio em Wilhelmstrasse. As tragédias gregas sempre recorriam aos seus deuses para a personificação dramática do Destino, a barreira que domina um mundo que nem eles nem nós construímos.

Mas nem mesmo Shakespeare poderia ter encontrado uma personificação tão dramática do destino como aquela contra a qual Toussaint lutou: Napoleão Bonaparte.

E nem mesmo a imaginação mais fértil poderia ter vislumbrado a entrada do coro dos escravos como árbitros do seu próprio destino. A certeza de Toussaint de que essa seria a solução final e inevitável do problema ao qual ele se recusava a ficar limitado explica seus erros e os repara.

Como Toussaint, Bonaparte fazia tudo pessoalmente e traçou seu plano de campanha de próprio punho.

⁶ Defeito de caráter; erro, culpa, pecado, especialmente dos heróis trágicos da literatura. (N. do T.)

Ele o dividiu em três etapas. Na primeira delas, Leclerc deveria promover a Toussaint tudo que ele solicitasse, para que pudesse se estabelecer nos principais pontos do país.

— Assim que isso for conseguido, deverás ser mais firme. Ordena-lhe que responda a mim, sem sofismas, a intimação e a minha carta.

Toussaint deveria ir a Le Cap e jurar fidelidade à República. “Naquele mesmo dia”, ele e todos os que o apoiavam, brancos ou negros, deveriam ser enviados à França, não como degradados, mas com honra e consideração. (Isso seria feito apenas para evitar que a população se irritasse, mas nenhuma divisa permaneceria nos ombros de um único preto.) Raimond, que não tinha muitos seguidores, deveria ser preso e enviado à França como criminoso. Durante essa primeira etapa, Leclerc deveria tratar bem de Moïse, Dessalines e Toussaint e deveriam ser feitas tentativas para conquistar Christophe, Clairveaux e Maurepas, que eram “favoráveis aos brancos”, ou seja, homens que haviam cumprido a política de Toussaint, e tratá-los com equidade e consideração. Essa seria a primeira etapa e duraria de quinze a vinte dias.

Mas Bonaparte tinha dúvidas quanto a Toussaint, Moïse e Dessalines. Caso eles não viessem a jurar fidelidade (e, caso viessem, seriam educada mas resolutamente deportados), deveriam ser declarados traidores, caçados numa “guerra até a morte” e, se capturados, fuzilados dentro de 24 horas. Isso poria fim à segunda etapa. “No mesmo dia”, em todos os pontos, “todas as pessoas indecisas, de qualquer cor, deveriam ser presas, e todos os generais negros, de qualquer posição, deportados.” O último estágio seria desarmar a população. A Guarda Nacional e a *gendarmérie* seriam “reorganizadas”, vale dizer, tornadas totalmente brancas, e então São Domingos estaria pronta para as “leis especiais”.

A primeira coisa seria obstruir o poder militar dos negros: nenhum negro acima da patente de capitão seria deixado na ilha.

A segunda coisa era o prestígio. Bonaparte conhecia a importância imperialista do devido respeito às mulheres brancas entre os nativos. Os antigos só consideravam completa a conquista depois de terem dormido com a esposa ou com as filhas do monarca vencido. É difícil inculcar o devido sentimento de inferioridade em um homem que dorme com a esposa irmã. Napoleão ordenou que todas as mulheres brancas, de qualquer classe, que se houvessem “prostituído” com negros fossem mandadas à Europa. Leclerc não deveria tolerar, por parte de quem quer fosse, qualquer conversa sobre os “direitos dos negros que haviam derramado tanto

panheiros caíam, maior parecia a coragem dos que restavam. Avançavam cantando, pois os negros cantam o tempo todo, fazem música para todas as coisas. Aquela era uma canção de homens bravos, e dizia o seguinte:

'Ao ataque, granadeiro,
Quem morrer, problema seu.

Esqueça a mãe,

Esqueça o pai,

Ao ataque, granadeiro,

Quem morrer, problema seu'.

"Aquela canção valia por todas as nossas canções republicanas. Por três vezes, aqueles homens bravos, com as armas na mão, avançaram sem dar um tiro e, todas as vezes que eram rechaçados, só se retiravam depois de deixar o chão juncado com três quartos de suas tropas. É preciso ver aquela bravura para se ter uma idéia dela. Aquelas canções, cantadas a plenos pulmões por duas mil vozes, sob a harmonia do canhão, produziam um efeito empolgante. Só mesmo a coragem francesa poderia enfrentá-la. Na realidade, as largas trincheiras, uma excelente artilharia e soldados perfeitos nos davam uma grande vantagem. Mas, por muitos dias, aquela massa que marchava cantando para a morte, iluminada por um sol magnífico, permaneceu no meu pensamento e até hoje, quarenta anos depois, aquele espetáculo majestoso e glorioso ainda está vivo na minha imaginação como no momento em que o vi".

Aquela acontecimento despertou até mesmo em Rochambeau, que odiava os negros, um gesto cavalheiresco. Dessalines, líder local, estava posicionado numa colina próxima. Até ele, conhecido como o mais bravo de todos, foi tomado pelo espírito que animava Capois e seus homens e, emudecido de admiração, ficou observando o ataque, revirando na mão a sua legendaria tabaqueira. Uma chuva repentina parou o combate. Mas era o fim. Naquela noite, Rochambeau convocou um conselho de guerra e decidiu evacuar a ilha. Toussaint havia morrido há apenas sete meses, mas a sua tarefa estava concluída. Com homens que tremiam de medo diante de qualquer valentão branco, em dez anos ele organizou um exército que nada ficava a dever aos melhores que a Europa já havia visto.

"Já não há dúvida, meu caro general", escreveu o triunfante Dessalines a um de seus oficiais no Sul, "o país é nosso e o famoso *quem ficará com ele* já está decidido."

No dia 28 de novembro, um dia antes da data fixada para sua partida, Rochambeau tentou chegar a um acordo sobre seus homens e navios com os britânicos que esperavam por ele fora da barra. Os britânicos ditaram condições muito duras e Rochambeau ameaçou desembarcar em Caracol e retirar-se para a São Domingos espanhola, que ainda estava nas mãos dos franceses. Dessalines advertiu-o de que, se ele não se retirasse imediatamente, os navios seriam bombardeados com bombas incendiárias. Desde cedo as náguas de Fort Picolet estavam queimando e Rochambeau não teve alternativa senão render-se aos ingleses. Dos sessenta mil soldados e marinheiros que haviam partido da França, quase todos pereceram e os poucos que restaram iriam apodrecer durante anos nas prisões inglesas.

No dia 29 de novembro, Dessalines, Christophe e Clairveaux (Pétion e doente) divulgaram uma proclamação preliminar de independência, em moderado e que deplorava o derramamento de sangue dos anos anteriores. 31 de dezembro, a Declaração de Independência definitiva foi lida numa reunião com todos os oficiais em Gonaïves. Para enfatizar a ruptura com os franceses, o novo Estado foi batizado de Haiti. Dessalines fez uma tentativa para tomar a São Domingos espanhola, mas a Revolução Francesa jamais teve qualquer influência lá, e ele fracassou. Em outubro de 1804 ele se coroou Imperador. Mercaderes privados de Filadélfia o presentearam com a coroa, trazida pelo navio americano *Connecticut*, e seu manto de coroação imperial chegou ao Haiti vindo de Londres, via Jamaica, numa fragata inglesa. Ele fez sua entrada solene em Le Cap numa carruagem puxada por seis cavalos, trazida pelo agente inglês Ogden, bordo do *Samson*⁹². Assim, o monarca negro entrou de posse de sua herança vestida e servido pelos capitalistas ingleses e americanos, apoiados, por lado, pelo Rei da Inglaterra e, por outro, pelo Presidente dos Estados Unidos.

No começo do ano de 1805, os brancos do Haiti foram massacrados ordem de Dessalines. Todas as versões da História contam isso. Um representante do Governo britânico⁹³, certa vez, atirou isso na cara do delegatário haitiano em um encontro da Liga das Nações. Ele teria sido mais cauteloso se conhecesse o papel que o seu altamente civilizado país representou na história do suposto exemplo da típica selvageria negra.

⁹² Ver nota 96.

⁹³ Lorde Cecil.

A paciência e a indulgência dos pobres estão entre os principais baluartes dos ricos. Os trabalhadores negros de São Domingos tinham recebido provocações suficientes dos brancos para justificar um massacre três vezes maior. Mas até outubro de 1802, embora soubessem que a escravidão seria restaurada caso perdessem a guerra, os pobres desgraçados ainda guardavam alguns traços de humanidade e, mesmo então, alguns brancos teriam escapado ao massacre. Tudo que os trabalhadores queriam era que fossem deixados em paz, com a certeza de que os brancos não procurariam torná-los escravos novamente. Mas as cartas de Leclerc revelam que ele havia decidido declarar uma guerra de extermínio, a qual consistia em massacrar o maior número possível de negros. O afogamento de mais de mil deles em Le Cap, de uma só vez, não foi um ato de pânico: aquilo foi feito deliberadamente. Com isso, iniciou-se uma guerra racial, que Rochambeau concluiu quando tentou exterminar os negros e também os mulatos.

Mas os brancos de São Domingos, quando viram as armas e a política de Rochambeau fracassarem, mais uma vez se voltaram para os negros. A moderada proclamação de Dessalines em 29 de novembro os tranquilizou. Dessalines até mesmo convidou os emigrados brancos a voltarem e retomarem a posse de suas propriedades. Os negros não queriam os seus bens: "Esse pensamento injusto está bem longe da nossa mente". Os franceses, ao se retirarem, ofereceram passagem aos brancos em seus navios. Estes recusaram unanimemente⁹⁴. Aqueles abomináveis hipócritas, agora que sua última cartada pela supremacia havia falhado, queriam acomodar-se num Estrado negro independente.

O motivo pelo qual não conseguiram essa acomodação não foi devido apenas ao justificado ódio dos negros, mas à selvageria calculada do imperialismo. Podemos supor que Dessalines desejasse destruir todos os brancos. Ele havia combinado com Rochambeau que protegeria os franceses feridos. Assim que Rochambeau partiu, ele os massacrrou. Mas Christophe certamente não tinha tal intenção e toda a narrativa de Clairveaux mostra que ele era um homem que não abrigaria tais idéias. Mas quando o Congresso se reuniu em Gonaïves havia três ingleses presentes, um dos quais era Cathcart, agente britânico. Eles juraram que a Inglaterra comercializaria com São Domingos e reconheceria sua independência apenas quando o último dos brancos tivesse caído

⁹⁴ POYEN, *Histoire militaire de la Révolution...*, p. 436.

sob o machado⁹⁵. Aqueles canibais civilizados, em sua ganância por negócios desejavam abrir uma brecha entre o Haiti e a França, para impedir qualquer possibilidade de união. Em vez de usar a sua influência no sentido correto preferiram fazer aquelas propostas a um povo exasperado por séculos de provocação e tão tensos ao ponto de explodir por causa da invasão de Leclerc e da crueldades de Rochambeau. Esse foi um dos crimes mais infames e injustificados em toda essa história lamentável. Embora não haja evidências, os americanos provavelmente também estavam envolvidos. Durante toda a campanha de Leclerc, eles tomaram o partido dos negros, acusaram Leclerc de "crime, traição, assassinato e sacrilégio"⁹⁶, publicaram em seus jornais as maquinacões pérfidas de Leclerc contra o "infeliz Toussaint", e, de modo geral, estavam consumidos por aquela indignação virtuosa que caracterizou o capitalismo anglo-saxão sempre que as propriedades e os lucros corriam perigo. Não havia dúvida de que a grande maioria do povo inglês teria se revoltado, horrores diante de tamanha barbaridade, como a vasta maioria dos franceses depois de 1794 que desaprovava a escravidão. Mas hoje, como naquela época, os grandes proprietários e seus agentes cometem os crimes mais ferozes em nome de todo um povo e blefam e intimidam por meio de propaganda mentirosa.

O primeiro rascunho da Proclamação entregue a Dessalines no Congresso foi por ele rejeitado por ser muito moderado. O segundo, que teve sua aprovação, trazia uma nota nova: "Paz aos nossos vizinhos. Mas anátema ao nome da França. Ódio eterno à França. Esse é nosso grito". Dessalines foi coroado em outubro de 1804. Os proprietários brancos ainda permaneciam incólumes. A população negra, apesar das proclamações incendiárias de Dessalines incitando-a contra os brancos, não os molestou em absoluto. Em janeiro veio a ordem para massacrá-los, mas mesmo assim não houve um holocausto.

Em fevereiro e março, Dessalines empreendeu uma campanha contra os franceses no país. Sinou São Domingos e, no vigésimo segundo dia do cerco, a cidade estava para cair em suas mãos quando uma esquadra francesa apareceu no porto, comandada pelo almirante Missiessy. Ao mesmo tempo correu o boato de que outro esquadra francês estava no porto de Gonaïves. Dessalines, sentindo que o Haiti estava ameaçado, levantou o sítio e correu para casa. Foi então que

⁹⁵ GUY, *La Perte de Saint-Domingue. Du Traité d'Amiens au couronnement de Dessalines. D'après les mémoires (...) conservés aux Archives des Colonies. Fonds Moreau*, f. 283. M. Camille Guy, *Bulletin de géographie historique et descriptive*, N° 3, 1898, p. 17-8.

⁹⁶ Extratos de jornais americanos entre os arquivos de Leclerc. *Les Archives du Ministère de Guerre*. B. 7. 6.

o massacre aconteceu. A população, amedrontada com a proximidade da contra-revolução, matou todos com a maior brutalidade possível. Depois da primeira matança, Dessalines publicou uma declaração prometendo o perdão a todos que estivessem escondidos. Eles saíram dos esconderijos e imediatamente foram mortos. Mas Dessalines tomou todos os cuidados para proteger os brancos ingleses e americanos e poupou também os padres, os trabalhadores especializados e os profissionais de saúde. Toussaint havia escrito a Bonaparte solicitando exatamente pessoas como essas para ajudarem. E mesmo o feroz e ignorante Dessalines, embora ainda com as marcas do chicote em sua pele, teria esquecido o passado caso houvesse qualquer sinal de boa vontade ou generosidade por parte dos adversários. Isso não era idealismo. Temos a carta que Bonaparte escreveu quando estava prestes a dirigir suas forças contra o Oriente. Naquela ocasião ele estava disposto a deixar que Toussaint governasse. E quando estava em Santa Helena confessou que a expedição havia sido um erro e que deveria ter governado a ilha por intermédio de Toussaint L'Ouverture. Finalmente, ele se convencera pelo único argumento que os imperialistas entendem.

O massacre dos brancos foi uma tragédia, mas não para os brancos. Por aqueles antigos donos de escravos, aqueles que queimavam pólvora no traseiro de um negro, que o enterravam vivo para ser comido pelas formigas, que foram bem tratados por Toussaint e que, assim que tiveram oportunidade, recommençaram as velhas crueldades; por esses não é preciso desperdiçar nem uma lágrima e nem uma gota de tinta. A tragédia foi dos negros e dos mulatos. Aquela não era uma política e sim uma vingança, e a vingança não tem lugar na política. Os brancos não precisavam mais ser temidos, e esses massacres sem propósito degradam e brutalizam uma população, principalmente uma que estava começando a constituir uma nação e que tinha um passado tão amargo atrás de si. O povo não queria o massacre: tudo o que desejava era liberdade, e a independência parecia prometer essa liberdade. Christophe e outros gerais desaprovavam energicamente⁹⁷. Se os britânicos e americanos tivessem tomado o partido da humanidade, Dessalines teria se curvado. Da forma que se passou, o Haiti sofreu terrivelmente com o isolamento resultante. Os brancos foram banidos do país por muitas gerações, e a pobre nação, economicamente arruinada, com a população carecendo de cultura social, teve suas dificuldades inevitáveis duplicadas por aquele massacre. Que

⁹⁷ POYEN, *Histoire militaire de la Révolution*..., p. 470.

o novo país tenha sobrevivido é algo a seu favor, pois, se os haitianos pensavam que o imperialismo os havia esquecido, estavam muito enganados.

Pitt, Dundas e os demais ficaram satisfeitos. A maravilhosa colônia de São Domingos não era mais a sua rival. Como não conseguiram tomá-la para si mesmos, deixaram de se preocupar com as Índias Ocidentais de uma vez por todas. Mas a França queria a colônia de volta. Apenas a guerra com a Inglaterra e a destruição da frota francesa em Trafalgar (já enfraquecida pela perda de todos os marinheiros mortos em São Domingos) impediram uma nova expedição. A burguesia francesa esperava pacientemente. Eles sempre planejaram restabelecer a escravidão. Mauviel, o bispo que havia sido poupado por Dessalines, agindo como espião, informou a Bonaparte sobre as fortificações e os planos de defesa. O reverendo cavalheiro, declarando depreciativamente que "a sua esfera não era a arte militar", modestamente submeteu a Napoleão um verdadeiro plano de campanha. A maioria dos negros, ele estava certo, desejava ser escrava. Mas, acima de tudo nas colônias, "com a diferença de cor e com seu clima quente, a religião era necessária para reprimir a eferescência das paixões. Sem ela, os negros novamente se abandonariam aos seus instintos brutais e se entregariam a novos excessos. Apenas falando-lhes em nome de Deus é que então se poderia persuadi-los de que o estado de dependência no qual eles se achavam fazia parte dos planos da Providência Divina"⁹⁸. Apesar disso, depois da restauração, deveria existir uma polícia armada e uma *gendarmérie*, "colunas móveis patrulhando todos os pontos", botes leves cruzando constantemente os portos. A religião, acrescenta, não era suficiente.

Como fazer com que os futuros escravos aceitassem a escravidão? Outro cavalheiro propôs que fossem ensinados a ler mas não a escrever. Dessa forma poderiam ler orações e livros edificantes, nos quais aprenderiam as crueldades praticadas pelos espanhóis e ingleses contra os índios de pele vermelha. Ele desejava incluir nos livros principalmente o episódio em que os ingleses convidaram os peles-vermelhas para celebrar um tratado de aliança e os envenenaram com rum⁹⁹. Uma outra proposta sugeria que uma expedição "nã

⁹⁸ MAUVIEL, Memorando a Napoleão. *Les Archives Nationales* A. F. IV. 1212.

⁹⁹ Diversos memorandos sobre a América. *Les Archives du Ministère des Affaires Étrangères*.

apenas poria em atividade o capital adormecido e estagnado dos indivíduos na própria França, mas também atrairia homens endinheirados de outros países (...). Essa proposta veio da Inglaterra ou dos Estados Unidos, pois estava escrita em inglês. Os governantes do Haiti deveriam ser aposentados e perdoados.

Todavia, aqueles que conheciam São Domingos sabiam que lá jamais haveria escravidão para os negros novamente, e a proposta de Lacroix era para exterminar todos os negros que restassem e trazer novos da África¹⁰⁰. Essa era a opinião predominante. Lacroix era um soldado valente e um homem muito culto. Conhecia os líderes negros pessoalmente. Mesmo depois da derrota, ele escreveu elogiosamente sobre eles e o seu povo, mas não existe nada tão feroz quanto um imperialista nas colônias.

Finalmente¹⁰¹, aqueles trabalhadores negros e os mulatos do Haiti nos deram um exemplo a ser estudado. Apesar da reação temporária do fascismo, os padrões predominantes de liberdade e igualdade humana estão infinitamente mais avançados e mais profundos do que os que existiam em 1789. Julgados relativamente por esses padrões, os milhões de negros da África e os poucos dentre eles que foram educados são tão excluídos naquela vasta prisão hoje quanto os negros e os mulatos de São Domingos no século XVIII. Os imperialistas contemplam uma eternidade de exploração africana: "o africano é atrasado e ignorante (...)". Eles estão sonhando. Se, em 1788, alguém tivesse contado ao conde de Lauzanne, o ministro; ao conde de Peynier, o Governador; ao general Rochambeau, o soldado; a Moreau de Saint-Méry, o historiador; a Barbé de Marbois, o burocrata; que milhares de brutos estúpidos, chicoteados para trabalhar pela manhã e chicoteados, novamente, à noite; que eram submetidos a mutilações, queimaduras e outras selvagerias, alguns dos quais nem mesmo se moviam se não fossem chicoteados; se aqueles finos cavalheiros soubessem que, dentro de três anos, os negros iriam quebrar os seus grilhões e enfrentar o extermínio para não ser agrilhoados novamente, aqueles cavalheiros pensariam que quem dissesse tal coisa estaria louco. Ao passo que, se hoje alguém sugerir a um potentado branco colonial que, entre os negros que este governa, há homens infinitamente superiores em capacidade, energia, alcance de visão e tenacidade de propósito a ele, e que, dentro de cem anos, seus brancos serão lembrados

apenas devido ao seu contato com os negros, ter-se-ia idéia do que pensaram os condes, marqueses e outros magnatas coloniais da época sobre Jean-François, Toussaint e Rigaud quando a revolta começou.

Os negros da África são mais avançados e mais preparados do que eram os escravos de São Domingos. Eis aqui o apelo escrito por um obscuro negro rodesiano, em quem arde a mesma chama que ardia em Toussaint L'Ouverture¹⁰²:

"Ouvi todos vós que viveis no país; pensai bem em como eles nos tratam e em como pedir uma terra. Vivemos bem tratados? Não. Portanto, perguntem-nos uns aos outros e lembremos desse tratamento. Porque desejamos que, no dia 29 de abril, cada pessoa deixe de ir ao trabalho; aquele que for trabalhar e for visto estará com um sério problema. Já sabeis como eles nos fazem sofrer, como nos enganam por dinheiro, como nos prendem por vagabundagem, nos perseguem e nos põem na cadeia por causa dos impostos. Que reação tivemos? Em segundo lugar, vós que não quereis ouvir essas palavras, bem, ouvi, estamos em 1935, se eles não aumentarem nosso dinheiro, pararemos de pagar impostos; pensais que podem nos matar? Não! Tomemos coragem; certamente vós vereis que Deus está conosco. Vede como sofremos com o trabalho e como somos continuamente envidescidos e surrados até cair. Muitos dos nossos irmãos morrem por 22 vinténs e seis centavos; é por esse dinheiro que devemos perder a nossa vida? Aquele que não sabe ler deveria dizer ao seu companheiro que não vá ao trabalho no dia 29 de abril. Essas palavras não saem daqui, elas vêm dos mais sábios, que estão distantes e podem nos encorajar.

"Isso é tudo. Ouçam bem e, se for direito, deixem-nos fazer assim.

"Somos todos dos Nkana.

"Africanos, Homens e Mulheres.

"Estou satisfeito,

"G. Loveway."

Homens como Loveway são os heróis de um novo mundo. Outros surgirão, e mais outros também. Do povo que se esforça em agir surgirão os líderes; não dos negros isolados no Guys' Hospital ou na Sorbonne, dos

¹⁰⁰ LACROIX. Memorando a Napoleão.

¹⁰¹ Ver prefácio à edição Vintage, p. vii.

¹⁰² Comando 5009.

diletantes do surrealismo ou dos advogados, mas dos calmos recrutas de uma força policial negra: o sargento do exército nativo francês ou da polícia inglesa, aquele que se familiariza com as táticas e estratégias militares ao ler um panfleto perdido a respeito de Lênin ou Trótski, como Toussaint que lia o padre Raynal.

O sucesso não virá do isolamento da África. Os negros exigirão trabalhadores treinados e professores. O socialismo internacional precisará dos produtos de uma África livre, bem mais do que a burguesia francesa precisava da escravidão e do tráfico de escravos. O imperialismo se gaba de explorar a riqueza da África para beneficiar a civilização. Na realidade, por causa da natureza do seu sistema de produção pelo lucro, ele estrangula a verdadeira riqueza do continente: a capacidade criativa do seu povo. O africano enfrenta uma longa e difícil jornada e precisará de orientação. Mas ele progredirá rapidamente, porque caminhará com os pés no chão e a frente no futuro.

APÊNDICE

A Toussaint L'Ouverture por William Wordsworth

Quando a sorte, Toussaint, encontrarás?
Se o rangido do arado das sementes
Ressoa em teus ouvidos; se consentes
Dormir em poço imundo, pertinaz;
Quando e em que posto tu repousarás,
Miséro comandante? Embora ostentes
O orgulho por detrás dessas correntes,
Cafete, e nunca mais levantarás.
Sossega, atrás de ti ficou o poder
Que agirá em teu lugar: a terra e o dia,
Vendavais que nas brisas se consomem,
Não haverão jamais de te esquecer.
Deixas o amor, as glórias, a agonia
E o espírito indômito do homem.

*Toussaint, the most unhappy Man of Men!
Whether the whistling Rustic tend his plough
Within thy hearing, or thy head be now
Pillowed in some deep dungeon's earless den; -
O miserable Chieftain! where and when
Wilt thou find patience? Yet die not; do thou
Wear rather in thy bonds a cheerful brow:
Though fallen Thyself, never to rise again,
Live, and take comfort. Thou hast left behind
Powers that will work for thee: air, earth, and skies;
There's not a breathing of the common wind
That will forget thee; thou hast great allies;*

*Thy friends are exultations, agonies,
And love, and Man's unconquerable
mind.*

De Toussaint L'Ouverture a Fidel Castro

Toussaint L'Ouverture não está ligado a Fidel Castro apenas pelo fato de ambos terem liderado revoluções nas Índias Ocidentais. Tampouco esse laço é uma demarcação conveniente ou jornalística de um período histórico. O que havia acontecido na São Domingos francesa entre 1792 e 1804 repetiu-se em Cuba em 1958. A revolução servil da São Domingos francesa caminhou até

Atravessar o campo de batalha

De inimigos poderosos¹.

Passados cinco anos², o povo de Cuba continua lutando, valendo-se dos mesmos esforços.

A revolução de Castro significa mais para o século XX do que a de Toussaint significou para o XIX. Mas, apesar da distância de mais de um século e meio, ambas são características das Índias Ocidentais. O povo que as realizou, os problemas com que se deparou e as tentativas de resolvê-los são peculiares das Índias Ocidentais, produtos de uma origem peculiar e de uma história peculiar. Seus habitantes tomaram consciência de si próprios como povo durante a Revolução Haitiana. Seja qual for o seu destino verdadeiro, a Revolução Cubana marca, desde já, o estádio último do desafio dessas ilhas em direção à busca de uma identidade nacional. Em uma série dispersa de ilhas desiguais, o processo consiste em uma série de períodos

¹ Os versos são da tragédia de William Shakespeare: *Hamlet*, ato V, cena 2.

'Tis dangerous when the baser nature comes

Between the pass and fell incensed points

Of mighty opposites.

² Literalmente: passar entre as pontas furiosas e brutais das espadas de poderosos inimigos (*Hamlet* e *Claudius*). A passagem sublinhada é o trecho citado que traduzimos. (N. do T.) Fulgencio Batista renunciou no dia 1º de janeiro de 1959 e Castro tornou-se Primeiro-Ministro no dia 17 de fevereiro do mesmo ano. Este apêndice deve ter sido escrito, portanto, em 1966. (N. do T.)

desconexos de flutuação, pontuado de estímulos, de saltos e de catástrofes. Mas o movimento embrionário é claro e forte.

A história das Índias Ocidentais é dominada por dois fatores: a plantação da cana-de-açúcar e a escravidão do negro. O fato de a maioria da população de Cuba nunca ter sido escrava não afeta o esboço da sua identidade social. O plantio da cana-de-açúcar e a escravidão, onde quer que existissem, impunham um padrão. Trata-se de um padrão original, que não é europeu, nem africano e nem em parte americano, tampouco é nativo, no sentido dado hoje a esse termo; mas das Índias Ocidentais, *sui generis*, sem paralelo em qualquer outra parte do mundo.

A plantação da cana-de-açúcar foi a influência edificadora e civilizadora no desenvolvimento das Índias Ocidentais. Quando os escravos chegaram a essas ilhas, há trezentos anos, eles entraram diretamente no sistema de produção agrícola em larga escala dos engenhos de açúcar, que já era um sistema moderno. Este rapidamente fez com que os escravos vivessem juntos numa relação social, muito mais próximos um do outro do que em qualquer proletariado da época. Quando a cana era cortada, tinha de ser transportada rapidamente para aquilo que era a produção no engenho. A roupa que o escravo vestia e a comida com a qual ele se alimentava tinham de ser importadas. Os negros, assim, desde o começo passaram a levar uma vida que era, essencialmente, uma vida moderna. Essa é a sua história e, tanto quanto eu pude descobrir, uma história única.

Na primeira metade do século XVII, os primeiros colonizadores europeus já haviam tido sucesso na produção individual. As plantações de cana-de-açúcar expulsaram-nos de lá. Os escravos viam ao redor de si uma sociedade tranqüila e com uma certa cultura material: a vida dos proprietários das fazendas. O mais esperto, o mais afortunado e o filho ilegítimo tornavam-se domésticos ou artesãos ligados à colheita ou ao engenho. Bem antes do ônibus e do táxi, a pequena extensão das ilhas fazia com que a comunicação entre elas fosse rápida e fácil. Os proprietários das fazendas e mercadores levavam uma vida política intensa, regida pelos altos e baixos tanto da produção como do comércio de açúcar, em uma época na qual o tratamento e o destino dos escravos cumpriam um papel contínuo e crucial. A plantação da cana dominava a vida nas ilhas a tal ponto que bastava a pele branca para salvar aqueles que não eram nem latifundiários e nem burocratas das humilhações e desesperanças da vida do escravo. Esse era, e ainda é, o padrão de vida nas Índias Ocidentais.

As Índias Ocidentais entre Toussaint L'Ouverture e Fidel Castro dividem-se normalmente em três períodos: I. O século XIX; II. Entre as guerras e III. Depois da Segunda Grande Guerra.

I. O Século XIX

Para o Caribe, o século XIX é o século da abolição da escravidão. Mas foi no Haiti que os padrões definitivos do desenvolvimento regional adquiriram forma. Toussaint não via outro caminho para a economia haitiana a não ser a cultura da cana. Dessalines era um bárbaro. Depois, veio Christophe, um homem com uma habilidade admirável e também um governante esclarecido, apesar das circunstâncias. Ele fez o melhor que pôde em relação à cultura da cana, ainda que o fizesse de maneira cruel. Mas com a libertação dos escravos e a independência essa cultura, indelevelmente associada à escravidão, tornou-se insustentável. Pétion aceitou substituir o plantio da cana pela economia de subsistência.

Durante os primeiros 150 anos de vida do Haiti, não houve nenhuma manifestação internacional hostil à independência das pequenas nações; nenhuma corporação de Estados afins pronta a levantar um retumbante clamor contra uma ameaça possível a um de seus membros; nenhum plano de ajuda dos países ricos aos países mais pobres. A produção de subsistência resultou no declínio econômico e em toda espécie de desordem política. Apesar disso, o país manteve a independência, resultando em um fenômeno inédito que tomou um continente e estabeleceu-se nas instituições do mundo todo.

Eis o que aconteceu. Por mais de cem anos depois da independência, os haitianos tentaram construir uma réplica da civilização européia, isto é, da civilização francesa, nas Índias Ocidentais. Prestemos atenção às palavras de M. Constantin Mayard, embaixador do Haiti em Paris, em 1938:

"São francesas as nossas instituições, francesa a nossa legislação pública e civil, francesa a nossa literatura, francesa a nossa universidade, francesas as disciplinas de nossas escolas. (...)

"Hoje, quando um de nós [um haitiano] aparece num círculo de franceses 'há sorrisos de boas-vindas em cada olhar'. A razão é, sem dúvida, senhoras e senhores, que a sua nação sabe que, dentro do limite da expansão colonial, deu às Antilhas e sobretudo a São Domingos tudo o que podia dar de si e da sua essência. (...) Ela formou, com o molde de seu próprio gênero nacional, com o próprio sangue, a própria língua, suas

instituições, seu espírito e seu solo, um tipo local, uma raça histórica, na qual a seiva da nação continua fluindo, para renová-la completamente".

Geração após geração, os melhores filhos da elite do Haiti foram educados em Paris, onde distinguiram-se na vida intelectual francesa. O ódio peçonhento daqueles dias que antecederam a independência havia desaparecido. Mas uma corrente de pesquisadores e viajantes levou as vãs pretensões da civilização haitiana a uma situação ridícula internacionalmente. Em 1913, a incessante agressão dos escritos estrangeiros foi reforçada pelas baionetas dos fuzileiros navais norte-americanos. O Haiti teve de encontrar um ponto de apoio nacional. Pôde encontrá-lo no único lugar onde poderia ser encontrado: em casa, mais precisamente, em seu próprio quintal. Descobriram aquilo que hoje é conhecido como Negritude. É a ideologia social predominante entre políticos e intelectuais em qualquer parte da África. É o assunto de calorosas disputas e elaborações toda vez que o assunto é a África ou os africanos. Mas, em sua origem e seu desenvolvimento, é o produto peculiar da história também peculiar das Índias Ocidentais, e não poderia ser de outra parte que não das Índias Ocidentais.

Os haitianos não pensam que isso seja Negritude. Para eles, ela parece ser algo puramente haitiano. Dois terços da população da São Domingos francesa na época de Toussaint tinham feito a rota do meio. Os brancos ou emigraram ou foram exterminados. Os mulatos que haviam sido senhores tinham os olhos fixos em Paris. Deixado por sua própria conta, o campesinato haitiano ressuscitou e elevou a um estágio notável a vida que levava na África. O método de cultivo, as relações familiares e sociais, os tambores, as canções e a música, assim como a arte que praticava e, acima de tudo, a religião que ficou famosa, o vodú: tudo isso era a África nas Índias Ocidentais. Mas era também haitiano, e a elite do Haiti atirou-se sobre ele. Em 1926, o dr. Price Mars, em seu famoso livro, *Ainsi Parla L'Oncle* (Assim falou tio), descreveu com muita dedicação e cuidado o modo de vida dos camponês do Haiti. Rapidamente se formaram associações instruídas e científicas. O modo de vida africano dos camponeses do Haiti formou o eixo da criação literária nesse país. Nenhum trabalhador das fazendas, com uma terra livre para defender, juntou-se ao processo.

Os territórios do Caribe seguiram em frente. No final do século XIX, Cuba produziu uma grande revolução, a qual costuma ser chamada de "A Guerra dos Dez Anos". Realizou prodígios. Mas, se não chegou a constituir um panteão como o das Índias Ocidentais, ao menos teve nomes como os de José Martí, o líder político, e o do soldado Maceo. Eram homens de acordo

com as tradições de Jefferson, Washington e Bolívar. Esta era a sua força e esta era a sua fraqueza. Eram líderes de um partido nacional revolucionário e de um exército nacional revolucionário. Um povo revolucionário que Toussaint L'Ouverture e Fidel Castro lideraram. A guerra pela independência começou e terminou na Emenda Platt³ de 1904.

Foi um ano antes da Emenda Platt que apareceu pela primeira vez aquilo que se recusara a ser uma característica particular da vida das Índias Ocidentais: o escritor apolítico devotado à análise e a expressão da sociedade das Índias Ocidentais. O primeiro deles, e também o maior, foi Fernando Ortiz. Por mais de meio século, em casa ou no exílio, ele foi um incansável expoente da vida cubana e da *cubanidad*, a alma cubana. A história do imperialismo espanhol, a Sociologia, a Antropologia, a Etnologia e todas as ciências relacionadas fazem parte da sua investigação sobre a vida cubana, o folclore, a literatura, a música, a arte, a educação e a criminalidade: tudo cubano. A característica mais distintiva de seu trabalho são os seis volumes que ele dedicou à vida do negro e do mulato em Cuba. Vinte e cinco anos antes do *Writer's Project* do *New Deal*⁴ começar a descobrir os Estados Unidos, Ortiz pôs-se a descobrir sua terra natal, uma ilha das Índias Ocidentais. Em essência, é o primeiro e único estudo abrangente sobre o povo das Índias Ocidentais. Ortiz conduziu os caribenhos até o pensamento do século XX e manteve-os lá.

II. Entre as Guerras

Antes da Primeira Grande Guerra, o Haiti começou a escrever um outro capítulo na história da luta das Índias Ocidentais pela independência nacional. Alegando a necessidade de saldar as dívidas e restabelecer a ordem, os fuzileiros navais norte-americanos, como sabemos, invadiram o Haiti em 1913. A nação inteira resistiu. Uma greve geral foi organizada e liderada

³ Emenda do senador Platt de Connecticut que garantia a ocupação militar dos Estados Unidos em Cuba com a finalidade de garantir-lhe a independência. Na verdade, impunha uma série de medidas restritivas ao país. Graças a ela, os norte-americanos possuem ainda hoje a base militar de Guantánamo. (N. do T.)

⁴ O *New Deal* foi um grande projeto nacional da década de 30, nos Estados Unidos, do Presidente Franklin Delano Roosevelt. Propunha uma arte que não estivesse atrelada às tendências européias, buscando influências em muitas partes, como no México e na Rússia do início da Revolução. Na literatura, reuniu 6 686 escritores em 48 Estados e no Distrito de Colúmbia para aquilo que foi denominado *The Federal Writer's Project*. (N. do T.)

pelos intelectuais literatos que tinham descoberto o africanismo de seus camponeses como uma via para a identidade nacional. Os fuzileiros navais partiram e os negros e mulatos reiniciaram os conflitos fratricidas. Mas a imagem que o Haiti fazia de si mesmo tinha mudado. "Adeus à Marselhesa", uma expressão famosa de um dos mais conhecidos escritores haitianos, significa a substituição da França pela África no primeiro Estado independente das Índias Ocidentais. Pode parecer que a África tenha sido invocada nas Índias Ocidentais por necessidade empírica e circunstâncias acidentais. Não foi bem assim. Muito antes de os fuzileiros navais deixarem o Haiti, o papel da África na consciência do povo das Índias Ocidentais tinha demonstrado ser, por si só, um estágio no desenvolvimento da busca de uma identidade nacional para as Índias Ocidentais.

Essa história é uma das mais estranhas histórias em qualquer período da História. Os fatos isolados são conhecidos. Mas ninguém nunca os reuniu e dedicou a eles a atenção que merecem. Nos dias de hoje, a emancipação da África é um dos mais notáveis eventos da História contemporânea. No período entre as guerras, quando essa emancipação estava sendo preparada, os líderes incontestáveis do movimento em cada esfera pública, na própria África, na Europa e nos Estados Unidos não eram africanos, mas das Índias Ocidentais. Primeiro, os fatos sobre os quais não há controvérsias.

Dois negros das Índias Ocidentais, usando a tinta da Negritude, escreveram seus nomes para sempre nas primeiras páginas da História de nossa época. Marcus Garvey destacou-se como líder. Garvey, imigrante jamaicano, é o único negro bem-sucedido a formar um movimento de massa entre os negros americanos. As especulações a respeito do número de seus seguidores já alcançam o número de milhões. Garvey defendeu a devolução da África para os africanos e seus descendentes. Ele organizou, muito precipitadamente e com pouca competência, a *Black Star Line*⁵, uma companhia de navios a vapor para transportar pessoas de linhagem africana do Novo Mundo para a África. Garvey não foi muito longe. Seu movimento tomou forma realmente eficaz por volta de 1921, e lá por 1926 encontrava-se em uma prisão norte-americana (um processo por uso indevido dos correios); da prisão foi deportado de volta à Jamaica. Mas tudo isso é apenas a fachada. Garvey nunca botou os pés na África. Não falava nenhuma língua africana. Suas concepções da África pareciam ser as de uma ilha das Índias Ocidentais e do seu

⁵ Uma das divisas de Garvey era: "A África para os africanos". (N. do T.)

povo multiplicadas por mil. Mas Garvey conseguiu transmitir aos negros (e ao resto do mundo), em todos os lugares, sua crença apaixonada de que a África era o lar de uma civilização que já fora grande outrora e que o seria novamente. Quando se imagina a escassez dos recursos que tinha, as avassaladoras forças materiais e as penetrantes concepções sociais que inconscientemente visavam a destruí-lo, seus esforços continuavam sendo um dos milagres propagandísticos deste século.

A voz de Garvey reverberou dentro da própria África. O rei da Suazilândia disse à esposa de Marcus Garvey que conhecia o nome de somente dois homens do mundo ocidental, Jack Johnson, o boxeador que derrotou o branco Jim Jeffries, e Marcus Garvey. Jomo Kenyatta relatou a este escritor que, em 1921, os nacionalistas do Quênia, como não sabiam ler, reuniam-se em volta de um leitor do jornal de Garvey, o *Negro World*, e escutavam a leitura de um artigo duas ou três vezes. Depois, debandavam pela floresta, para repetir com cuidado tudo o que tinham na memória para os africanos, ávidos por uma doutrina que os libertasse da consciência servil na qual viviam. O dr. Nkrumah, estudante de pós-graduação em História e Filosofia em duas universidades norte-americanas, declarou que, entre todos os escritores que influenciaram a sua formação, Marcus Garvey está em primeiro lugar. Garvey acreditava que a causa dos africanos e dos povos de ascendência africana era não somente negligenciada como tratada com pouca consideração. Em pouco mais de cinco anos, ele a tinha tornado parte da consciência política mundial. Não conhecia a palavra "Negritude", mas sabia do que se tratava. Teria acolhido o termo com entusiasmo e reclamado sua paternidade com justiça.

O outro negro das Índias Ocidentais era George Padmore, de Trinidad, nas Índias Ocidentais Britânicas. Padmore tirou a poeira das estagnadas Índias Ocidentais dos pés, no início da década de vinte, e foi para os Estados Unidos. Quando morreu, em 1959, oito países mandaram representantes a seu funeral, em Londres. Suas cinzas foram sepultadas em Gana. E tudo indica que, nesse país das manifestações políticas, nunca houve uma manifestação política como a provocada pelas exéquias de Padmore. Camponeses de áreas remotas, que poderíamos pensar que nunca tivessem ouvido falar seu nome, dirigiram-se a Acra para prestar o último tributo a esse negro das Índias Ocidentais que havia levado a vida a serviço de seu povo.

Uma vez nos Estados Unidos, tornou-se um militante comunista. Foi transferido para Moscou para dirigir o departamento de propaganda e organização do negro. Ocupando tal posição, tornou-se o mais conhecido e acre-

ditado agitador nos movimentos para a independência africana. Em 1935, o Krêmlin, em busca de alianças, definiu a Grã-Bretanha e a França como "imperialismos democráticos" e separou-as da Alemanha e do Japão, fazendo dos "imperialismos fascistas" o maior alvo da propaganda comunista e russa. Isso transformou as atividades para a emancipação africana em uma farsa, pois a Alemanha e o Japão não possuíam colônias na África. Padmore imediatamente rompeu relações com o Krêmlin. Foi para Londres onde, morando em um simples quarto e vivendo do jornalismo, não ganhava o suficiente para poder levar adiante o trabalho que tinha feito no Krêmlin. Escreveu livros e panfletos, participou de todas as reuniões de antiimperialistas, fez discursos e moveu propósitos por onde foi possível. Construiu e manteve um círculo sempre crescente de contatos com nacionalistas em todas as partes da sociedade africana e do mundo colonial. Pregou e ensinou o pan-africanismo e organizou um escritório africano. Publicou, ainda, um periódico dedicado à emancipação africana (este escritor chegou a redigi-lo).

Não seria possível tentar fazer aqui nem mesmo um resumo do trabalho e da influência da mais notável criação das Índias Ocidentais entre as guerras: o escritório africano de Padmore. Foi a única organização africana desse tipo em existência no período entre as guerras. Dos sete membros do comitê central, cinco eram das Índias Ocidentais e dirigiam a organização. Entre todos, apenas Padmore não conhecia a África. Não deve ter sido por acaso que ele atraía dois dos mais admiráveis africanos dessa e de todas as épocas. Jomo Kenyatta foi um de seus membros fundadores e um vulcão efervescente do nacionalismo africano. Mas um destino muito melhor nos estava reservado.

Este escritor conheceu Nkrumah, que estudava na Universidade da Pensilvânia, e escreveu a Padmore sobre ele. Nkrumah foi para a Inglaterra para estudar Direito e lá formou uma associação com Padmore; trabalharam com as doutrinas e premissas do pan-africanismo e elaboraram os planos que culminariam com Nkrumah liderando o povo da Costa do Ouro, o que levaria à independência de Gana. Essa revolução na Costa do Ouro foi a primeira das explosões que provocariam tantas fendas no loteamento colonial africano, ficando provado que seria impossível juntá-las novamente. Com a vitória de Nkrumah, a associação não mais parou. Depois que a independência foi assinada e selada, Nkrumah mandou chamar Padmore, instalou-o novamente em um escritório dedicado à emancipação africana e, sob os auspícios de um governo africano, Padmore, como havia feito em 1931, patrocinado pelo Krêmlin, organizou em Acra a primeira conferência dos

Estados africanos independentes, seguida, 25 anos após a primeira, pela Segunda Conferência Mundial dos Combatentes pela Libertação Africana. O dr. Banda, Patrice Lumumba, Nyerere e Tom Mboya foram alguns dos que participaram da conferência. Jomo Kenyatta não estava lá pelo simples motivo de se encontrar na prisão. A NBC fez uma transmissão nacional do sepultamento de suas cinzas no Castelo de Christianborg⁶, onde Padmore foi considerado o Pai da Emancipação Africana, uma distinção que ninguém contestou. Muitos foram influenciados pela maneira com que nos tratavam no período entre as guerras; e muitas pessoas e instituições importantes chegaram a considerar, a nós e aos nossos planos e expectativas com relação à África, como fantasias de analfabetos políticos das Índias Ocidentais. Foram eles que se equivocaram por completo a respeito do continente, não nós. Deveriam ter aprendido com aquela experiência. Não o fizeram. A mesma visão míope que não conseguiu focalizar a África está agora vislumbrando as Índias Ocidentais.

O lugar da África no desenvolvimento das Índias Ocidentais está documentado como poucas visões históricas o foram.

Em 1939, um negro da colônia francesa da Martinica, nas Índias Ocidentais, publicou em Paris o mais refinado e famoso poema já escrito sobre a África, *Cahier d'un retour au pays natal* (Diário da volta ao país natal). Aimé Césaire primeiramente descreve a Martinica, a pobreza, a miséria e os vícios das massas populares e a subserviência bajuladora das classes médias negras. Mas a educação do poeta foi concluída em Paris. Na qualidade de habitante das Índias Ocidentais, ele não possuía uma nacionalidade da qual se orgulhar. Estava comovido pelo abismo que o separava do povo do lugar onde havia nascido. Sentia que era seu dever ir para lá. Ele assim o fez e descobriu uma nova versão do que os haitianos, assim como Garvey e Padmore, haviam descoberto: que a salvação das Índias Ocidentais repousa na África, o lar original e ancestral daquele povo.

O poeta nos proporciona uma mostra de como os entendia:

(...)

Minha negritude não é uma pedra; sua insurdescência faz sofrer o
[clamor do dia.

6. Castelo de Christianborg: fortaleza construída pelos portugueses em 1550 e ampliada pelos suecos em 1652. Foi o palácio do Governo britânico na Costa do Ouro entre 1877 e 1957. Com a independência, passou a ser a residência do primeiro-ministro em 1957. No dia 28/2/1948 um grupo de servidores invadiu o castelo para entregar uma petição contra a miséria. Seus líderes foram encarcerados, entre eles Nkrumah. (N. do T.)

Minha negritude não é uma belida de água morta no olho sem vida
[da terra.

Minha negritude não é torre, nem catedral.

Ela desaparece na carne vermelha do solo.

Ela desaparece na carne ardente do céu⁷.

Ela perfura a sombra humilhação de minha determinada perseverança.
(...)

Vivam aqueles que nunca inventaram nada, aqueles que nunca exploraram nada, aqueles que nunca domesticaram nada.

Mas que, tomados⁸, se entregam à essência de todas as coisas;

que, insensíveis às aparências, são tomados contudo pelo movimento

[de todas as coisas;

que, indiferentes ao domador⁹, usufruem contudo os frutos doces da
[vida. (...)¹⁰

Em contraste com essa visão do africano ligado ao mundo e à natureza, uma parte viva de tudo aquilo que vive, Césaire imediatamente identifica a civilização que tem desprezado e perseguido a África e os africanos.

Venha escutar sobre o mundo do branco,

terrivelmente exaurido pelos seus próprios engenhos,

com suas rebeldes articulações rachando sob impiedosas estrelas,

e rigores¹¹ enérgicos que dilaceram os mistérios da carne.

Venha escutar as suas valorosas conquistas

ecoando suas próprias derrotas.

Venha escutar as grandiosas desculpas de seus lamentáveis enganos
O poeta quer ser um arquiteto dessa singular civilização, encarregado de seu sangue e guardião de sua intransigência.

Assim fazendo, meu coração, preserva-me de todo o ódio

Não fazes de mim um homem de ódio que não sente outra coisa que
[ódio.

7 Na simbologia de Césaire, torre e catedral são símbolos europeus, ou seja: do conquistador e do opressor; solo: renascimento; céu: esperança. (N. do T.)

8 Ambigüidade: a África ancestral e a escravidão. (N. do T.)

9 Colonizador. (N. do T.)

10 Na tradução de C. L. R. James: "indifferent to mastering but taking the chances of the world..."

No original francês: "Insoucieux de dompter, mais jouant le jeu du monde". (N. do T.)

11 Chicore. (N. do T.)

Pois para isolar-me nesta raça única, conheces no entanto o reinado¹² do meu amor, sabes que não é absolutamente por ódio a outras raças que busco ser o lavrador desta raça única (...).

Ele volta mais uma vez ao deplorável espectro da vida nas Antilhas, mas desta vez com esperança.

porque não é verdade que o trabalho do homem está concluído, que nada mais cabe ao homem no mundo além de ser um parasita no

[mundo,

que tudo o que precisamos agora é manter o passo com o mundo.

Mas o trabalho do homem está apenas no começo

e cabe ao homem dominar toda a violência entrincheirada nos retiros de sua paixão.

Nenhuma raça detém o monopólio da beleza, da inteligência, da força, e existe um lugar para todos no alto da glória (...).

Esse é o âmago do poema de Césaire. Ao menosprezá-lo, africanos e solidários de outras raças gritaram vivas que abafaram o senso comum e a razão. O trabalho do homem não está concluído. Assim, o futuro do africano é continuar sem descobrir nada. Nenhuma raça detém o monopólio da beleza, da inteligência, da força e muito menos aqueles que possuem a Negritude. Esta é o que uma raça leva para o encontro comum, onde todos empenhar-se-ão para construir o novo mundo da visão do poeta. A visão do poeta não é econômica nem política, é poética, *sui generis*, verdadeira para si própria e que não precisa de nenhuma outra verdade. Mas seria racismo dos mais vulgares não enxergar aqui uma encarnação poética da famosa frase de Marx "A verdadeira história da humanidade está para começar"¹³.

Partindo das afinidades estritamente poéticas de Césaire¹⁴, devemos voltar nossas faces, mesmo que com uma perda considerável, para o nosso

¹² Em inglês: "the extent of my boundless love"; em francês: "mon amour tyrannique". James traduz "tirânico" por "sem fronteiras". Nós traduzimos por reinado, uma vez que a palavra tirano, em grego, língua da qual deriva, *tyrannos* significa "rei". (N. do T.)

¹³ Trata-se, provavelmente, de uma modificação da última frase do § 4º do Prefácio a *Para a crítica da economia política* de Marx: "Com esta formação social encerra-se, por isso, a pré-história da sociedade humana". (N. do T.)

¹⁴ Baudelaire e Rimbaud, Rilke e D. H. Lawrence. Jean-Paul Sartre fez as mais belas apreciações críticas da poesia de *Cahier*, mas suas explicações de como entendia a Negritude eram, por vezes, desastrosas.

propósito maior. Mas o *Cahier* uniu em pensamento moderno elementos que pareciam destinados a permanecer separados. É melhor que sejam enumerados:

1. Promoveu a união da esfera de vida africana com a vida no mundo ocidental.
2. O passado da humanidade e o futuro da humanidade estão histórica e logicamente concatenados.
3. Não mais por meio do estímulo externo, mas por ações e seres independentes, gerados por ela, é que a própria África e os africanos caminharão rumo a uma humanidade integrada.

É o poeta anglo-saxão que enxerga para o mundo em geral o que o das Índias Ocidentais enxerga para a África de concreto.

Aqui a união impossível
De esferas de existência é real,
Aqui o passado e o futuro
São conquistados, reconciliados,
Onde a ação era de outra forma movimento
Daquilo que apenas é movido
E que não possui fonte de movimento —¹⁵

A conclusão do sr. Eliot é a de "Encarnação"; a de Césaire, a de Negritude.

O *Cahier* apareceu em 1938, em Paris, um ano antes que *Os jacobinos negros* surgissem em Londres. O escritor deste livro tinha dado um passo à frente no sentido de ressuscitar não a decadência, mas a grandeza do povo das Índias Ocidentais. Todavia, como é óbvio por todo o livro, e particularmente nas últimas páginas, é a África e a emancipação africana que ele tem em mente.

Hoje (e somente hoje) podemos definir o que motivou essa preocupação com a África entre as guerras por parte do homem das Índias Ocidentais. Ele sempre foi educado no padrão do Ocidente. A sociedade das Índias Ocidentais confinou os negros a uma faixa muito estreita do território social. O primeiro passo para a sua liberdade era ir para o exterior. *Antes que pudessem começar a se enxergar como um povo livre e independente tinham de livrar*

¹⁵ Do poema de T. S. Eliot, "The Dry Salvages", um dos *Four Quartets*. (N. do T.)

suas mentes do estigma de que qualquer coisa que viesse da África era inerentemente inferior e degradada. A estrada para a identidade nacional das Índias Ocidentais encontra-se na África.

A comunidade nacional das Índias Ocidentais caminha constantemente para além da categorização racial. Depois de Ortiz, foi um outro branco das Índias Ocidentais que, no mesmo período, provou ser o maior político da tradição democrática que essas ilhas já conheceram.

Arthur Andrew Cipriani foi um crioulo francês da ilha de Trinidad que entrou para a vida pública como oficial no contingente das Índias Ocidentais durante a Primeira Grande Guerra. Foi no exército que muitos dos soldados, uma mistura de homens de todas as ilhas das Índias Ocidentais Britânicas, pela primeira vez, calçaram sapatos de verdade. Mas eles eram o produto de sua história peculiar. A rapidez com que se ajustaram às necessidades espiritual e material de uma guerra moderna espantou todos os observadores, do general Allenby para baixo. Cipriani construiu uma reputação para si por meio de sua defesa militante do regimento contra todos os preconceitos, fossem oficiais ou não. Até o fim de seus dias falava sempre do reconhecimento que haviam conquistado. Treinador de cavalos profissional, foi somente depois de muita persuasão que, ao voltar para casa após a guerra, já com mais de quarenta anos, entrou para a política. Em pouco tempo projetou-se como defensor da gente comum ou, em sua própria expressão, "do homem de pés descalços". Muito antes, esse homem branco já era reconhecido como líder por centenas de milhares de negros e antilhanos. Um homem completamente destemido, nunca deixou o governo colonial em dúvida quanto àquilo a que era frontalmente contrário. Todos os que já haviam ouvido falar nele lembram-se de sua mão erguida e de sua enunciação compassada: "Se levanto o dedo..." Contrário às tremendas desigualdades, forçou o governo a capitular em relação ao pagamento de indenização trabalhista, à jornada de oito horas, à legislação sindical e outras instituições elementares da democracia. Ano após ano, elegeu-se prefeito da capital. Fez de seu mandato um centro de oposição ao Escritório Colonial Britânico e a todas as suas áreas de atuação.

Cipriani sempre tratou o povo das Índias Ocidentais como um povo moderno da atualidade. Declarou-se socialista e, todos os dias, dentro e fora da legislatura, atacava os capitalistas e o capitalismo. Uniu seu partido ao Partido Trabalhista Britânico e escrupulosamente manteve seus seguidores conscientes de seus privilégios e de suas responsabilidades como membros do movimento trabalhista internacional. Cipriani era aquele tipo raro de

político a quem as palavras expressavam realidades. Muito antes de que quaisquer outros territórios dos impérios coloniais o fizessem, ele não apenas levantou as palavras de ordem da independência nacional e da Federação¹⁶ dos territórios das Índias Ocidentais Britânicas, como deslocava-se incansavelmente de ilha a ilha mobilizando a opinião pública em geral, e o movimento trabalhista em particular, para apoiar suas palavras de ordem. Morreu em 1945. As ilhas nunca viram e nunca verão algo ou alguém como ele.

As massas das Índias Ocidentais foram ainda mais longe que Cipriani. Em 1937, ele iniciou uma greve entre os trabalhadores petrolíferos de Trinidad, o maior agrupamento proletário das Índias Ocidentais. Assim como fogo em rastro de pólvora, a greve alastrou-se por toda a ilha, e depois de uma ilha a outra, terminando em um levante no outro extremo, na Jamaica, milhares de quilômetros distante. O governo colonial da Jamaica entrou em colapso completamente e dois líderes populares locais tiveram de assumir a responsabilidade de restaurar um tipo de ordem social. Os líderes do governo em Trinidad e Tobago salvaram suas administrações (mas ganharam a indignação do governo imperial) ao expressarem apoio à revolta. O Governo britânico enviou uma comissão real, que recolheu inúmeras provas, descobriu atrocidades que vinham acontecendo havia muito tempo e fez propostas que de modo algum eram reacionárias ou pouco inteligentes. Como de costume, chegaram tarde e não foram rápidas o bastante. Se Cipriani tivesse sido o homem que fora dez anos antes, a autonomia, a Federação e a recuperação econômica, que tinha defendido tão tenazmente e por tanto tempo, poderiam ter sido então postas em prática. Mas o velho guerreiro já estava com quase setenta anos. Desistiu das revoltas populares, que ele, mais do que ninguém, tinha preparado, e a oportunidade acabou perdida. Mas tinha destruído uma lenda e assentou, de uma vez por todas, que o povo das Antilhas estava pronto para seguir as mais avançadas teorias de uma liderança expansiva.

III. Depois da Segunda Grande Guerra

Cipriani tinha deixado para trás um Congresso Trabalhista do Caribe, o qual havia construído corretamente, dedicado à Federação, à independência e à criação de um campesinato instruído. Mas o que aconteceu à Cuba de

¹⁶ Que viria a ser formada no dia 3 de janeiro de 1958. A Federação das Índias Ocidentais contava com uma população de três milhões de pessoas nas seguintes ilhas: Antígua, Barbados, Dominica, Granada, Jamaica, Montserrat, St. Kitts-Nevis-Anguilla, Santa Lúcia, São Vicente, Tobago e Trinidad. (N. do T.)

Castro é inerente a essas ilhas desafortunadas. Em 1945, o Congresso, criação legítima das Índias Ocidentais, juntou-se à Federação Mundial de Sindicatos. Mas em 1948 esse órgão bipartiu-se em Federação Mundial dos Sindicatos do Oriente e Confederação Internacional dos Sindicatos Livres do Ocidente. A divisão no âmbito internacional dividiu o Congresso Trabalhista do Caribe e Cipriani perdeu o lugar de líder e inspirador de um movimento típico das Índias Ocidentais. O Escritório Colonial Britânico colocou a classe média negra sob suas asas. Isso gradualmente preencheu o Serviço Civil e estabeleceu as organizações correlatas; eles assumiram o controle dos partidos políticos e, com eles, do antigo sistema colonial.

E o que é este antigo sistema colonial? É a mais antiga relíquia ocidental do século XVII ainda viva no mundo atual, cercada por todos os lados de uma população moderna.

As Índias Ocidentais nunca foram um território colonial tradicional com relações econômicas e políticas claramente distintas entre duas culturas diferentes. A cultura nativa era inexistente. A civilização ameríndia aborígene tinha sido destruída. No decorrer dos anos, a população trabalhista, escrava ou livre, incorporou, gradualmente, a língua, os costumes, os objetivos e o ponto de vista de seus dominadores. Ela cresceu regularmente em número até se tornar a esmagadora maioria da população total. A minoria governante, portanto, estava na posição de um pai que gera os filhos e não possui nenhuma defesa quanto a ser substituído por eles. Só havia uma saída: buscar reforço no exterior. Essa iniciativa tem permanecido imutável até os dias de hoje.

A estrutura industrial dominante sempre foi o plantio da cana-de-açúcar. Pois por mais de duzentos anos a indústria açucareira tem cambaleado à beira do desastre, permanecendo viva por uma interminável sucessão de auxílios de última hora, por meio de doações, concessões e quotas do poder ou dos poderes metropolitanos.

O "FUTURO AMARGO" DOS PRODUTORES DE AÇÚCAR

De nossa correspondente

Georgetown, 3 de setembro

O presidente da Associação Açucareira das Índias Ocidentais Britânicas, sir Robert Kirkwood, declarou que os produtores de cana-de-açúcar estavam enfrentando um futuro amargo e a situação estava chegando a um estágio onde a produção de açúcar de beterraba deveria ser restringida para promover um maior mercado para os produtores de cana-de-açú-

car. Sir Robert assinalou que a participação britânica no Mercado Comum Europeu não deveria constituir-se em ameaça aos produtores de açúcar na região, contanto que as prioridades estabelecidas pelo acordo do açúcar da Comunidade Britânica fossem preservadas.

O mesmo podia ser lido em qualquer jornal europeu em intervalos regulares durante os últimos duzentos anos. Reportagens oficiais recentes sobre a vida e o trabalho do lavrador são mudadas para uma linguagem notavelmente semelhante àquela dos agitadores não conformistas contra a escravidão nas fazendas. Existem economistas e cientistas hoje nas Índias Ocidentais que acreditam que o fato econômico mais afortunado seria uma praga que destruísse completamente a cana-de-açúcar, forçando, desse modo, o surgimento de um novo tipo de progresso econômico¹⁷.

Assim como tinha sido desde os primeiros dias da escravidão, o poder financeiro e o seu mecanismo estão hoje em dia inteiramente controlados pelas organizações metropolitanas e seus agentes.

Uma população tão ocidentalizada necessita de certas mercadorias, como potes, panelas, pratos, colheres, facas, papel, lápis, canetas, tecido, bicicletas, ônibus para o transporte público, automóveis e todos os elementos básicos da civilização, os quais não são produzidos nas ilhas, sem se esquecer dos Mercedes-Benz, dos Bentleys, dos Jaguars e dos Lincolns. Nesse tipo de comércio, os elementos dominantes são os produtores e os bancos estrangeiros. A característica mais reveladora e também a mais antiga desse comércio continua sendo a importação em massa de comida, inclusive a de legumes frescos.

As poucas indústrias de importância, tais como a do petróleo e da bauxita, estão totalmente nas mãos de firmas estrangeiras; e os políticos locais lidam uma competição feroz entre si para oferecer incentivos a firmas semelhantes para que estas estabeleçam novas indústrias ali e não em outro lugar.

Assim como acontece com as necessidades materiais, o mesmo se dá com as necessidades intelectuais. Em todas as ilhas, os jornais diários estão inteiramente nas mãos de empresas estrangeiras. O rádio e a televisão não fogem à regra.

¹⁷ Ninguém ousaria dizer isso publicamente. Seria expulso do território.

Em 1963, o antigo sistema colonial não era o que havia sido em 1863. Em 1863, não era o que havia sido em 1763 ou em 1663. Os fundamentos apontados acima, entretanto, não mudaram. Mas pela primeira vez o sistema está ameaçado; não por fora, mas por dentro; não pelo comunismo, ou pelo socialismo, mas pela pura e simples democracia parlamentar. O antigo sistema colonial das Índias Ocidentais não era democrático e não fora criado como tal. Não consegue conviver com a democracia. Nas ilhas das Índias Ocidentais, o antigo sistema colonial e a democracia são incompatíveis. Um tem de sair. Essa é a lógica do desenvolvimento de cada um dos territórios das Índias Ocidentais: de Cuba, da República Dominicana, do Haiti, das antigas colônias britânicas, das antigas colônias francesas e, até mesmo, de Porto Rico, o primo pobre dos ricos Estados Unidos.

O erro supremo da política das Índias Ocidentais é que o antigo sistema colonial isolou de tal forma as classes dominantes da comunidade nacional que somente a democracia parlamentar comum e simples, *encoberta pelo sentimento de identidade nacional*, pode reconstruir as ilhas.

As estatísticas de produção e a contagem dos votos juntas indicam o caminho mais seguro para nos enganarmos a respeito das Índias Ocidentais. Soma-se a isso, em boa medida, o antagonismo das raças. O povo das Índias Ocidentais surgiu no século XVII, dentro de um sistema social e produtivo ocidentalizado. Os membros de cada uma das tribos africanas capturadas foram cuidadosamente separados uns dos outros para diminuir a possibilidade de conspirações e acabaram, dessa maneira, obrigados a dominar as línguas européias, produtos altamente complexos de séculos de civilização. Desde o começo, houve uma lacuna, que se tornou cada vez mais ampla, entre as condições rudimentares da vida do escravo e a língua que utilizava. Houve, desse modo, na sociedade das Índias Ocidentais, um inerente antagonismo entre a consciência das massas negras e a realidade de suas vidas; inerente no sentido de que era com constância produzido e reproduzido não por agitadores, mas pelas próprias condições da sociedade mesma. São os meios modernos de comunicação em massa que têm transformado a essência em existência. Por uma insignificante quantia mensal, as populações negras podem ouvir, pelo rádio, as notícias do dr. Nkrumah, de Jomo Kenyatta, do dr. Julius Banda, do Primeiro-Ministro Nehru, dos eventos e personalidades das Nações Unidas e de todas as capitais do mundo. Podem discutir sobre o que o Ocidente pensa do Oriente e vice-versa. O cinema mostra atualidades e não raramente aguç a imaginação com obras-primas da cinematografia mundial. A qualquer momen-

to, todas as variedades de comida, roupas, utensílios domésticos e artigos de luxo são apresentados como absolutamente essenciais à vida civilizada. Tudo isso é apresentado para um povo que, em grandes áreas, ainda vive em condições pouco diferentes daquelas da escravidão.

A grandiosa civilização materialista da minoria branca está agora fortalecida pela convergência de classes médias formadas por pessoas de cor para fazer com que os salários e as remunerações produzam lucros. Às vezes, um quarto da população fica concentrada na capital, para onde as massas são irresistivelmente atraídas pelo contraste entre o que vêem e ouvem e a vida que levam. Esse foi o pavor ao qual Castro ateou fogo. A tradição histórica e a educação, no sentido de promover a luta contra o passado nacional, não existem. A História como é ensinada é, como sempre foi, propaganda daqueles que, não importa quem sejam, administram o antigo sistema colonial. O poder aqui é mais descarado que em qualquer outra parte do mundo. Daí a brutalidade, a selvageria e até mesmo as crueldades pessoais dos regimes de Trujillo e de Duvalier e o poder da Revolução Cubana.

Esse é o instrumento no qual todos os solistas das Índias Ocidentais, estrangeiros ou nativos, realizam seus recitais. Tomemos as ilhas das Índias Ocidentais Francesas de Martinica e Guadalupe. A administração colonial declarou e agiu por intermédio de Vichy¹⁸, as massas populares, por intermédio da Resistência. Uma vez que Vichy foi derrotado, as ilhas tornaram-se, totalmente, departamentos da França, ansiosas para serem assimiladas pela civilização francesa. Mas a mão administrativa de Paris, notoriamente pesada com relação às administrações provinciais da própria França, é um peso esmagador sobre qualquer tentativa de mudar um antigo sistema colonial. Nos dias de hoje, as massas da população, desiludidas, exigem a independência. Seus estudantes, em Paris, estão liderando a luta com sangue, coragem e fulgor, poderes de todos aqueles que usam a língua francesa.

O sistema britânico, diverso do francês, não esmaga a demanda de uma identidade nacional. Em vez disso, ele a asfixia. Ele formou uma Federação de suas colônias no Caribe. Mas o antigo sistema colonial consistia de economias insulares, cada qual com sua capital econômica e financeira em Londres. Uma Federação significava que o sentido da direção econômica não seria mais da ilha para Londres, mas de ilha para ilha. Entretanto, isso en-

¹⁸ Durante a Segunda Grande Guerra, o Governo de Vichy, estabelecido pelo marechal Pétain em 1940, passou a controlar a França e suas colônias até o final da guerra. Em 1942, tornou-se um instrumento nas mãos da Alemanha. (N. do T.)

volvia a dissolução do antigo sistema colonial. Os políticos das Índias Ocidentais preferiram o colapso da Federação. Duas das ilhas receberam de fato a independência. A Rainha da Inglaterra é a sua rainha. Recebem visitas reais; suas legislaturas começam com orações; seus projetos de lei são lidos três vezes; um certo foi apresentado a cada uma dessas filhas distantes pela Mãe dos Paramentos; seus cidadãos proeminentes podem receber um sem-número de cartas com o prefixo "Sir" antes de seus nomes. Isso, em vez de diminuir, intensifica a batalha entre o velho sistema colonial e a democracia. Muito tempo antes de que a real independência fosse concedida, um grande número de pessoas das classes médias, inclusive políticos, queria que isso fosse adiado o máximo possível. Sonhando com cruzeiros em alto-mar e por causa das perspectivas de doações e empréstimos, voltam os olhos cheios de esperança e os pés de comichão para os Estados Unidos.

O Caribe é agora um mar americano. Porto Rico é a sua vitrine. A sociedade porto-riquenha tem o privilégio quase divino da livre entrada nos Estados Unidos para os seus desempregados e os seus ambiciosos. Os Estados Unidos devolvem para o governo porto-riquenho todos os impostos recolhidos nas importações de seus principais produtos, tais como o rum e os charutos. O dinheiro americano para investimentos e os financiamentos e concessões americanos deveriam criar o paraíso do Caribe. Mas, se os Estados Unidos tivessem a densidade populacional de Porto Rico, comportariam todas as pessoas do mundo. Porto Rico é apenas mais uma das ilhas das Índias Ocidentais.

Na República Dominicana, não é preciso nem dizer que Trujillo aumentou seu poder com a ajuda dos fuzileiros navais norte-americanos e, durante mais de um quarto de século de uma ditadura vergonhosa, entendia-se que ele apreciava a amizade de Washington. Antes da recente eleição de seu sucessor, o sr. Juan Bosch¹⁹, os jornais franceses declararam num artigo que os membros da esquerda da República Dominicana (os nomes foram fornecidos) foram deportados para Paris pela polícia local, que foi assistida nessa operação por membros do FBI. Com a saída de Trujillo, Duvalier do Haiti torna-se o rei não coroado do barbarismo latino-americano. Todo o mundo acredita que,

¹⁹ Após a ditadura de Trujillo, na República Dominicana, ocorreram eleições democráticas em 1962, que levaram Juan Bosch ao poder. Foi deposto um ano mais tarde pela direita. Em 1963, estourou a guerra civil entre os apoiadores de Bosch e os contrários a ele, terminando com a intervenção norte-americana. Em 1966, a OEA supervisionou as eleições no país. (N. do T.)

apesar da corrupção e dos despropósitos do seu regime, é o apoio americano que o mantém no poder: melhor Duvalier que outro Fidel Castro.

Tamanha quantidade de ignorância e de falsidade tem circundado essas ilhas por tantos séculos que verdades tão óbvias parecem soar como verdadeiras revelações. Ao contrário da crença generalizada, os territórios caraíbas, tomados como um todo, não estão irremediavelmente atolados na pobreza. Quando foi diretor da Universidade das Índias Ocidentais na Jamaica, o professor Arthur Lewis, antigo diretor da faculdade de Economia da Universidade de Manchester e, na época em que este livro foi escrito, em vias de dirigir a mesma faculdade na Universidade de Princeton, tentou remover algumas teias de aranha dos olhos de seus companheiros das Índias Ocidentais:

Essa opinião de que as Índias Ocidentais podem levantar todo o capital de que necessitam graças a seus próprios recursos está a ponto de chocar muitas pessoas, pois seus habitantes gostam de pensar que nossa comunidade é pobre. Mas o fato é que pelo menos metade da população mundial é mais pobre do que nós. O padrão de vida nas Índias Ocidentais é mais alto do que o padrão de vida na Índia, na China e na maioria dos países da Ásia e da África. As Índias Ocidentais não são uma comunidade pobre; elas estão no patamar mais elevado da renda mundial. São capazes de produzir os cinco ou seis por cento de recursos extras para manter-se assim; da mesma forma que o Ceilão e Gana estão encontrando o dinheiro de que precisam para o seu desenvolvimento por meio da cobrança de impostos internos. Não nos é necessário enviar nossos homens de Estado pelo mundo para implorar ajuda. Se a ajuda nos é dada, que a aceitemos; mas não vamos nos sentar de braços cruzados e dizer que nada pode ser feito até que o resto do mundo, por sua generosidade de espírito, queira nos fazer uma caridade²⁰.

A via econômica que têm de trilhar é um longo caminho no qual os sinais de trânsito já foram colocados há muito tempo. O sr. Juan Bosch começou sua campanha prometendo distribuir a terra confiscada dos lucros do barão da família Trujillo. Seus partidários rapidamente transformaram isso em: "Casa e terra para os dominicanos". Não somente a demanda popular e os

²⁰ Conferência de Estudos sobre o Desenvolvimento Econômico em Países Subdesenvolvidos, 5 a 15 de agosto de 1957, Universidade das Índias Ocidentais, Jamaica.

economistas modernos, mas as Comissões Reais Britânicas, durante os últimos sessenta anos, têm indicado (com cautela, mas com bastante clareza) que a saída do atoleiro para as Índias Ocidentais é abolir a contratação de trabalhadores nas plantações e substituí-los por camponeses proprietários da própria terra. Os cientistas e os economistas indicam que uma indústria efetiva é possível se baseada no uso científico e planejado da matéria-prima produzida nas ilhas. Terei escrito em vão se não deixar claro que, de todos os povos negros do antigo sistema colonial, as massas das Índias Ocidentais são as mais altamente experimentadas no modo de ser da civilização ocidental e as mais receptivas às suas exigências no século XX. Para se realizarem terão de acabar com os grilhões do antigo sistema colonial.

Não proponho mergulhar este apêndice nas águas turbulentas da controvérsia a respeito de Cuba. Tenho escrito sobre as Índias Ocidentais em geral e Cuba é a mais típica de suas ilhas. Isso é o suficiente.

Uma outra pergunta permanece sem resposta: a mais realista e significativa de todas. Toussaint L'Ouverture e os escravos haitianos trouxeram para o mundo muito mais do que a abolição da escravidão. Quando os latino-americanos viram que o pequeno e insignificante Haiti podia conquistar e manter a independência, começaram a pensar que deveriam ser capazes de fazer o mesmo. Pétiön, o governante do Haiti, ajudou na recuperação da saúde do enfermo e derrotado Bolívar: deu-lhe dinheiro, armas e uma prensa tipográfica para auxiliá-lo na campanha que culminou com a libertação dos Cinco Estados²¹. O que acontecerá àquilo que Fidel Castro trouxe de novo ao mundo, ninguém pode dizer. Mas o que está esperando para nascer nas Índias Ocidentais, o que lhe surgiu do ventre em 1958 está para ser visto em outra parte das Índias Ocidentais, e não será tão incerto quanto *atravessar o campo de batalha de inimigos poderosos*.

Tratarei a seguir de uma parte das Índias Ocidentais com a qual tenho tido uma experiência pessoal e íntima, por meio dos escritores e do povo, durante os últimos cinco anos. Mas desta vez o povo primeiro, pois, se os ideólogos voltaram seus olhares para o povo, o povo acompanhou os ideólogos e a identidade nacional é uma realidade nacional.

²¹ Venezuela, libertada por Bolívar em 5/7/1811; Nova Granada (Colômbia), em 10/8/1819; Equador, libertado por Sucre, comandante de uma das tropas de Bolívar, em 24/5/22; Peru, libertado por San Martín, em 28/7/1821; Alto Peru (Bolívia), em 3/4/1825. (N. do T.)

Em Trinidad em 1957, antes que houvesse qualquer indício de uma revolução em Cuba, o partido político governante repentinamente declarou, contrário à declaração política com a qual ganhara a eleição, que durante a guerra o governo britânico de *sir* Winston Churchill tinha se desfeito da propriedade de Trinidad e ela deveria ser devolvida. O que aconteceu foi um dos maiores eventos ocorridos na história das Índias Ocidentais. O povo atendeu ao chamado. Assembléias de massa e protestos em massa, um entusiasmo político do qual a ilha nunca tivera notícia, arrastaram a população. O povo das Índias Ocidentais é uma comunidade nacional presa às correntes do antigo sistema colonial. As classes médias nos observavam com um pouco de incerteza mas com aprovação cada vez maior. Os brancos locais não são como os brancos de uma civilização estrangeira. Pertencem às Índias Ocidentais e, com um instinto forte, pensam em si próprios dessa maneira. Muitos deles discretamente revelaram sua simpatia para com a causa. O líder político²² foi inflexível ao exigir a devolução de Trinidad: "Acabarei com Chaguaramas²³ ou ela acabará comigo", declarou, e suas palavras alçaram vôo. Afirmava publicamente, em assembléias de massa de muitos milhares, que se o Departamento de Estado, apoiado pelo Escritório Colonial, continuasse se recusando a discutir a volta da ajuda, iria retirar Trinidad não somente da Federação das Índias Ocidentais, mas, também, da associação britânica: ele iria estabelecer a independência da ilha e todos os tratados anteriores que entraram em vigor durante o regime colonial automaticamente se tornariam nulos e inválidos e, assim, iria negociar com os americanos. Proibiu o uso do aeroporto de Trinidad aos aviões militares. Num magnífico discurso, "Da escravidão a Chaguaramas", disse que por séculos as Índias Ocidentais tinham sido bases militares das forças imperialistas de guerra, e estava na hora de acabar com isso. É a opinião deste escritor (que foi redator do periódico do partido durante o período crucial) que na realidade foi a resposta da população que levou o líder político tão longe, em uma estrada tão arriscada. A população demonstrou de forma simples que acreditava que os americanos deveriam desocupar a base e devolvê-la ao povo. Isso foi ainda mais notável pelo fato de que o povo de Trinidad admitiu por sua própria vontade que a ilha nunca apreciou tanta opulência financeira quanto durante a guerra, quando os americanos estavam lá.

²² Eric Williams, na liderança do PNM (People's National Movement), levaria o país à independência no dia 31 de agosto de 1962. (N. do T.)

²³ Cidade situada na ilha de Trinidad. (N. do T.)

Os Estados Unidos eram, indubitavelmente, a fonte em potencial de ajuda econômica e financeira. Mas a população estava disposta a enfrentar quaisquer sacrifícios necessários para ter a base de volta. Estava pronta de fato para qualquer coisa, e a liderança política tinha que tomar muito cuidado para não fazer ou dizer qualquer coisa que precipitasse uma intervenção das massas rebeladas.

Talvez a mais contundente figura dessa poderosa revolta nacional tenha sido sua concentração no assunto nacional e seu descaso para com todos os outros. Não havia o menor traço de sentimento antiamericano; embora o Escritório Colonial Britânico fosse retratado como o aliado do Departamento de Estado e a exigência de independência política estivesse bem encaminhada, não havia, do mesmo modo, nenhum traço de sentimento antibritânico. Não havia uma inclinação para o não-alinhamento, nem mesmo, apesar da pressão pela independência, para o antiimperialismo. As massas populares de Trinidad e Tobago consideravam a volta da base como o primeiro e elementar estágio em sua busca da identidade nacional. Tenho certeza (tanto quanto qualquer outra pessoa a respeito desses assuntos) de que estavam preparadas para, se fosse necessário, lutar e morrer. Mas não estavam de modo algum envolvidas nas circunstâncias comuns de uma luta contra uma base estrangeira. Não que as desconhecessem. Com certeza as conheciam. Mas tinham tido uma longa experiência em relações internacionais e sabiam com precisão o que queriam. Nas ilhas, a população respondia da mesma forma, o que a levava a crer que aquele era um assunto da conta das Índias Ocidentais. A entrevista coletiva do líder político foi o programa de rádio mais popular nas ilhas das Índias Ocidentais. Era a volta dos anos de 1937-38. "Livre é como você é desde o começo, e quando isso muda você tem de agir, simplesmente agir, e quando estiver agindo dirá que é uma liberdade natural aquilo que o faz agir"²⁴. Embora a bandeira britânica ainda tremulasse sobre eles, eram livres em suas exigências e demonstrações de protesto por Chaguaramas, mais livres do que poderiam ser por muito tempo.

A identidade nacional das Índias Ocidentais pode ser mais facilmente vislumbrada nos escritos dos seus autores.

Vic Reid, da Jamaica, é o único romancista das Índias Ocidentais que vive nas Índias Ocidentais. Essa é, provavelmente, a razão pela qual o cenário dos seus romances é a África. Um africano que conhece bem as Índias

Ocidentais me assegurou que não há nada de africano nas histórias de Reid. São as Índias Ocidentais vestidas com roupas africanas. O que quer que seja, o romance é um *tour-de-force*. Africano ou das Índias Ocidentais, isso reduz os problemas humanos dos países subdesenvolvidos a um denominador comum. A intensidade característica da nova orquestra das Índias Ocidentais não é alta, contudo é bastante clara. Reid não é indiferente ao destino de suas personagens. As paixões políticas são intensas e encerradas em conflitos assassinos. Mas Reid é imparcial como nenhum escritor europeu ou africano o é ou poderia ser, assim como Garvey, Padmore, Césaire não eram nem poderiam ser imparciais. A origem de sua imparcialidade aparece com muita clareza no mais completo e universal dos escritores da escola das Índias Ocidentais: George Lamming, de Barbados.

Confinando-nos estritamente aos nossos propósitos, devemos nos limitar a mencionar apenas um episódio do mais recente de seus quatro vigorosos romances.

Powell, uma das personagens de *Season of Adventure*, é um assassino estuprador, um criminoso membro da sociedade das Índias Ocidentais. De repente, quase no final do livro, o autor acrescenta três páginas intituladas "Nota do Autor". Escrevendo na primeira pessoa, ele explica sobre Powell.

Até os dez anos de idade, Powell e eu vivemos juntos e recebíamos a mesma afeição por parte de nossas mães. Powell me fazia sonhar, e eu vivi as suas paixões. Tínhamos a mesma idade e freqüentamos as mesmas séries na mesma escola primária.

E então ocorreu a separação. Consegui uma bolsa pública, com a qual comecei a minha migração para um outro mundo, um mundo cujas raízes eram as mesmas, mas cujo estilo de vida era completamente diferente daquele mundo que eu conhecera na infância. Isso me concedeu um privilégio que fazia com que Powell e todo o *tonelle* ficassem trancados do lado de fora do meu futuro. Vivía perto de Powell e éramos unha e carne. E contudo... contudo, esqueci o *tonelle* assim como os homens se esquecem da guerra, e me liguei àquele mundo novo tão recente e que era tão leve comparado ao peso do que tinha sido antes. Instintivamente, agarrei-me àquele novo privilégio; e, apesar de todo o meu esforço, não estou livre dele até hoje.

Acredito profundamente que o impulso insano que levou Powell a se perder no crime foi em grande parte culpa minha. Não poderei justificar a sua atitude colocando a culpa no ambiente; nem poderia justificar, devi-

²⁴ *Season of Adventure*, de George Lamming.

do à minha falta de firmeza moral, que ela seja atribuída a uma consciência estrangeira, rotulada de imperialista. Levarei para o túmulo a consciência sim de que sou eu o responsável pelo que aconteceu a meu irmão.

Powell ainda vive em algum lugar no meu coração, encoberto por um amor duvidoso, por um estranho peso de arrependimento que não tem nome, e pelo mais profundo sentimento de saudade. Porque nunca me senti como uma parte honesta de qualquer coisa, desde que o mundo de nossa infância me abandonou.

Isso é algo novo na volumosa literatura anticolonialista. O homem das Índias Ocidentais dessa geração assume plena responsabilidade por elas.

Vidia Naipaul de Trinidad faz o mesmo. Sua personagem, o sr. Biswas, escreve seu primeiro artigo para um jornal.

PAPAI VOLTA PARA CASA NUM CAIXÃO

A última viagem do explorador norte-americano

Servida com gelo pelo sr. Biswas

(...) Há menos de um ano, papai, George Elmer Edman, o aclamado viajante e explorador, saiu de casa para explorar a Amazônia.

Bem, tenho novidades, crianças.

Papai está a caminho de casa.

Ontem ele passou por Trinidad.

Em um caixão.

Isso rende ao sr. Biswas, antigo trabalhador agrícola e encarregado de uma pequena loja, um emprego na redação desse jornal.

O sr. Biswas escreveu uma carta de protesto. Levou duas semanas. Foram oito páginas datilografadas. Depois de muito reescrevê-la, a carta se desenvolveu num longo ensaio filosófico sobre a natureza do homem; seu filho vai a uma escola secundária e juntos procuram citações de Shakespeare e encontram um bom material em *Medida por medida*²⁵. Pode escapar a

quem não é das Índias Ocidentais essa suave reprodução do *modus operandi* desse desembaraçado jornalista, político e Primeiro-Ministro.

O sr. Biswas é agora um homem de letras. Ele é convidado para uma reunião de literatos locais. O sr. Biswas deveria falar de Ella Wheeler Wilcox no ponto máximo de seu discurso poético, mas, confundido pelo uísque, fala sobre Lorca, Eliot, Auden. Cada membro do grupo deveria apresentar um poema. Numa noite, depois de observar o céu pela janela, o sr. Biswas encontra seu tema.

Ele escreveu à mãe. Não pensou em ritmo; não usou duvidosas palavras abstratas. Escreveu sobre chegar ao alto da colina, sobre olhar a terra negra e rachada, as marcas da pá, os entalhes dos dentes do ancinho. Escreveu sobre a viagem que tinha feito muito tempo antes. Estava cansado; ela o colocou para descansar. Estava com fome; ela deu-lhe de comer. Não tinha para onde ir. Ela lhe deu as boas-vindas...

— É um poema! o sr. Biswas anunciou. — Em prosa.

(...)

— Não tem título! disse ele. E, como esperava, isso foi recebido com satisfação.

Depois, caiu no ridículo. Imaginando-se livre do que escrevera, aventurou-se em seu poema atrevidamente, chegando até a zombar um pouco de si mesmo. Mas, enquanto lia, suas mãos começaram a tremer e o papel a farfalhar; e quando falou da viagem engançou. Começou a murmurar de voz e a esfregar os olhos. Mas prosseguiu, e sua emoção era tanta que, ao final, ninguém disse uma palavra...

Ele, que era das Índias Ocidentais, tinha feito papel de bobo ao imitar o jornalismo norte-americano, Shakespeare, T. S. Eliot e Lorca. Tinha atingido a verdade quando escrevera sobre a infância nas Índias Ocidentais, sua mãe e a paisagem das Índias Ocidentais. Naipaul pertence às Índias do Oriente²⁶. O sr. Biswas, às do Ocidente. Mas o problema do homem natural das Índias Ocidentais é a criação de políticos de ambas as raças, buscando

exige que ela se entregue a ele em troca do perdão. Indignada, contra ao irmão, que, apavorado, suplica à irmã para que consinta. (N. do T.)

²⁶ No original, "East Indian", termo usado primeiramente para designar o habitante da Índia e mais tarde o de todo o Sudeste Asiático. (N. do T.)

²⁵ Drama de Shakespeare, representado na Corte de Jaime I em 1604, no qual o jovem Cláudio é condenado à morte e sua irmã Isabel intercede por ele junto a um dos governadores. Este

do meios de evitar o ataque do antigo sistema colonialista. O oriental tem se tornado um ocidental assim como todos os outros expatriados.

O último dos romancistas das Índias Ocidentais a ser mencionado aqui é um dos mais estranhos ainda vivos. Começando em 1958, acabou de concluir um quarteto de romances²⁷. É originário da Guiana Inglesa²⁸, que faz parte da América do Sul. Naquele país existem quase 25 mil quilômetros quadrados de montanhas, platôs, florestas, selvas, cerrados, as mais altas cachoeiras do mundo, ameríndios nativos, comunidades estabelecidas de escravos africanos fugidos; a maior parte disso tudo continua sem ser explorada. Por quinze anos vivendo nesse novo território, Wilson Harris trabalhou como agrimensurador. É membro de uma sociedade típica das Índias Ocidentais com seiscentas mil pessoas, que habitam uma pequena faixa costeira. Harris dá a palavra final sobre a concepção que as Índias Ocidentais têm de si mesmas no que concerne à identidade nacional:

Um jovem das Guianas, meio chinês, meio negro, ao fugir da polícia, descobre que todas as gerações anteriores, de holandeses, ingleses, franceses, capitalistas, escravos libertos e cativos e de brancos, eram todas de expatriados.

"(...) Todos os espíritos incansáveis e obstinados de todas as eras (que se pensava tivessem sido embalsamados para sempre) estão retornando para alojar-se em nosso sangue. E temos de começar de novo a exploração de onde eles pararam. E temos de colher as sementes de novo onde antes semeavam. De nada adianta reverenciar a mais podre das raízes e o tronco das árvores que nascem no histórico solo arável. Existe um mundo inteiro de ramos e de sensações que perdemos e temos de recomear das raízes para cima, mesmo que isso nos pareça inútil. Osso, tronco, carne, seiva, sangue e vasos, pulmões, coração, a terra do coração, Sharon! *Somos os primeiros pais em potencial que podem dominar a casa dos antepassados*. Jovens demais? Não sei. É muita responsabilidade? O tempo dirá. Temos de encarar isso. Ou, caso contrário, será tarde demais para fazer com que tudo e todos parem de fugir e de cair. E então nem todos os cavalos do Rei e nem todos os homens do Rei serão capazes de nos

juntar novamente²⁹. Assim como todas as bananeiras e pés de café perto de Caridade. Não é longe daqui, você sabe. Um vento leve chega e tudo sai do chão. Pois o solo é instável. Parece rico na superfície, mas é só. O que você acha que dizem quando isto acontece: quando as colheitas se acabam? Dão de ombros e dizem que as colheitas são dispensáveis. Não conseguem enxergar que somos nós, nosso sangue se esvaindo o tempo todo, no rio e no mar, em todo lugar, desonrando a árvore. *Agora* é a hora de criar uma nova resistência, Sharon; você e eu; só depende de nós, mesmo se nos ajoelharmos e nos arrastarmos para nos apoiar, antes de nos reerguermos.

Não há espaço aqui para lidar com o poeta na tradição literária, ou com o cantor de canções. Na dança, na inovação dos instrumentos musicais e no canto das cantigas populares, sem rivais em qualquer parte do mundo, as massas populares não estão por meio deles buscando uma identidade nacional, e sim expressando uma. Os escritores das Índias Ocidentais descobriram as Índias Ocidentais e os seus habitantes, um povo da metade de nosso conturbado século, interessado na descoberta de si mesmo, determinado a descobrir-se a si mesmo, mas que não alimenta o ódio e a malícia contra o estrangeiro, mesmo diante do mais amargo passado imperialista. Para ser bem recebida no comitê das nações, uma nova nação deve contribuir com algo de novo. De outro modo isso se torna uma mera conveniência administrativa ou uma necessidade. As Índias Ocidentais trouxeram algo de novo.

Álbion também já foi
colônia como a nossa...

...perturbada
Pelos canais espumosos, e pela superfície
inútil

De amarga discórdia.

Tudo termina em misericórdia.

Tão diferente daquilo que o coração
queria.

²⁷ *Palace of the Peacock, The Far Journey of Oudin, The Whole Armour, The Secret Ladder*. Londres, Faber & Faber.

²⁸ Hoje, República Cooperativa da Guiana. Alcançou a independência em 1966, sob a liderança do Primeiro-Ministro Forbes Burnham. O país tornou-se uma República em 1970, e Burnham, seu Presidente. (N. do T.)

²⁹ Paródia da cantiga infantil de Humpty Dumpty:

Humpty Dumpty sat on a wall.

Humpty Dumpty had a great fall.

All the King's horse and all the King's men

Couldn't put Humpty Dumpty in his place again. (N. do T.)

A paixão não se perdeu, mas interiorizou-se. Toussaint tentou alcançá-la e por tentar pagou com a própria vida. Lacerada, retorcida, esticada até os limites da agonia, inoculada com medicamentos tóxicos, ela vive no Estado principiado por Fidel. Pertence ao homem das Índias Ocidentais. Por ela, Toussaint, o primeiro e maior dos homens dessas Índias, pagou com a própria vida.

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRINCIPAIS (Manuscritas)

ARQUIVOS FRANCESES

Les Archives Nationales. Milhares de relatórios oficiais e correspondências particulares perdo de 1789 a 1804. Foi a fonte principal da pesquisa.
Les Archives du Ministère de la Guerre. Vasta coleção de documentos: a correspondência Leclerc e relatórios de sua equipe, e, entre outros, uma parte da correspondência Toussaint (apreendida na guerra) etc.
Les Archives du Ministère des Colonies. Cartas de São Domingos e cópias de cartas do minist dos funcionários franceses das colônias.
Les Archives du Ministère des Affaires Étrangères. Pequena e variada coleção de documentos alguns de muita importância.
La Bibliothèque Nationale. A seção de manuscritos contém três volumes da correspondência entre Toussaint e Laveaux e dois volumes da de Sonthonax.

ARQUIVOS DE SÃO DOMINGOS

La Mission du Général Hédonville, de A. Michel. Baseia-se na coleção do dr. Price Mars, a q contém manuscritos originais de importância capital. Espera-se que sejam publicados. *The Public Record Office*. Correspondência original entre o secretário de Estado e os funcionários britânicos na Jamaica e documentos de assuntos externos (França), ambos também sobre São Domingos.

ARQUIVOS BRITÂNICOS

O Museu Britânico possui manuscritos dispersos sobre o tráfico de escravos e sobre as Inc Ocidentais. O autor não se deteve muito neles, pois só *Les Archives Nationales* dariam muitos anos. Convido outros autores o fizeram, facilitando-lhe o trabalho.

FONTES PRINCIPAIS (Publicadas)

Os debates nas assembléas revolucionárias foram encontrados nos *Le Moniteur* da época. A correspondência de Napoléon.
A grande coleção de documentos relativos à história de Paris durante a Revolução francesa, publicados sob os auspícios do Conselho Municipal de Paris. Além de fundamentais para o estudo da Revolução, contém referências à questão colonial, a São Domingos Toussaint L'Ouverture etc. Os mais úteis sobre São Domingos são: *La Société des Jacobins* Aulard (6 vols.), *Les clubs contre-Révolutionnaires*, de Challamel (1 vol.), *Paris pendant la réaction thermidorienne et sous le Directoire*, de Aulard (4 vols.) e *Paris sous le Consulat*, Aulard (4 vols.).